

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA



EDIÇÃO DA *CRÔNICA DE DOM DUARDOS*
(SEGUNDA E TERCEIRA PARTES)

Nanci Romero

VOLUME I

Doutoramento em Linguística
Especialidade Linguística Portuguesa

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA



EDIÇÃO DA *CRÔNICA DE DOM DUARDOS*
(SEGUNDA E TERCEIRA PARTES)

Nanci Romero

VOLUME I

Tese orientada pela Prof.^a Dr.^a Lênia Márcia de Medeiros Mongelli (Universidade de São Paulo) e pelo Prof. Dr. Ivo José de Castro (Universidade de Lisboa), especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa.

2012

Nanci Romero

**EDIÇÃO DA *CRÔNICA DE DOM DUARDOS*
(SEGUNDA E TERCEIRA PARTES)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em dupla titulação com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Lênia Márcia de Medeiros Mongelli – USP

Prof. Dr. Ivo José de Castro – UL

Prof.^a Dr.^a Adma Fadul Muhana – USP

Prof.^a Dr.^a Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e Almeida – UL

Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto – USP

Prof. Dr. Raúl Cesar Gouveia Fernandes – FEI

Para minha mãe,
Durvalina Francisco Romero.

Agradecimentos

Por mais longos que sejam os agradecimentos, ainda fica muito por dizer, afinal, como adentrar no mundo do conhecimento senão guiado? Neste caminho tive (e espero continuar tendo) o privilégio de ser guiada pela Professora Lênia Márcia Mongelli e pelo Professor Ivo Castro. Também segui os passos do meu amigo Raúl Cesar Gouveia Fernandes, que não esperava que tão depressa seu trabalho fosse continuado nem que isto lhe desse tão continuado trabalho.

Agradeço aos professores e amigos da Universidade de São Paulo e da Universidade de Lisboa, entre os quais, com carinho, a Luís Carlos Kinker Caliendo.

Agradeço ao Instituto Federal de São Paulo, pelo afastamento concedido e pelo privilégio de ensinar a alunos tão especiais e ao lado de amigos tão competentes. Agradeço particularmente ao meu compadre Carlos Frajuca, o Zeus.

Ao Santander pela bolsa concedida, oportunidade única, que eu adoraria que fosse usufruída por muitos, e à amiga Cristina Lopomo Defendi por todo o incentivo.

Aos meus amigos de Lisboa de todas as nacionalidades (portugueses, espanhóis, brasileiros, italianos...), por fazerem de lá minha casa.

Aos profissionais sérios e acolhedores das bibliotecas que frequentei: aos queridos amigos da Torre do Tombo, da Biblioteca Nacional de Portugal, a Vanessa Pintado da Hispanic Society of America, ao Doutor João Ruas da Biblioteca de Vila Viçosa, Doutor José Chitas da Biblioteca de Évora, Biblioteca da Ajuda, Academia de Ciências, Biblioteca do Porto, Biblioteca de Braga, Biblioteca Nacional de Espanha, Biblioteca do Cigarral del Carmen, Biblioteca Nacional de França, Biblioteca de Viena, Biblioteca Universitária de Utrecht, Biblioteca do Congresso e Biblioteca de Stanford. Agradeço em particular a Senhora Condessa Teresa Schönborn.

A minha sobrinha Rebeca Dias Romero, que no alto dos seus quinze anos mergulhou nos livros de cavalarias, ouviu e vibrou com as descobertas que fizemos.

A minha mãe, que nem sempre entendeu minhas ausências, mas que já beirando os 90 anos ainda me ajudou a cotejar manuscritos.

Às crianças: Filhinha, Filhinho, Netinhos, Ming-Ling, Ming-Linguinha, Guísela e Dóroti, por existirem.

Ao meu marido, Leonidas Sandoval Junior. Só ele sabe quanto...

A Deus.

(...) porque por mí lo he visto pasar dos y tres veces y aun cuatro una prueba y, si me tomasen juramento, juraría que no hay en ella qué corregir, y tornarla a leer y hallar en ella algunas mentiras o letras mal puestas y aun algunos que me han dado obras a imprimir, y ellos mismos ser correctores de sus obras, y decirme que en sus obras no han de llevar sola una mentira y al cabo de impresa la obra, tornarla a pasar el autor y hallar tantas que estaban espantados; así que se pasan los ojos no basta nadie a hacer que no lleve defectos, aunque más mirar y diligencia tengan.

El impresor Agustín de Paz

Apud J.M. Lucía Megías.

Aquí se imprimen libros: la imprenta en la época del Quijote.

RESUMO

O objetivo principal desta tese foi editar a segunda e a terceira partes da *Crônica de Dom Duardos*, escrita por Dom Gonçalo Coutinho no final do século XVI ou início do XVII, completando o trabalho iniciado por Raúl Cesar Gouveia Fernandes, que, em sua tese defendida em 2006, editara a primeira parte desse livro de cavalarias inédito. Dividimos o trabalho em três volumes: o primeiro contém a apresentação da obra, do autor e da edição; o segundo e terceiro volumes trazem, respectivamente, a segunda e terceira partes da *Crônica de Dom Duardos*.

ABSTRACT

The main objective of this thesis was to edit the second and third parts of the *Crônica de Dom Duardos*, written by Don Gonçalo Coutinho in the late sixteenth or early seventeenth centuries, completing the work begun by Raúl Cesar Gouveia Fernandes, who, in his thesis defended in 2006, edited the first part of this unpublished book of chivalry. We divided the work into three volumes: the first contains the presentation of the work, the author and edition, the second and third volumes bring, respectively, the second and third parts of the *Crônica de Dom Duardos*.

SUMÁRIO

Volume I

Introdução.....	10
Capítulo 1 – A Crônica de Dom Duardos: um livro de cavalarias e seu contexto...	12
1.1- Os livros de cavalarias no século XV.....	12
1.2- O ciclo dos Palmeirins.....	14
1.3- O Palmeirim de Inglaterra e suas continuações.....	16
1.4- Autoria e datação das continuações manuscritas.....	20
1.5- A difusão da Crônica de Dom Duardos	27
Capítulo 2 – Dom Gonçalo Coutinho: vida e obra.....	31
2.1- Uma biografia de Dom Gonçalo Coutinho (1565 – 1639 a 1642).....	31
2.2- A amizade com poetas, mulheres, mecenas e políticos.....	36
2.3- A obra de Dom Gonçalo Coutinho.....	52
2.4- Estilo de Dom Gonçalo Coutinho.....	66
Capítulo 3 – Elementos para a edição da Crônica de D. Duardos.....	75
3.1- Os códices.....	75
3.2- Título e descrição dos códices.....	78
3.2.1- Descrição do códice ANTT 1201.....	79
3.2.2- Descrição do códice BNP 659	84
3.2.3- Descrição do códice BNL 6829.....	87
3.2.4- Descrição do códice BDM II Ms LXX.....	91
3.2.5- Descrição do códice ANTT 410.....	94
3.2.6- Descrição do códice HC 380/800/1.....	97
3.2.7- Descrição do códice ANTT 1202.....	102
3.2.8- Descrição do códice BNL 6830.....	106
3.2.9- Descrição do códice HC 380/800/2.....	109
3.2.10- Descrição do códice ANTT 1773.....	112
3.3- Critérios de edição:.....	117
3.4- O trabalho de edição.....	117

3.5- Colaçon dos códices ANTT 1201 e BDM II LXX.....	118
3.6- A Segunda Parte da Crônica de Dom Duardos.....	127
3.7- A Terceira Parte da Crônica de Dom Duardos.....	134
3.8- Critérios de transcriçã.....	137
3.9- Normas de transcriçã.....	137
Lista com a grafia original.....	142
Lista com a divisã das palavras.....	147
BIBLIOGRAFIA.....	149
Anexos.....	167

Volume II

Resumo da Primeira Parte.....	183
Segunda Parte.....	189

Volume III

Terceira Parte.....	570
Glossário.....	779
Lista de personagens.....	795

Introdução

Os estudos sobre os livros de cavalaria portugueses têm avançado muito nos últimos anos, graças a teses como a de Isabel de Almeida¹, da Universidade de Lisboa, que analisa com profundidade os livros de cavalaria impressos, e a de Aurelio Vargas Díaz-Toledo², da Universidade Complutense de Madrid, que, além de editar o *Leomundo de Grécia*, apresenta um estudo incluindo tanto os livros impressos quanto os manuscritos. Também contribuíram as teses de Raúl Cesar Gouveia Fernandes³, da Universidade de São Paulo, que edita a primeira parte da *Crônica de Dom Duardos*, a de Margarida Alpalhão⁴, da Universidade Nova de Lisboa, que faz uma edição crítica do *Palmeirim de Inglaterra*. Merece destaque, ainda, a tese de Pedro Alvarez Cifuentes, a ser defendida brevemente na Universidade de Oviedo, sobre a *Crônica do Imperador Beliandro*.

O tema tem frequentado congressos como o da “Associação Hispânica de Literatura Medieval” e começa a motivar encontros como o “Congresso Internacional sobre Matéria Cavaleiresca”, realizado em São Paulo em 2011.

Um papel fundamental nessa área tem sido desempenhado pelo Centro de Estudios Cervantinos, sobretudo graças à publicação dos livros de cavalaria espanhóis na coleção “Libros de Rocinante”, além de outros estudos sobre o assunto. Em Portugal, está em preparação a publicação da coleção “Universo de Almourol”, com todos os livros de cavalaria portugueses. No Brasil, será publicada proximamente uma nova edição do *Palmeirim de Inglaterra* e já há planos para a publicação da *Crônica do Imperador Clarimundo*.

¹ ALMEIDA, Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e. *Livros portugueses de cavalaria, do Renascimento ao Maneirismo*. Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1998.

² VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio. *Estudio y edición crítica del Leomundo de Grécia, de Tristão Gomes de Castro*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2007. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Filología Románica, Filología Eslava y Lingüística General da Universidad Complutense de Madrid.

³ FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. *Crônica de D. Duardos (Primeira parte) - Cód. BNP 12904 - Edição e estudo*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa da FFLCH da Universidade de São Paulo, 2006.

⁴ ALPALHÃO, Margarida Maria de Jesus Santos. *O amor nos livros de cavalaria – O Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes: edição e estudo*. Tese de doutoramento. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2008.

É neste contexto motivador que se insere o presente trabalho. O objetivo principal desta tese foi editar a segunda e a terceira partes da *Crônica de Dom Duardos*, completando o trabalho iniciado por Raúl Cesar Gouveia Fernandes, que, em sua tese escrita em 2006, editara a primeira parte desse livro de cavalarias inédito.

Dividimos o trabalho em três volumes: o primeiro contém a apresentação da obra, do autor e da edição; o segundo e terceiro volumes trazem, respectivamente, a segunda e terceira partes da *Crônica de Dom Duardos*.

O primeiro capítulo apresenta um breve panorama dos livros de cavalarias no século XVI, focando o ciclo dos palmeirins, ao qual pertence a *Crônica de Dom Duardos*. Em seguida são apresentados alguns novos dados, com os quais acreditamos encerrar a questão da autoria da obra, ao mesmo tempo que propomos uma revisão de sua datação. Por fim, são apresentadas informações sobre a difusão tardia desse livro de cavalarias, atestando o interesse que suscitou.

O segundo capítulo traz uma biografia atualizada e abrangente de Dom Gonçalo Coutinho, com aspectos que ultrapassam o político e o amigo de Camões, ângulos mais conhecidos. Também são apresentadas as demais obras do Coutinho poeta e escritor, bem como considerações sobre seu estilo.

O terceiro capítulo descreve detalhadamente os manuscritos existentes da *Crônica de Dom Duardos*, expõe os critérios de edição, a justificativa para a eleição dos códices utilizados na presente edição, bem como as normas de transcrição empregadas.

Completam o trabalho algumas ferramentas para auxiliar o leitor, tais como um glossário, no qual buscamos sobretudo chamar a atenção para vocábulos que sofreram alteração de significado.

Acreditamos que este trabalho, ao trazer a público um livro de cavalarias que, mesmo tendo permanecido manuscrito foi bastante lido, deve contribuir para o avanço dos estudos sobre o gênero.

Capítulo 1

A Crônica de Dom Duardos: um livro de cavalarias e seu contexto

1.1- Os livros de cavalarias no século XVI

Os livros de cavalarias, cujas raízes remontam a uma tradição medieval, conheceram um êxito enorme na Espanha ao longo de todo o século XVI. Seu sucesso, porém, não se restringiu a terras espanholas nem a esse século, mas foi se espalhando por toda a Europa e América como afirma Lucía Megías:

un género con casi dos siglos de vida, compuesto por más de setenta títulos diferentes, de los que se hicieron decenas de ediciones durante los siglos XVI y XVII, y se imprimieron miles de ejemplares, difundidos por toda Europa y América; género que es una de las columnas vertebrales de la industria editorial hispánica en el XVI (en especial para algunos talleres, como los de la dinastía de los Cromberger en Sevilla) y que conforma la base del imaginario de la ficción en español (cuando lo español se convirtió en el modelo cultural y literario de la Europa de su tiempo) y del nacimiento de la novela moderna⁵.

As inúmeras traduções de livros de cavalarias realizadas na Itália, França, Inglaterra, Alemanha e até Holanda confirmam o êxito e difusão do gênero⁶. Na Itália, em que a influência espanhola era mais forte graças ao domínio de Nápoles e Sicília e à presença de espanhóis no Vaticano, não foram apenas traduzidos, mas também criados novos livros de cavalarias. Estas obras originalmente escritas em italiano depois foram traduzidas para o francês, o inglês e o alemão.

Como as traduções para o inglês foram feitas a partir do francês ou do italiano, na Inglaterra o gênero começou seu sucesso um pouco mais tarde, mas também se prolongou por mais tempo. Segundo Thomas⁷, a popularidade dos livros de cavalarias se manteve por mais tempo ali porque “este gênero jamás atrajo en Inglaterra a la clase culta, como ocurrió en el continente; por consiguiente, tuvieron poca influencia creadora, aparte de promover débiles

⁵ *Antología de libros de caballerías castellanos*. Coordenação de José Manuel Lucía Megías. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2001, p. XIV.

⁶ Uma obra que dá a dimensão desse sucesso é: THOMAS, Henry. *Las novelas de caballerías españolas y portuguesas*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 198-199.

imitaciones.” Apesar disso, o estudioso reconhece a influência de *Espejo de príncipes y caballeros* (Zaragoza, 1555) no *Ivanhoé*, de Walter Scott.

Já em França, segundo Thomas⁸, a penetração dos livros de cavalarias começa por mãos reais:

el rey Francisco I, cuando en 1525-26 estuvo en Madrid como prisionero de guerra, tuvo conocimiento del *Amadís*. En esta misma época, y quizá en Madrid mismo, uno de sus oficiales de artillería, Nicolas de Herberay, señor des Essarts, entró en relación con el rey, y por instigación suya emprendió su traducción al francés.

Os livros de cavalarias, sobretudo o *Amadis de Gaula*, traduzidos para o francês gozaram de tal acolhida que Thomas⁹ afirma:

Y si las muchas ediciones aparecidas entre 1559 y el año de la publicación de *Don Quijote* son testimonio del valor que posee el *Amadís* para la lengua francesa, también es una consistente demostración de la influencia de esta novela en la literatura francesa, pues con ningún otro libro pueden vincularse tan claramente las novelas heroicas del siglo XVII.

Não é de se estranhar tal acolhida, pois, nas palavras de Marín Pina, o livro de cavalarias que “fija efectivamente la poética del género, pero también su diseño editorial, pues todos los demás siguen las características físicas del ‘padre de toda esta máquina’, como lo llamó Lope de Vega en *Las fortunas de Diana (Novelas a Marcia Leonarda)*” é o *Amadis de Gaula*, de Garci Rodriguez de Montalvo, o qual, juntamente com suas continuações, constitui o ciclo dos amadises. A edição mais antiga ainda existente dessa obra data de 1508, porém Eisenberg é categórico¹⁰:

hubo al menos dos ediciones perdidas de Amadís de Gaula anteriores a 1508 (§1225), y la edición zaragozana de 1508 no es la más fiel, de las existentes, al texto de Montalvo, del cual también se ven reflejos en la traducción hebrea (§961). (Por favor, no escriban que *Amadís de Gaula* es de 1508 y *Las sergas de Esplandián* de 1510, y desde luego que no fueron publicados por Montalvo en dichos años). Hemos vuelto a conceder validez a la mítica fecha de 1496 para la edición príncipe de Amadís de Gaula. Nadie sabe de dónde ha procedido dicha fecha, pero el bibliógrafo decimonónico que la apuntó habrá tenido un motivo para consignar

⁸ *Idem, ibidem*, p 151.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 165.

¹⁰ EISENBERG, Daniel. “Estado actual del estudio de los libros de caballerías castellanos” Comunicação no *IV Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*, Lepanto (Náfpaktos, Grecia), 5 de octubre, 2000. Palma, Universitat de les Illes Balears, 2001.

una fecha determinada, y según Rafael Ramos, concuerda bien con los datos internos o "cronotopo" de la obra

Embora tenha havido muita polêmica¹¹ sobre a origem medieval portuguesa da história de Amadis de Gaula, o fato é que a versão atualmente conhecida de Garci Rodriguez de Montalvo foi a que deu, nas palavras de Lucía Megías¹², “comienzo a uno de los ciclos narrativos y linajísticos más fructíferos de nuestra literatura europea, ya que a los doce libros en castellano se suman trece continuaciones italianas y varias alemanas”.

O ciclo dos Amadises ainda estava em seu início quando foi publicado um livro de cavalarias que, seguindo o modelo de Rodriguez de Montalvo, mas original em diversos aspectos, iniciaria um novo ciclo.

1.2- O ciclo dos Palmeirins

*Palmerin de Olivia*¹³, livro publicado anonimamente em Salamanca no ano de 1511, daria início ao segundo ciclo mais fecundo dos livros de cavalarias. As múltiplas edições¹⁴, traduções e continuações impressas e manuscritas evidenciam o sucesso alcançado por esse ciclo, não só na Península Ibérica. Segundo Patchell¹⁵, “the *Palmerin* romances in English translation were among the most popular books of their time and (...) they contributed to the cultural history of our ancestors and to the tradition of English fiction.”

Inicialmente se acreditou que o autor do *Palmerín de Olivia* fosse uma mulher, pois nos versos latinos que acompanham a obra cita-se que “femina composuit”. Marín Pina¹⁶ defende que seu autor seja Francisco Vázquez, cujo nome só aparecerá no segundo livro do ciclo, o *Primaleón*¹⁷, publicado alguns meses depois, já no ano de 1512. Nesta obra, Francisco

¹¹ Uma apresentação detalhada dessa polêmica, em que espanhóis, portugueses e franceses disputavam a paternidade do *Amadis de Gaula*, pode ser lida em: CACHO BLECUA, Juan Manuel. Introducción. In: RODRÍGUEZ DE MOTALVO, Garci. *Amadís de Gaula*. 2. ed., Madrid: Cátedra, 1991, vol. 1, p. 57-81.

¹² LUCÍA MEGÍAS, José Manuel (Organizador). *Amadis de Gaula y el nacimiento de los libros de caballerías*. Toledo, Biblioteca Castilla-La Mancha, 2009, p. 13.

¹³ *Palmeirín de Olivia*, Salamanca: Juan de Porras, 1511.

¹⁴ 12 edições entre 1511 e 1581.

¹⁵ PATCHELL, Mary. *The Palmerin romances in elizabethan prose fiction*. New York: Columbia University Press, 1947, p. xii.

¹⁶ *Palmerín de Olivia*. Introdução de Maria Carmen Marín Pina. Edição e apêndices de Giuseppe di Stefano. Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, (Libros de Rocinante, 18), 2004.

¹⁷ *Primaleón*. Edição de Maria Carmen Marín Pina. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, (Libros de Rocinante, 3), 1998.

Vázquez aparece como tradutor da língua grega para o castelhano, empregando aquilo que viria a se constituir no *topos* da falsa tradução.

Marín Pina ressalta a originalidade do *Palmerín de Olivia*, pois até a data em que foi publicado, as demais obras impressas pertenciam ao ciclo do Amadis ou, como o *Tristán de Leonís*, eram tradução de uma obra francesa. *Palmerín de Olivia* apresenta um novo herói, empregando uma estrutura narrativa simples (busca das origens e conquista da mulher amada), poucas descrições e uma linguagem coloquial. Segundo Marín Pina¹⁸:

La libertad de la que dispone [o autor] le permite, por tanto, elegir y seleccionar los materiales que le brinda la tradición y modelarlos a su gusto, creando de este modo una obra que, dentro del modelo genérico ya acuñado por Rodríguez de Montalvo, aporta importantes novedades capaces de afianzar y enriquecer el desarrollo de la narrativa caballeresca que por entonces comenzaba a despegar.

Ao compor o *Primaleón*, o autor aparentemente tencionava encerrar o ciclo, pois narra a morte de Palmerín de Olivia e apresenta um resumo da vida de seu neto mais valente, filho de Primaleón, chamado Platir. Isso, entretanto, não impediu que, em 1533, na cidade de Valladolid, fosse publicada outra obra anônima dando continuidade ao ciclo. Trata-se de *Platir*¹⁹, cujo autor se acredita ser Francisco Enciso de Zárate. Nessa obra, o autor “corrige” algumas informações apresentadas no *Primaleón* e dá continuação a um livro que, na opinião de Fernandes²⁰,

parece ter sido recebido com relativa frieza pelos leitores espanhóis. É possível que o protagonismo conferido a Florinda – a qual, vestida de cavaleiro para resgatar o amado de um encantamento, protagoniza algumas aventuras e chega mesmo a conquistar o amor de outra donzela, sem que ela percebesse tratar-se de mulher disfarçada – tenha desagradado ao público.

O ciclo dos Palmeirins cresceria com a publicação de uma continuação italiana do *Platir*, em 1548, feita por Mambrino Roseo, chamada *Flortir*, personagem já prevista na obra anterior. Mas foram as aventuras de outro neto de Palmerín de Olivia, chamado Palmeirim de

¹⁸ *Idem*, *Palmerín de Olivia*, p. XII.

¹⁹ *Platir*. Edição de Maria Carmen Marín Pina. Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, (Libros de Rocinante, 1), 1997.

²⁰ FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. *op. cit.*, p. 28. Nessa obra o autor apresenta um quadro bastante detalhado de todo o ciclo dos Palmeirins.

Inglaterra, que gozaram de maior sucesso e mereceram ser salvas das chamas em que arderam quase todos os livros de Alonso Quijana²¹.

1.3- O *Palmeirim de Inglaterra* e suas continuações

O *Palmeirim de Inglaterra* foi escrito por Francisco de Moraes, possivelmente durante sua permanência em França, e lá deve ter sido publicado por volta de 1544. Segundo Margarida Alpalhão,²² o exemplar da Biblioteca del Cigarral del Carmen TO-BI-2-U3 NR 533 é o único remanescente dessa primeira edição. Durante muito tempo, a edição mais antiga de que se tinha notícia era a castelhana de 1547-48, anterior à publicação portuguesa de Évora, de 1567. Esse fato, em parte, foi o responsável por se questionar a autoria de Francisco de Moraes, embora já se supusesse a existência de uma edição em língua portuguesa publicada no início da década de 40 e os biógrafos portugueses o apontassem como autor. Todos os avanços e retrocessos da polêmica, cuja resolução envolveu estudiosos portugueses, espanhóis, brasileiros e ingleses foram arrolados por Vargas Díaz-Toledo²³ na introdução de sua edição do *Palmerín de Inglaterra* em castelhano.

A herói da obra é neto de Palmerín de Olivia por parte da mãe, Flérida, filha deste e esposa de Dom Duardos. Fernandes²⁴ chama a atenção para a bifurcação do ciclo gerada pela publicação do *Palmeirim de Inglaterra*, pois este pertence à mesma geração de Platir, outro neto de Palmerín de Olivia, e enfatiza que esta obra é “considerada por muitos o exemplar mais bem acabado dentre os livros de cavalarias em língua portuguesa”.

Antes dessa obra, já havia sido publicada em Portugal a *Crônica do Imperador Clarimundo, donde os reis de Portugal descendem*, de João de Barros²⁵. A obra da juventude do importante historiador, merece, nas palavras de Figueiredo²⁶ “lugar entre as criações literárias mais representativas do espírito épico português do século XVI”. Essa opinião está

²¹ CERVANTES, Miguel de. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, capítulo 6.

²² ALPALHÃO, Margarida Maria de Jesus Santos. *op. cit.*

²³ MORAES, Francisco de. *Palmerín de Inglaterra*, ed. Aurelio Vargas Díaz-Toledo, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2006.

²⁴ FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. *op. cit.*, p. 32.

²⁵ BARROS, João de. *Crônica do Imperador Clarimundo, donde os reis de Portugal descendem*. Lisboa, Germão Galharde, 1522.

²⁶ *Apud* MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. *Clarimundo e a épica de João de Barros*. Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982, p. 7.

bastante pautada no famoso episódio das profecias do sábio Fanimor, mas para Mongelli²⁷, esse episódio, “amputado do contexto, perde muito de sua significação”, além de que a obra apresenta “valores de ordem principalmente estética. A começar pelo enredo, cuja organicidade e simetria chamam a atenção”.

Em 1567, Jorge Ferreira de Vasconcelos publicou o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, que, como enfatiza Massaud Moisés, é uma novela “portuguesíssima: pela apologia aos reis de Portugal, D. João III, o infante D. João, D. Sebastião, pelo exaltar do patriotismo”.²⁸ Segundo Vargas Díaz-Toledo²⁹:

hay que apuntar que existen referencias fidedignas de una primera versión mucho más amplia, impresa en formato folio en 1554 con el título de *Livro primeiro da primeira parte dos Triunfos de Sagamor, rey de Inglaterra e França, em que se tratam os maravilhosos feitos dos cavaleiros da Segunda Távola Redonda* (Coimbra, ¿João Álvares o João de Barreira?)

Os demais livros de cavalarias publicados³⁰ em Portugal, em língua portuguesa,³¹ pertencem ao referido ciclo dos Palmeirins e deles trataremos a seguir.

O *Palmeirim de Inglaterra* deu origem a três ramos distintos, sendo um italiano e dois portugueses. A primeira continuação do *Palmeirim de Inglaterra* foi escrita em italiano por Mambrino Roseo³² e publicada já em 1559. Essa obra teve mais duas edições, uma em 1584 e outra em 1609³³; e ainda foi traduzida para o inglês por Anthony Munday e publicada em 1602. As continuações em língua portuguesa subdividem-se em dois ramos, sendo um

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 11.

²⁸ MOISÉS, Maussaud. A novela de cavalaria no Quinhentismo Português. In: *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, nº 218, São Paulo, 1957, p. 13.

²⁹ VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio. *Estudio y edición crítica del Leomundo de Grécia, de Tristão Gomes de Castro*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2007. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Filología Románica, Filología Eslava y Lingüística General da Universidad Complutense de Madrid.

³⁰ O estudo mais completo sobre os livros de cavalarias portugueses manuscritos é a já citada tese de Aurelio Vargas Díaz-Toledo.

³¹ Em Portugal também foram publicados livros de cavalarias em castelhano.

³² *Libro de i valorosi cavalieri Palmerino d'Inghilterra, e Florianio su fratello. Dove si trattano insieme le valorose imprese de Primaleone secondo, e di molti altri giovani cavalieri, con molte strane aventure, e mirabili successi e stratageme nom mai piu intese*. Novamente tradotto di Spagnuolo in Italiano. Con privilegio. In Venetia, apresso Francesco Portonaris da Trino, 1559. Esta edição traz, além da tradução das duas partes escritas por Francisco de Moraes, a continuação escrita por Mambrino Roseo.

³³ BOGNOLO, Anna. Las novelas de caballerías (1995-99). In: *Actas del V Congreso Internacional de la Asociación Internacional Siglo de Oro (AISO)*. STROSETZKI, Christoph (Coord.). Madrid / Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2001, pp. 215-238.

impresso e outro manuscrito. O ramo das continuações impressas³⁴ é formado pela *Terceira parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra* (ou *Dom Duardos de Bretanha*) e pela *Quarta parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra* (ou *Dom Duardos II*³⁵), escritas por Diogo Fernandes³⁶ e publicadas conjuntamente em 1587, com nova edição em 1604, e finalmente pela *Quinta e sexta parte de Palmeirim de Inglaterra*, escritas por Baltasar Gonçalves Lobato³⁷ e publicadas em 1602. Já o ramo das continuações manuscritas, de autoria de Dom Gonçalo Coutinho, compõe-se de três partes³⁸, que também narram a geração dos filhos de Palmeirim.

Ou seja, tanto a obra italiana de Mambrino Roseo, quanto a obra impressa de Diogo Fernandes, como ainda a manuscrita de Dom Gonçalo Coutinho são continuações diretas do *Palmeirim de Inglaterra*, isto é, pretendem prosseguir com a história a partir do ponto em que a finalizou Francisco de Moraes, ou seja, da batalha que destruiu Constantinopla, obrigando o sábio Daliarte a levar reis e cavaleiros, mortos e feridos, e também suas mulheres para a Ilha Perigosa, onde nasceriam os novos príncipes e cavaleiros, ali permanecendo para serem educados pelo sábio.

A relação entre essas continuações, particularmente entre as manuscritas de Dom Gonçalo Coutinho e as impressas de Diogo Fernandes deram margem a um questionamento, que Raúl Fernandes³⁹ resume em sua tese e sobre o qual se posiciona, encerrando a questão:

³⁴ Convém esclarecer que o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes foi publicado dividido em duas partes, daí as continuações começarem na terceira parte.

³⁵ Apesar de ambas as partes terem sido publicadas juntamente, há, na primeira edição, uma espécie de folha de rosto no início da quarta parte (algo incomum entre os livros de cavalarias, divididos em duas ou mais partes), e, nessa página, o nome que aparece sobre o cavaleiro é “Dom Duardos II”, diferente do nome que aparece na folha de rosto da terceira parte, onde se lê “Dom Duardos de Bretanha”. Na edição de 1604 não aparece essa folha de rosto.

³⁶ FERNANDES, Diogo. *Terceira parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra na qual se tratam as grandes cauallarias de seu filho o Principe Dom Duardos segundo, & dos mais Principes, & caualleiros que na Ilha deleytosa se crião e Quarta parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra; onde se contão os feitos do valeroso Principe o segundo Dõ Duaros seu filho; & dos famosos Principes; Vasperaldo, Primalião, & Laudimante, & de outros grandes caualleiros de seu tempo*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1604. Denominaremos esta obra *Dom Duardos de Bretanha*.

³⁷ LOBATO, Baltasar Gonçalves. *Quinta, e sexta parte de Palmeirim de Inglaterra. Chronica do famoso Principe Dom Clarisol de Bretanha, filho do Principe dom Duardos de Bretanha, na qual se cõtão suas grandes cauallarias, & dos principes Lindamor, Clarifebo, & Beliandro de Grecia, filhos de Vasperaldo, Laudimãte, & Primalião, & de outros muitos principes, & caualleiros famosos de seu tempo*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1602. Denominaremos esta obra *Dom Clarisol de Bretanha*.

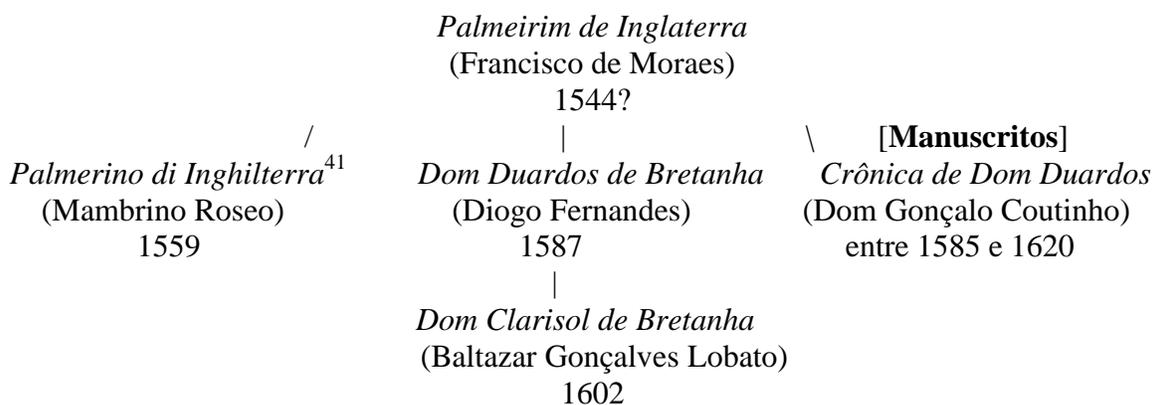
³⁸ Embora os manuscritos da segunda parte terminem prometendo terceira e quarta partes, apenas o manuscrito ANTT 1202 e sua cópia (terceira parte) terminam prometendo a tal quarta parte, os demais indicam a continuação no inexistente capítulo seguinte, deixando clara a interrupção da obra.

³⁹ FERNANDES, Raúl C. G. *op. cit.*, p. 41 (grifos nossos).

Aludimos anteriormente às hipóteses acerca da interdependência entre as continuações manuscritas do *Palmeirim de Inglaterra* e as seqüências impressas por Fernandes e Lobato. Como vimos, a *Crônica de D. Duardos* ora foi considerada como uma espécie de rascunho preliminar, posteriormente revisto e publicado por Diogo Fernandes (tese sugerida por Massaud Moisés), ora foi tida como refundição posterior ao *D. Duardos Segundo* [de Diogo Fernandes] (opinião defendida por Palma-Ferreira). A leitura do texto manuscrito e a comparação com o livro publicado em 1587 são suficientes para demonstrar que nenhuma das hipóteses referidas é correta. Na realidade, conforme já havíamos sugerido ao final do item 2, entre a *Crônica de D. Duardos* e o *D. Duardos Segundo* [de Diogo Fernandes] não há relação de dependência: *trata-se de dois textos autônomos*, cujo único traço comum é a proposta de dar continuidade à mesma obra.

Nós acrescentaríamos apenas que a continuação italiana, a primeira de todas, é a mais independente da três, pois Mambrino não manteve nem os traços básicos das personagens criadas por Francisco de Moraes. Que Floriano se encantasse por uma jovem seria possível; porém, que até mesmo o fiel Palmeirim, casado com Polinarda, se deixasse levar pela lascívia, criando obstáculos para o casamento do próprio filho com a jovem pela qual ambos estavam apaixonados, é frontalmente oposto à personagem construída por Moraes. Outra mudança marcante na continuação italiana é a morte de Leonarda, rainha de Trácia, durante o parto da filha, chamada Vitoria⁴⁰, possibilitando que Floriano reencontre Targiana, a qual se torna cristã e se casa com ele. Mambrino Roseo sente-se absolutamente à vontade para criar a sua história, sem se preocupar com enredo, características ou nomes das personagens propostas por Francisco de Moraes no capítulo final do *Palmeirim de Inglaterra*.

Vejamos um quadro recapitulativo das continuações do *Palmeirim de Inglaterra*:



⁴⁰ Como ela teve uma filha e morreu, Mambrino não dá vida a Vasperaldo, o filho previsto por Francisco de Moraes. Mambrino também troca o nome de Carmélia por Vitória.

⁴¹ A continuação de Mambrino foi feita a partir da tradução castelhana do *Palmerín de Inglaterra* e não diretamente do original português de Francisco de Moraes.

1.4- Autoria e datação das continuações manuscritas:

Embora tenhamos apontado o nome de Dom Gonçalo Coutinho como autor das continuações manuscritas do *Palmeirim de Inglaterra* e as tenhamos nomeado *Crônica de Dom Duardos*, os manuscritos conhecidos não fazem menção a Dom Gonçalo Coutinho como autor, nem apresentam o mesmo título em todos os testemunhos.

Alguns manuscritos trazem, como autor, o nome de Henrique Frusto (ou Guilherme Frusto, por erro do copista), nome que o narrador cita muitíssimas vezes durante o desenrolar da história e que remete a Anrico Frustro (ou Frusto), já citado no *Palmeirim de Inglaterra* como um antigo cronista. O narrador da *Crônica de Dom Duardos* declara-se apenas o tradutor da obra escrita por Henrique Frusto. Um dos manuscritos chega a citar o nome do suposto tradutor: Gomes Eanes Zurara! Embora esses dados tenham confundido alguns estudiosos, trata-se apenas do tópico da falsa tradução e do livro encontrado.⁴² Fernandes, em sua tese⁴³, traça uma retrospectiva completa de todas as hipóteses levantadas e termina afirmando que “o conjunto de indícios parece apontar para D. Gonçalo Coutinho como sendo o autor da *Crônica de Dom Duardos*.”

Para chegar a essa conclusão, Fernandes apoia-se na tradição, citando dois textos principais. O primeiro é a *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa Machado, onde se lê, na relação das obras de Dom Gonçalo Coutinho, “*Historia de Palmeirim de Inglaterra, e de D. Duardos* fol. 3. Tom. Era continuação desta Historia fabuloza. Estava na Livraria de João de Saldanha como afirma o P. Francisco da Cruz nas *Mem.*” O segundo texto é uma carta de Dom Vasco Luiz da Gama, na qual este cita que acabara de receber as cópias de dois livros de cavalarias de Dom Gonçalo Coutinho e diz ainda que já possuía o primeiro. Duas fontes distintas informam que o autor escrevera um livro de cavalarias em três tomos ou partes. Barbosa Machado dá o título e afirma, ainda, que essa informação lhe viera da obra do Padre Francisco da Cruz.

Pudemos ler o manuscrito da Biblioteca da Ajuda 51-V-47, que consta como tendo sido escrito pelo próprio Padre Francisco da Cruz, em cujo fólho 160r se lê, além de outras informações sobre Dom Gonçalo Coutinho, que o livro de “cavalarias é Dom Duardos” e que

⁴² Marín Pina escreveu um interessante artigo sobre o tema. “El libro encontrado y el tópico de la falsa traducción”. In *Páginas de sueños. Estudios sobre los libros de caballerías castellanos*. Zaragoza, Institución “Fernando el Católico”, 2011, p. 71-84.

⁴³ FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia, *op. cit.* p. 36-45.

se encontrava na livraria de “Dom An^{d’o?} (António?) Alvares”⁴⁴. Aparentemente esse não foi o manuscrito do Padre Francisco da Cruz lido por Barbosa Machado, que apresenta a informação extra “Historia de Palmeirim de Inglaterra” e diverge quanto ao proprietário, ao afirmar que o livro de cavalarias estava na livraria de João Saldanha.

Recentemente, tivemos acesso a um manuscrito não datado⁴⁵, pertencente ao Arquivo da Casa de Cadaval, que contém cartas de Dom Gonçalo Coutinho, em cujo fólio 178 ele comenta que as páginas seguintes conteriam papéis imaginários que fora ajuntando para depois aplicar na terceira parte do livro de Dom Duardos. Esta é a terceira informação, e desta vez proveniente do próprio autor, que nos diz que ele escrevera um livro de cavalarias intitulado *Dom Duardos*, composto de três partes. Informa ainda mais: deixa claro que a terceira parte não estava completa, exatamente como todos os manuscritos existentes dessa parte, que interrompem a narrativa no capítulo 35. Lastimavelmente, os trechos que se leem na sequência não mencionam personagens do livro nem poderiam ser aplicados *in natura* na *Crônica de Dom Duardos*, pois assemelham-se mais a cartas dirigidas a uma amada que se furta a atender os apelos constantes do escritor, demorando a responder-lhe. Trechos das várias lamentações dessas cartas poderiam ser aproveitados no livro, no qual abundam os solilóquios amorosos, mas, como dissemos, não exatamente no formato em que se encontram, pois, apesar de cartas trocadas entre amantes serem muito usuais nos livros de cavalarias,⁴⁶ na *Crônica de Dom Duardos* as personagens femininas mostram-se absolutamente alheias ao sofrimento dos cavaleiros, não havendo espaço para que estes enviem cartas reclamando respostas mais rápidas, como a que se lê no fólio 184r desse manuscrito.

De qualquer forma, a menção à terceira parte incompleta do livro de Dom Duardos feita pelo próprio autor parece-nos convincente o bastante para considerarmos encerrada a questão da autoria, que, de resto, já estava bem fundamentada na tese de Fernandes. Quanto à datação, pouco avançamos em relação à citada tese. Fernandes⁴⁷ propõe que a obra manuscrita

⁴⁴ Possivelmente António Alvares da Cunha, em cuja biblioteca, segundo Barbosa Machado, também se encontravam cartas de Dom Gonçalo Coutinho.

⁴⁵ Agradecemos à Senhora Condessa Teresa Schönborn a permissão para consultar o manuscrito de sua biblioteca particular: *Papeis e cartas particulares de D.º G.º Cout.º a diuerças pessoas & em diferentes tempos. Offrecidas por elle ao Sr. D.º R.º da Cunha Meretissimo Bispo do Porto*. Manuscrito K-V-7 (n.º 810), do Arquivo da Casa Cadaval (Teresa Schönborn). Como não tivemos autorização para transcrever trechos da obra, apenas informaremos o conteúdo das passagens mais significativas.

⁴⁶ Tema estudado por Marín Pina no artigo “De los géneros y diferencias de las cartas caballerescas”, *op. cit.* 171-217.

⁴⁷ FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. *op. cit.* p. 43

seja anterior à publicação da continuação impressa de Diogo Fernandes, portanto, anterior a 1587, e que essa publicação seria causa de a *Crônica de Dom Duardos* ter sido interrompida e de nunca ter sido publicada.

Quando Fernandes escreveu sua tese, ainda se acreditava que Dom Gonçalo Coutinho fosse bem mais velho do que de fato era em 1587; porém, como veremos no próximo capítulo, ele nasceu em 1565, portanto, em 1587, tinha por volta de 22 anos. Esse fato novo leva-nos a propor que ele não tenha escrito seu livro antes de 1585, pois seria demasiadamente jovem e isso teria merecido alguma menção dos biógrafos. Temos, portanto, um *terminus post quem* e, se não questionássemos a data limite proposta por Fernandes, teríamos conseguido datar com bastante precisão a escrita da *Crônica de Dom Duardos*. Embora essa proposta seja fundamentada, consideramos plausível a hipótese de que Dom Gonçalo Coutinho a tenha escrito independentemente da obra de Diogo Fernandes e sem a intenção de publicá-la.

Vejamos o que o autor diz no capítulo 34 da terceira parte da *Crônica de Dom Duardos*⁴⁸:

Depois de acabar de tresladar a segunda parte desta história, paramos por muito tempo sem trabalhar na terceira, que temos entre mãos, assi porque os intentos, com que se começou a obra, se acabaram na mesma conjunção, como por nos forraremos⁴⁹ a nós e àqueles leitores a quem com gosto comunicamos nossos trabalhos, pela honra e alívio que nos dão neles, da paixão que os esperava nos lacrimosos sucessos que nela se incluem. Mas tornou-nos a pôr na carreira, por ãa parte, desejo de pessoa a que se não podia resestir, sem encorrer em mores perigos ainda que os de escrever (sendo tamanhos) e, por outra, ãa pouca de carne e sangue nossa particular, em vingança ou defesa das injúrias de tresladações apressadas, a furto da confiança com que lisa e singelamente se entregaram os originaes a ânimos pouco singelos, que os tornaram adulterados naquelas cópias, pelos respeitos apontados ou por quererem por alguns outros que fossem ignorâncias nossas próprias o que propriamente eram faltas de deligências alheas.

Porém, também depois de correr ã pouca, tendo como nos foi possível mostrado a diferença da fruta, que colhe ou que escolhe o dono do pumar, à que leva o que entra a furtrar nele, metigou-se o fervor da paixão deste queixume nas considerações que logo acorreram dos acidentes desta mesma história e tornamos a fazer outra pausa nela, deixando-a no capítulo undécimo em que se vêem as mal merecidas finezas da triste Luciana, princesa digníssima da melhor fortuna, cuidando (a meu juízo, com razão) que bastaria aquilo não só para não ver quem quisesse ir mais adiante, senão para fazer aborrecível a todos, tudo o que deantes tinha deleitado a alguns.

Não foi assi, antes o que a princípio se nos confiava por uns longe da vontade, se nos mandou depois, com império absoluto, em perceito declarado, com o que nos pôs a prontidão no capítulo 34, em que vemos rotas, e quebradas, contra toda a opinião das gentes, amizades

⁴⁸ Grifos nossos.

⁴⁹ Forraremos [forrarmos] da paixão, ou seja, livrarmos do sofrimento.

de tantos anos, parentescos de tanta força, razões, e conveniências extrínsecas, com justos, e prováveis temores, de se lhe haverem de seguir mortes, latrocínios, desolações, e ruínas de reinos, e impérios cristãos, em trágica, cevil, e intestina guerra de entre eles.

E da mesma maneira foi também pouco isto, para sossegar o ânimo de quem os move, que como tem os pés postos nos casos, parece que sem receio se deleita nas misérias do mundo. Cheguei enfim, com gosto alheio e com mágoa grande minha, a escrever o roubo das princesas, como se leu no capítulo passado, matéria que leva após de si já ao mesmo trabalho, esforçado na grandeza dela, na qual bem vejo quanto melhor fora lançar ã veio de perpétuo silêncio. Apeles novo, porém por lhes não dever a eles os juízos, que podem fazer alguns curiosos de onde, e em poder de quem acordariam, determino antes aventurar-me pelas tornar a trazer à parte donde saíram, a todo o perigo, que tenho certo, com as devotas de Albaizar, se o não puder desviar de Florislao, que sempre lhe receei, que a ficar livre dele, deixando-as a elas expostas a imaginações travessas, que porventura me não estiveram a mi mal, se atendera a vingar-me da queixa que de algũa destas senhoras tenho; mas sacrificando todos os respeitos, aos seus respeitos delas, dizemos, com Henrique Frusto, que tendo o emperador dito àqueles reis, o que no capítulo passado referimos (...)

Segundo Gonçalo Coutinho, depois de “tresladada” a segunda parte, ele parou o trabalho por muito tempo para poupar os leitores dos episódios tristes que aconteceriam na terceira parte e porque os objetivos que tinha, ao começar a escrever a obra, acabaram “na mesma conjunção”. A “mesma conjunção” aparenta ser o próprio momento em que ele terminou a segunda parte; mas quais seriam os objetivos iniciais e por que deixaram de existir nesse momento? Não se pode excluir a hipótese defendida por Fernandes de que a interrupção da obra e a permanência dela como manuscrito tenham sido causadas pela publicação da obra de Diogo Fernandes. Ou seja, o objetivo de Dom Gonçalo Coutinho seria publicar, mas ao terminar a segunda parte, frustram-se seus planos, pois não teria muito sentido publicar outra continuação das mesmas aventuras.

Fernandes aventa, ainda, outra possibilidade: a de que, caso um autor soubesse da existência da outra obra, incluiria alguma indicação dentro da própria narrativa, como aconteceu no *Platir*, em que, no primeiro capítulo, o autor desmente o final da história narrada no *Primaleão*, o livro anterior do ciclo. Há, por outro lado, o caso de Feliciano de Silva, autor do sétimo livro do ciclo amadisiano, chamado *Lisuarte de Grécia*⁵⁰, que utiliza o prólogo do “corrector ao lector” de seu novo livro, o *Amadis de Grécia*, para informar que “el que hizo el octavo de nombre de [*Lisuarte*] no vio el sétimo, y si lo vio no lo entendió ni supo continuar”, referindo-se à continuação de Juan de Díaz também chamada *Lisuarte de Grécia*. Queremos dizer com isto que um eventual rebate à continuação de Diogo Fernandes poderia aparecer

⁵⁰ *Apud SALES DASÍ, Emilio J. (Edição). Introdução. Guía de Lectura Caballeresca. Lisuarte de Grecia, Alcalá de Henares, Centro de Estudos Cervantinos, 2002, p. IX*

fora da narrativa, no prólogo, que só seria composto no momento da impressão, se esse fosse o objetivo de Dom Gonçalo Coutinho.

De qualquer forma, a publicação das continuações de Diogo Fernandes seria uma explicação para o fato de a *Crônica de Dom Duardos* nunca ter sido publicada, mas não para a interrupção na terceira parte, pois, como se viu, Dom Gonçalo Coutinho afirma que parou ao concluir a segunda parte e depois continuou escrevendo a terceira e, caso o motivo tenha sido a publicação da obra de Diogo Fernandes, ciente de que já havia uma obra impressa e de que ele não publicaria a sua. Portanto, se admitirmos que parte da obra visava à publicação, teremos de aceitar que parte dela não tinha esse objetivo.

Vejam os outros aspectos da mesma questão presentes no texto transcrito. Dom Gonçalo Coutinho afirma escrever para “aqueles leitores, a quem com gosto comunicamos nossos trabalhos, pela honra e alívio que nos dão neles”. Note-se que os leitores já tinham acesso à sua obra e lhe davam “honra e alívio”, antes que ele deixasse de a “tresladar”. Aliás, o autor começa a segunda parte dizendo: “Bem vejo que têm razão os curiosos de me pedirem estreita conta de Dom Duardos”, indicando outra vez que a obra já estava sendo lida. Houve “entrega de originaes”, “tresladações apressadas” e cópias adulteradas, tudo indicando que os manuscritos estavam circulando e chegando aos leitores, cumprindo, portanto, seus objetivos. E mais, já havia entre o público leitor o grupo das “devotas de Albaizar”, ou seja, leitoras que acompanhavam com bastante interesse as desventuras de Albaizar. Note-se, por fim, que ele escreve inicialmente para atender ao “desejo de pessoa a que se não podia reseedir”, o que depois se transforma em ordem ou “perceito declarado”. É certo que podemos ler toda essa reflexão do autor como parte da “ficção literária”, mas temos provas de que ele realmente escreveu a terceira parte aos poucos, como afirma: escreveu até o capítulo 11, parou, escreveu até o 31,⁵¹ parou novamente, fez essa reflexão no 34 e interrompeu definitivamente no 35. Conforme citamos anteriormente, no manuscrito com suas cartas⁵², ele confirma a escrita intermitente da terceira parte, ao afirmar, no fólho 178, que as páginas seguintes conteriam papéis imaginários que fora ajuntando para depois aplicar na terceira parte do livro de Dom Duardos.

⁵¹ Nos manuscritos lemos 34, mas o texto descrito corresponde ao 31.

⁵² *Op. cit.* fl. 178.

Ainda refletindo sobre as possíveis razões pelas quais a *Crônica de Dom Duardos* permaneceu manuscrita, gostaríamos de acrescentar que, nas citadas cartas, ele demonstra ser rigoroso no julgamento de suas obras, alegando, inclusive, ter queimado algumas. Além disso, como bem adverte Muhana,⁵³ “a ficção em prosa [era] considerada menor que a poesia”. Dom Gonçalo Coutinho publicou *Discurso da jornada de D. Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella* e tinha condições plenas de publicar o que quisesse. Se não o fez, pode ter sido porque não o quis, como não o quiseram outros nobres da corte espanhola com os quais ele se correspondia, o conde de Salinas e o conde de Villamediana. É bem possível, portanto, que esse livro tivesse sido escrito só para passatempo seu e de seus amigos cortesãos, como assevera Vargas Díaz-Toledo⁵⁴: “una vez que pierden su función ideológica, los libros de caballerías, un género que había sido potenciado y favorecido por la monarquía desde sus orígenes, pasan a convertirse en una herramienta de pasatiempo para las clases nobles.”

Para concluir este tópico, transcrevemos uma reflexão sobre o papel dos manuscritos depois da consolidação da imprensa, feita por Fernando Bouza⁵⁵, um dos maiores especialistas nessa área, mostrando que imprensa e manuscritos atendiam a diferentes públicos e propósitos:

(...) Loin de disparaître, [les manuscrits] se spécialisèrent dans la satisfaction de pratiques ou de fonctions déterminées que l'imprimerie ne remplissait pas de façon adéquate. Nous nous trouverions, alors, devant un exemple d'*accomodatio*, de plasticité circonstancielle, d'industrielle capacité d'adaptation aux usages culturels qu'il fallait couvrir.

Personne ne niera que l'imprimé était particulièrement recommandable pour une diffusion massive, étant donné que sa mécanique permettait l'obtention de nombreuses copies, identiques ou quasi identiques, en peu de temps et à des coûts comparativement moindres. (...) Cependant, quand ce qu'on recherchait n'était pas la diffusion massive, mais le secret et la diffusion contrôlée, la forme d'écriture qui semblait la plus recommandable était le manuscrit, et c'est ainsi que la critique politique ou l'hétérodoxie spirituelle se répandirent grâce à des copies manuscrites (...)

En même temps, par leur nature propre, les imprimés étaient condamnés à être communs, parce que, en principe, ils étaient nombreux et tous semblables, outre qu'ils étaient relativement moins chers. Face à cela, le manuscrit supposait une plus grande solennité, c'est-à-dire, une plus grande dignité, une plus grande rareté, parce qu'il y en avait moins, qu'ils étaient plus chers et moins semblables les uns aux autres. (...)

⁵³ REBELO, Gaspar Pires de. *Infórtúnios trágicos da constante Florinda*. Organização, notas e posfácio de Adma Muhana. São Paulo: Globo, 2006, p. 15.

⁵⁴ DÍAZ-TOLEDO, Aurelio Vargas. *op. cit.* p.18-19.

⁵⁵ BOUZA, Fernando. *Hétérographies. Formes de d'écrit au Siècle d'Or espagnol*. Madrid: Casa de Velázquez, 2010, p. 44-47.

Parallèlement à ce corpus imprimé⁵⁶, émergea une seconde littérature écrite par des aristocrates, non par de simples hidalgos ou par des précepteurs, mais par d’authentiques courtisans de sang. Nous trouvons un exemple de cette production dans ce qu’on appelle les instructions pour héritier, écrites par un père que envoyait son jeune fils à la Cour pour qu’il commence sa carrière à l’ombre des personnes royales. Ces oeuvres, comme les instructions de Juan de Vega ou de Juan de Silva, du XVI^e siècle, n’étaient pas, en principe, pensées pour être données à l’imprimerie: elles n’étaient pas faites pour tous, mais pour quelques-uns seulement, héritiers des grandes familles de la Cour. Ce n’étaient pas de règles communes, mais des exemples destinés à une diffusion très réduite et contrôlée, celle, précisément, que permettait la copie manuscrite.”

Por tudo o que foi exposto, propomos que se considere a hipótese de a *Crônica de Dom Duardos* ter sido escrita depois da publicação da obra de Diogo Fernandes.

A data de composição da *Crônica de Dom Gonçalo Coutinho* poderia avançar para o século XVII, se o nome de uma personagem que aparece já na primeira parte não for simples coincidência, mas tenha sido influenciado pela personagem Daraja, protagonista de uma novela breve intitulada “Historia de los enamorados Ozmín y Daraja”⁵⁷, escrita por Mateo Alemán e publicada em 1599, no final do livro 1 da primeira parte da *Vida de Guzmán de Alfarache*. Embora o nome não pareça comum, assim também é chamado um mirante existente no palácio de Alhambra, localizado na cidade espanhola de Granada, do qual diz Contreras⁵⁸ que

(...) se llamaba de Daraxa⁵⁹ en 1622, y desde cuya fecha hallamos documentos con el nombre moderno. En árabe indica lugar para entrar o ascender; pero los poetas, desde el siglo XVII en adelante, suponen que era el nombre de una sultana favorita que pasaba sus días en este delicioso cuarto, lo cual es una tradición que tiene por fundamento el nombre de la sultana Aixa, llevado por muchas reinas, de las cuales sería éste un lugar predilecto [Lindaraxa⁶⁰, la casa de Aixa].

⁵⁶ *Corpus* formado de manuais impressos de comportamento do cortesão, como o de Castiglione, destinados a uma vasta parcela da população.

⁵⁷ CARRASCO URGOITI, María Soledad; LÓPEZ ESTRADA, Francisco; CARRASCO, Félix. *La novela española en el siglo XVI*. Madrid: Iberoamericana ; Frankfurt am Main: Vervuert, 2001, p. 75.

⁵⁸ CONTRERAS, R. *Estudio descriptivo de los monumentos árabes de Granada, Sevilla y Córdoba ó sea La Alhambra, El Alcázar y la gran Mezquita de Occidente*. Ed. Establecimiento tipográfico de Ricardo Fé. Madrid, 1885. p. 269, *apud* CARRILLO CALDERERO, Alicia. *Compendio de los muqarnas: génesis y evolución (siglos XI-XV)*. Córdoba, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba. 2009

⁵⁹ Daraxa ou Daraja, como Quixote ou Quijote. As diferentes escritas estão relacionadas com a pronúncia castelhana da época.

⁶⁰ No primeiro livro do *Espejo de Príncipes y Caballeros* (1555) e no terceiro livro do ciclo de Dom Belindo (ou terceira parte da *Crônica do Imperador Belindro*) há personagens chamadas Lindaraxa.

Um último elemento a ser considerado para a datação da *Crônica de Dom Duardos* são as cartas em que Dom Gonçalo Coutinho faz menção ao livro que estava escrevendo. Acreditamos que o conjunto básico⁶¹ dessas cartas tenha sido organizado por volta de 1620 e, nesse momento, a terceira parte já existia e continuava incompleta. Portanto, nessa data, a obra que chegou até nós já estava escrita. Além disso, pouco tempo depois, ele passa a assumir cargos no governo, que devem ter-lhe tomado muito do “engenho, peor ocupado algũ dia”, como ele declara na dedicatória do seu livro *Discurso da jornada de D. Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*.⁶²

Com base nos elementos arrolados, embora seja um período demasiado extenso, por ora limitamos a escrita da *Crônica de Dom Duardos* entre os anos de 1585 e 1620.

1.5- A difusão da Crônica de Dom Duardos

O período em que foi escrita a *Crônica de Dom Duardos* coincide com o momento em que, em Espanha, como lembra Lucía Megías⁶³, os livros de cavalarias deixam de ser publicados, mais por questões econômicas que literárias, e que, por isso, os livros manuscritos “al margen de la difusión de la imprenta, se convierten a partir de finales del siglo XVI en el medio de supervivencia del género caballeresco.” Ainda assim, entre os livros de cavalarias espanhóis manuscritos, nenhum chegou até nós em mais de duas cópias; o mesmo acontecendo entre os portugueses, com exceção apenas dos livros do ciclo de Dom Belindo⁶⁴ (ou *Crônica do Imperador Beliandro*), que tiveram mais cópias do que a *Crônica de Dom Duardos*, transcrita pelo menos 18 vezes⁶⁵. E ainda mais importante: essa obra continuou sendo copiada aproximadamente 150 anos depois de escrita. Como veremos no terceiro

⁶¹ Desenvolveremos esse aspecto no terceiro capítulo.

⁶² COUTINHO, D. Gonçalo. *Discurso da jornada de D. Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1629.

⁶³ LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. *Antología de libros de caballerías castellanos*. Coordenação de José Manuel Lucía Megías. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2001, p. XXI.

⁶⁴ ROMERO, Nanci. O fragmento de Évora da *Crônica do Imperador Beliandro*. In: *VII Jornada Nacional de Filologia*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011; *idem*. *Crônica do Imperador Beliandro de Grécia ou História Grega do Imperador Beliandro: uma revisão dos manuscritos*. In: *Atas do Congresso sobre Matéria Cavaleiresca*. São Paulo: Ateliê, 2012 (no prelo); *idem*. *Crônica do Imperador Beliandro de Grécia ou História Grega do Imperador Beliandro: uma proposta de estema*. In: *Actas do XIV Congreso de la AHLM*. Murcia: Universidad de Murcia, 2012 (no prelo).

⁶⁵ Considerando-se que existe um manuscrito perdido, do qual trataremos no terceiro capítulo.

capítulo, pelo menos sete cópias⁶⁶ da *Crônica de Dom Duardos* foram realizadas por volta de meados do século XVIII.

Numa publicação de uma academia literária chamada *Opposiçoens da Academia Fleugmatica*⁶⁷, de 1731, encontramos uma citação muito interessante de várias personagens dos livros de cavalarias, entre estas algumas do ciclo dos Palmeirins, das quais uma nos interessa particularmente: Dom Floris. Trata-se de uma personagem lusitana presente apenas na continuação manuscrita de *Palmeirim de Inglaterra*, ou seja, não estava prevista na obra original de Francisco de Moraes nem apareceu nas continuações impressas de Diogo Fernandes ou de Baltazar Gonçalves Lobato, mas apenas na *Crônica de Dom Duardos*. Tratando-se, portanto, de personagem exclusiva deste livro de cavalarias,⁶⁸ temos uma prova de que ainda suscitava interesse no século XVIII, e um interesse tal que permitia que todo um grupo de intelectuais da época reconhecesse a personagem citada. Isabel Almeida, em sua tese⁶⁹, já alertava que, no caso de Portugal, pode-se “supor que mais intensamente duradouro haja sido o interesse gerado por estas narrativas” do que poderia indicar a aparente “interrupção, quase brusca, no início do século XVII” de publicações de obras do gênero.

Segundo Ares Montes⁷⁰, as academias literárias portuguesas, inspiradas nas academias espanholas existentes desde finais do século XVI e muito difundidas a partir dos primeiros anos do XVII, eram compostas por integrantes da

⁶⁶ Os manuscritos BNP 483, BNP 12904, ANTT 1201, ANTT 1202, BDMII LXX, HC/380/800/1 e HC/380/800/2.

⁶⁷ TAVORA, Jeronymo Tavares Mascarenhas. *Folhetos de ambas Lisboas*. Reservado 113 V da Biblioteca Nacional de Portugal. Esta obra reúne um conjunto de folhetos, entre os quais as *Opposiçoens da Academia Fleugmatica*.

⁶⁸ Gaspar Pires de Rebelo (nascido em 1585, falecido antes de dezembro de 1642), na obra *Infortúnios trágicos da Constante Florinda*, nomeia uma personagem Dom Flóris. Trata-se do nobre residente em Saragoça, Aragão, pai da personagem central, a constante Florinda. Vê-se que não se trata de um cavaleiro andante, como o D. Floris da *Crônica de D. Duardos*. Também pode-se citar Flores e Brancaflor ou ainda a personagem principal do livro de cavalarias francês escrito por Herberay des Essarts e publicado em 1552 sob o título *Le Premier Livre de la chronique du très vaillant et redouté Dom Florès de Grèce, surnommpe le Chevalier des Cygnes, second fils d’Esplandian, empereur de Constantinople*. Apud LOSADA GOYA, José Manuel. *Bibliographie critique de la littérature espagnole en France au XVII^e siècle*. Genève, Librairie Droz S.A., 1999, p. 28. Apesar da existência de um Flores, um Dom Flóris e um Dom Florès, o nome que aparece no verso é Dom Floris, oxítone (ou o decassílabo deixaria de ser heroico como os demais versos) exatamente como registraram os copistas da *Crônica de Dom Duardos*, que escreviam *flores*, quando se tratava do substantivo comum. Além disso, aparece ladeado por personagens do ciclo dos Palmeirins: Beroldo e Platir, sendo que o primeiro era o rei de Espanha, que na terceira parte da *Crônica de Dom Duardos* rompe com o imperador de Grécia em virtude de uma injustiça cometida exatamente contra Dom Floris.

⁶⁹ Isabel Almeida, *op. cit.* p. 74.

⁷⁰ ARES MONTES, José. *Góngora y la poesia portuguesa del siglo XVII*. Madrid: Editorial Gredos, 1956, p. 69-70.

nobleza del reino, sin que por ello se cerraran sus puertas a ingenios de más humilde origen, particularmente en los certámenes. Tuvieron una vida tan dilatada y arraigaron de tal modo en la vida portuguesa estas reuniones, que la Academia Lusitana, fundada en 1756 como reacción frente al gongorismo representado por aquellas Academias, no fué sino otro eslabón en la cadena académica, aunque, claro es, orientado hacia el neoclasicismo.

Dom Gonçalo Coutinho, no capítulo 28 da terceira parte da *Crônica de Dom Duardos*, oferece-nos um retrato da fictícia Academia de Floramão:

compunham-se versos, faziam-se motes e de ordinário se juntavam todos os mancebos e ainda dos outros em casa de Floramão, quando o emperador dava lugar, que por lhes não ser pesado, assestia naquela academia presidindo nas questões, que cada ã movia, conforme ao humor de todos (...)

No século XVIII, além das academias oficiais, como a Academia Real de História Portuguesa, fundada em 1720 e da Real Academia das Ciências de Lisboa (hoje Academia das Ciências de Lisboa⁷¹), criada em 1779, houve numerosas academias literárias jocosas, às vezes formadas por alguns dos próprios membros das academias oficiais, mas com objetivos mais alegres ou sarcásticos. Uma das tantas existentes foi a Academia Fleumática, que entre suas atividades propunha disputas ou oposições acerca de diversos temas, tais como decidir qual foi a maior aventura de Dom Quixote. Cada opositor devia argumentar a favor de uma das aventuras. Nesse contexto surge a citação de D. Floris, que transcrevemos a seguir⁷²:

Oposições da Academia Fleumática, quando vagou a Cadeira de Retórica por falecimento de João de Almeida, Careca das Cozinhas. nº 22, Sexta-feira 18 de maio de 1731.

Abriu-se ponto ao opositor Joseph Rato no livro da História *del ingenioso hidalgo D. Quixote de la Mancha*, e saio-lhe a Aventura dos Moinhos de Vento; e ao Mané de Santa Clara lhe saio na mesma história a Aventura da Serra Morena, para cada um mostrar com sua erudição que a aventura que lhe saio foi a mayor que aquele cavaleiro obrou.

Ostentação de Joseph de Santa Clara

Foi o bravo Manchego
 Heroe de coração rijo, e valente,
 oriundo Galego,
 não trouxe chuça (própria desta gente)

⁷¹ A Academia das Ciências possui ainda hoje em sua biblioteca um exemplar da *Crônica de D. Belandro*, atribuída a Dona Leonor Coutinho.

⁷² TAVORA, Jeronymo Tavares Mascarenhas. *op. cit.*.

mas lança sim, com lança está pintado
na folha do seu livro celebrado.

Foi Cavaleiro Andante,
como o foi Palmeirim de Inglaterra,
e o brabo Detriante⁷³,
e outros, que o mundo punham em viva guerra,
Polendos, Amadis, Dramusiando,
Beroldo, Dom Floris, Platir, e Orlando.

Também nessa época foram realizadas algumas cópias do ciclo de Dom Belindo, sendo possível que a última parte desse ciclo tenha sido composta no início do século XVIII. Também é nesse momento que, segundo Vargas Díaz-Toledo⁷⁴,

localizamos el epígono del género caballeresco en suelo luso, un conglomerado textual de elementos histórico-mitológicos, maravillosos y alegóricos situados en un marco cada vez más irreal. Se trata de la anónima *História do príncipe Belidor Anfíbio*, de la que sólo ha sobrevivido un manuscrito con la Cuarta parte completa más la mitad de la Tercera.

Além das obras manuscritas, em 1742 foi publicada uma nova edição da *Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem*⁷⁵, que contaria com mais uma edição em 1790. Em 1786 tinha sido publicada nova edição da *Cronica de Palmeirim de Inglaterra*⁷⁶.

Esse conjunto de livros – originais, cópias e publicações – parece-nos indicar que a literatura cavaleiresca no século XVIII merece um estudo mais atento, que ultrapassa o objetivo deste trabalho.

⁷³ Segundo Madroñal, o “valente Detriante” seria um erro de impressão só corrigido a partir da edição de John Bowle, Londres, 1781; a forma correta seria “valente de Tirante”, referindo-se a Tirante el Blanco. MADROÑAL, Abraham. De nuevo sobre “Gante y Luna” (I, 51). ¿Otra errata en el primer Quijote?. In: *Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America*, 30.1 (Spring 2010): 33-46. <http://www.h-net.org/~cervant/csa/artics10/MadronalS10.pdf>

⁷⁴ DÍAZ-TOLEDO, Aurelio Vargas. *op. cit.* 103-104.

⁷⁵ BARROS, João de. *Chronica de Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem* / tirada de linguagem ungara por João de Barros ; e agora novamente accrescentada com a vida deste Escriitor por Manuel Severim de Faria. - 4ª imp. Lisboa : Na Officina de Francisco da Sylva, 1742.

⁷⁶ *Crónica de Palmeirim de Inglaterra. Primeira e Segunda parte por Francisco de Moraes, a que se ajuntão as mais obras do mesmo autor.* Introd. de Agostinho José da Costa de Macedo. Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira [Tomo II: Antonio Gomes], 3 vols, 1786

Capítulo 2 – Dom Gonçalo Coutinho: vida e obra

2.1- Uma biografia de Dom Gonçalo Coutinho (1565 – 1639 a 1642)

Vários autores ocuparam-se da biografia de Dom Gonçalo Coutinho, embora quase sempre o tenham feito tangencialmente, mais interessados que estavam nas suas relações com Camões ou no seu governo no Marrocos⁷⁷.

João Franco Barreto (nascido em 1600 e morto depois de 1674, contemporâneo de Dom Gonçalo Coutinho) dedica a ele os fólhos 531r a 532r da *Bibliotheca Lusitana*,⁷⁸ onde dá informações sobre sua família, atividades públicas, obras e qualidades literárias, além, é óbvio, de exaltar sua amizade com Camões. Esse autor, que nada diz sobre a data de nascimento, é o primeiro a indicar que Dom Gonçalo Coutinho teria morrido “já muito velho no ano de 1634”, o que seria depois repetido por Barbosa Machado⁷⁹ e por quase todos os que se ocuparam do assunto.

Já a *História Genealógica da Casa Real Portuguesa* de Dom António Caetano de Sousa (1674-1759) indica a morte de Dom Gonçalo Coutinho no ano de 1639, além de informar que ele servira “em África na Praça de Arzila no anno de 1578”.

Alão de Moraes (1632-1693), na *Pedatura Lusitana*, não cita datas, mas faz Dom Gonçalo Coutinho conselheiro não só de Felipe III (IV de Espanha) como de Dom João IV, o que adiará sua morte para depois de 15 de dezembro de 1640, data da aclamação do novo rei.

No verbete a ele dedicado pela *Verbo Enciclopédia luso-brasileira de cultura*⁸⁰, escrito por Antônio Augusto Gonçalves Rodrigues, encontramos a indicação de sua morte entre os anos de 1642 e 1644: “Barbosa Machado erra a data do falecimento, que deve ter sido entre 27.2.1642 (data do alvará que lhe respeita) e 15.1.1644 (em que é dado por falecido, em doc. da Chancelaria da Ordem de Christo).”

⁷⁷ RICARD, Robert. *Mazagan et le Maroc sous le règne du Sultan Moulay Zidan (1608-1672). D'après le "Discurso" de Gonçalo Coutinho, gouverneur de Mazagan (1629)*. Paris: Paul Geuthner, 1956.

⁷⁸ BARRETO, João Franco. *Bibliotheca Lusitana*, fotocópia do manuscrito pertencente à Casa de Cadaval e disponível na Sala de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, 6 vols.

⁷⁹ MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana histórica, crítica e cronológica*. 2.ed., Lisboa: Bertrand, 1930-1935, 4 vols.

⁸⁰ *Verbo Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Lisboa, Editorial Verbo, volume 6.

Em nossa pesquisa, encontramos novas informações que nos permitem afirmar que ainda vivia em 03/09/1639, quando assinou, em presença do tabelião público Leão Ricardis Ribeiro, uma procuração para Pero de Araújo Souza ser seu representante no tomo da Comenda de Santa Maria de Paços,⁸¹ e que, por outro lado, já estava morto em 10 de junho de 1642, pois no livro 9 do Registo Geral das Mercês, fólio 45v, lê-se: “Dona Maria de Oliveira veúva de Dom Gonçalo Coutinho [receba] 100 mil reis de pensão na comenda de São Miguel do Outeiro que foi do dito seu marido”. Comparando-se as informações já apresentadas por Gonçalves Rodrigues com esta nova informação, teríamos de situar a morte de Dom Gonçalo Coutinho entre os dias 27 de fevereiro e 10 de junho de 1642; no entanto, o conteúdo do dito documento de 27 de fevereiro nos faz crer que ele já estivesse morto nessa data.

Eu El Rei (...) faço saber que havendo respeito, aos serviços de Dom Gonçalo Coutinho do meu conselho de estado me fez sendo governador e capitão geral da vila de Mazagão, (...) hei por bem de lhe fazer mercê de promessa de melhora de 200 mil réis de comenda das da ordem de Cristo de que é comendador, e que fiquem por sua morte a dona Maria de Oliveira sua mulher 100 mil réis de pensão na comenda de menor rendimento das duas que já tem para que se empetrará breve de Sua Santidade e haja efeito em ãa parenta sua ainda que não seja legítima a promessa de ã lugar de freira dos mosteiros onde os tenho de meu provimento que tenha para ãa sua filha e se lhe passe alvará da promessa de ã ofício da fazenda ou da justiça para ã criado seu que nomear que tenha as partes necessárias. E pagou de meia anata a minha fazenda dos 3 alvarás de lembrança que lhe mandei passar 1200 (...) E este alvará lhe mandei passar pelo que toca somente a promessa de melhora da comenda das 2 de que é provido e dos 100 mil réis de pensão que por sua morte hão de ficar a dona Maria de Oliveira, na comenda de menor rendimento das que é provido, e a conta desta promessa lhe fiz mercê da comenda de Santa Maria de Cadima da mesma ordem que vagou por João Travassos da Costa, e para sua guarda e minha lembrança lhe mandei dar o presente alvará que lhe farei cumprir e guardar (...) e por a dita dona Maria de Oliveira representar por ãa petição perdera o alvará que deste mesmo teor se lhe passou antes de o passar pela chancelaria nem se fazer obra por ele lhe mandei passar este segundo com salva. Nicolao de Carvalho o fez em Lisboa aos vinte e sete de fevereiro de 1642.⁸²

Nota-se que o rei está repetindo um documento já feito, prometendo vários benefícios a Dom Gonçalo Coutinho, porém enfatizando que o alvará se limitava somente à promessa de pensão que ficaria para sua esposa Maria de Oliveira em caso de sua morte. E mais, foi ela e não o próprio Dom Gonçalo Coutinho quem representou por uma petição, informando que perdera o alvará anterior. Ora, um alvará normalmente é cabível quando o requerente necessita

⁸¹ ANTT / M.C.O. Tombo das Comendas TC 381

⁸² ANTT / Chancelaria da Ordem de Cristo, Livro 36, fólio 45v. (Grifos nossos). Os textos manuscritos transcritos neste trabalho obedecem aos mesmos critérios adotados na transcrição da *Crônica de Dom Duardos* e expostos no terceiro capítulo.

que uma autoridade intervenha em uma situação, eminentemente privada, com escopo de autorizar a prática de um ato. Ou seja, ela estava pedindo autorização para começar a receber a pensão a que faria jus depois da morte do marido. Há que se destacar que ela perdera o alvará anterior, ou seja, a morte de Dom Gonçalo Coutinho deve ter ocorrido bem antes de 27 de fevereiro de 1642, pois a viúva teve tempo de solicitar um alvará, perdê-lo, solicitar outro e ser atendida na citada data.

Entretanto, mais importante que a data de sua morte é a de seu nascimento, já que nos ajudaria a estabelecer o *terminus post quem* teria sido redigida a *Crônica de Dom Duardos*. Segundo Leite,⁸³ ele teria nascido por volta de 1547. Essa data é proposta com base em alguns fatos e algumas suposições. Um fato é que Dom Gonçalo Coutinho se casou com Dona Maria de Oliveira⁸⁴, já viúva de Jorge de Melo da Cunha, morto na batalha de Alcácer Quibir, em 1578, com geração, segundo Gayo⁸⁵. Uma suposição é que ela tivesse, nessa data, por volta de vinte anos, e que Dom Gonçalo fosse uns cinco anos mais velho que ela. Outro fato é que o biógrafo de Sá de Miranda, que se acredita ser Dom Gonçalo Coutinho, menciona um Henrique de Sousa com o qual teria convivido. Outra suposição é que este fosse o Comendador de Rendufe, assassinado em 1567, e que o biógrafo tivesse, então, 20 anos.

A única informação precisa que se tinha sobre a data de nascimento de Dom Gonçalo Coutinho foi apresentada por Cuvelier e Jadin⁸⁶ e citada por Ricard⁸⁷, embora sem indicação bibliográfica completa. Leite teve acesso ao livro de Ricard, mas não ao de Cuvalier e Jadin, e descartou essa data por lhe parecer inverossímil. Segundo estes autores, Dom Gonçalo Coutinho testemunhara, no dia 10 de março de 1621, no processo de nomeação de Simão Mascarenhas para a cadeira episcopal do Congo,⁸⁸ no qual constaria que “Gonçalo Coutinho, conseiller du roi, âgé de 50 ans, connait le candidat depuis environ 12 ans et sait qu’il est né à

⁸³ LEITE, António Pedro de Sousa. O retrato de Camões da coleção do professor Gonçalves Rodrigues e o problema de Dom Gonçalo Coutinho. In: *Panorama Revista Portuguesa de Arte e Turismo* n° 33/34 – IV série, março/junho, Lisboa: Secretaria de Estado de Informação e Turismo, 1970.

⁸⁴ Não se sabe a data exata do casamento, mas em 12/08/1592 Dom Gonçalo Coutinho trata do aforamento de uma lezíria chamada Moraceira, dado por Dom Sebastião a seu sogro, Manuel de Oliveira. Biblioteca da Ajuda 44-XIV-5 (n° 25), fls. 26v a 28r.

⁸⁵ O autor não informa o nome nem o sexo do filho de ambos, cita apenas “com geração”. GAYO, Felgueiras. *Nobiliário de famílias de Portugal*. Agostinho de Azevedo Meirelles, Domingos de Araújo Affonso. 17 volumes. Braga: Pax, 1938-1941.

⁸⁶ CUVELIER, J. e JADIN, L. *L’ancien Congo dans les archives romaines (1518-1640)*. Bruxelles: Academie royale des sciences coloniales, 1954, pp. 415-417.

⁸⁷ RICARD, Robert. *op. cit.*

⁸⁸ Archivio Concistoriale, Processus Consistoriales 2, ff. 755v-756r.

Alcaçovas. Il [Simão Mascarenhas] a exercé la charge de gardien du couvent de Saint-François de Xabregaz”. No entanto, ao consultarmos o citado processo, existente no Arquivo Secreto do Vaticano, lemos com absoluta facilidade que *Donnus Gundissaluus Coutinho* é descrito como tendo *etatis annorum quinquaginta quinque*, ou seja, cinquenta e cinco anos.

Donnus Gundissaluus Coutinho à Consilio Serenissimi Regis
Catholici etatis Annorum Quinquaginta quinque tatis ex off. produ-
Etis qui talis corporali scripturis sacrosanctis ad Sancta Dei
Evangelia vivamit interrogatus de constantis in Interrogatoris presentibus.

A idade apontada por Cuvelier e Jadin tornava desconfortável acreditar na suposta amizade entre Dom Gonçalo Coutinho e Camões, pois aquele seria um menino de oito a dez anos em 1580, data aceita como da morte deste e, o mais importante para nosso trabalho, a datação proposta por Fernandes para a criação da *Crônica de Dom Duardos*⁸⁹ ficaria bastante enfraquecida, pois ele a teria escrito ainda adolescente, não existindo informações sobre a precocidade literária de Dom Gonçalo Coutinho. Por outro lado, a idade realmente apontada no processo do Arquivo Secreto do Vaticano é mais plausível, embora não muito compatível com a informação de que ele servira em Arzila no ano de 1578, como afirma Dom António Caetano de Sousa, pois ele teria algo em torno de treze anos nessa data.

De qualquer forma, parece-nos pouco provável a hipótese de que a idade apresentada esteja errada, por se tratar de um importante documento original e não de simples cópia. Há que se notar, ainda, que Dom Gonçalo Coutinho, nesse documento, não trabalha com arredondamentos quando tem informações mais precisas, pois afirma conhecer Simão Mascarenhas há aproximadamente doze anos. Se ele quisesse arredondar, teria dito que o conhecia há mais de dez anos, como fez em outra parte do processo, quando afirmou que, pela aparência, julgava que o outro teria mais de quarenta anos de idade. Ou seja, quando não

⁸⁹FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. *Crônica de Dom Duardos (Primeira parte)* - Cód. BNP 12904 - Edição e estudo. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa da FFLCH da Universidade de São Paulo, 2006. O autor propõe que a obra tenha sido escrita antes de 1587, data da primeira edição impressa da continuação do Ciclo dos Palmeirins, escrita por Diogo Fernandes.

dispõe de informação precisa, ele trabalha com arredondamentos, mas não o faz se tem dados mais concretos. Ora, Dom Gonçalo Coutinho era um genealogista que chegou a escrever um livro sobre sua família; portanto, é de se crer que ele saberia exatamente a data de seu nascimento. Ainda assim, porém, temos de trabalhar com a hipótese de que tenha nascido entre março de 1565 e março de 1567, pois é possível que, ao indicar sua idade, ele o tenha feito da maneira que era usual antigamente – informando não os anos completos, mas os anos a completar. Quer dizer, se ele tivesse nascido em janeiro de 1567, teria completado 54 anos dois meses antes de testemunhar, mas já estaria vivendo o seu quinquagésimo quinto ano e, por isso, poderia ter afirmado estar com 55 anos.

Como prova final da exatidão da data apontada no documento do Arquivo Secreto do Vaticano, gostaríamos de apresentar a informação preciosa de um manuscrito⁹⁰, até aqui inédito, que corrobora essa datação. Numa carta escrita por Dom Gonçalo Coutinho ao Conde de Vila Nova, datada de 6 de dezembro de 1603, ele afirma ter 38 anos, o que significa que temos a confirmação de 1565 como seu ano de nascimento, embora ainda possamos trabalhar com a possibilidade de ter nascido em 1566, pelos motivos expostos no parágrafo anterior.

Essa nova data de nascimento permite-nos levantar uma hipótese para explicar sua relação com Camões, pois um jovem de aproximadamente 14 anos poderia conviver e ter amizade com um poeta⁹¹ que frequentasse a residência de sua família, e só mais tarde, em 1595, já adulto, poderia ter mandado fazer o famoso epitáfio⁹². Aliás, o próprio epitáfio contém uma informação que pode ser interpretada como sinal de distanciamento temporal entre Camões e Dom Gonçalo Coutinho, pois este se refere àquele como príncipe dos poetas do seu tempo. Também a datação proposta por Fernandes para a criação da *Crônica de Dom Duardos* continuaria plausível, pois Dom Gonçalo Coutinho o teria feito por volta dos vinte anos, tal qual João de Barros ao escrever a *Crônica do Imperador Clarimundo*.

⁹⁰ Trata-se do manuscrito K-V-7 (nº 810), do Arquivo da Casa Cadaval (Teresa Schönborn), cujo título é *Papeis e cartas particulares de Dõ. G.º Coutt.º a diuerças pessoas & em diferentes tempos. Offrecidas por elle ao Sr. Dõ. R.º da Cunha Meretissimo Bispo do Porto*, fl. 16v.

⁹¹ Barbosa Machado afirma que “desde a a adolescencia se empregou na cultura das Artes Liberaes sendo a sua natural inclinação conversar com homens estudiosos donde conseguiu contrahir estreita amizade com o insigne Luiz de Camoens”.

⁹² Há quem hipotetize que ele não o tenha feito no momento da morte por estar ausente, como afirma Carlo Antonio Paggi na introdução da sua *Lusiada Italiana*, Lisboa: Henrico Valente de Oliveira, 1658.

2.2- A amizade com poetas, mulheres, mecenas e políticos.

Dom Gonçalo Coutinho, conhecido por sua amizade com Camões, também foi amigo de Diogo Bernades, como atestam a carta em versos⁹³ que este lhe dirigiu e que faz parte de *O Lima* publicado em 1596, bem como os sonetos e sextinas trocados entre ambos e publicados em 1597 nas *Flores do Lima*. Segundo Francisco Manuel de Melo, no quarto “Apólogo Dialogal”, chamado “Hospital das Letras”, Dom Gonçalo enviou uma carta a Dom Luís de Gôngora juntamente com um exemplar do livro *Idílios Marítimos*, de António Gomes de Oliveira. Infelizmente, essa carta não faz parte do epistolário de Gôngora, que só preservou cartas do próprio autor.⁹⁴

Além dessa correspondência já conhecida, sabia-se da existência de um manuscrito com cartas de Dom Gonçalo Coutinho que, segundo Barbosa Machado, pertencera à livraria de Dom António Álvares da Cunha. Como dissemos no capítulo anterior, localizamos no Arquivo da Casa de Cadaval um manuscrito que poderia ser o da livraria de Dom António Álvares da Cunha ou cópia daquele, e que detalharemos a seguir.

No título do citado manuscrito lemos que as cartas foram oferecidas por Dom Gonçalo Coutinho “ao Sr. D.º R.º da Cunha Meretissimo Bispo do Porto”. Sabe-se que Dom Rodrigo da Cunha⁹⁵ foi bispo de Portalegre entre 1615 e 1618, bispo do Porto entre 1618 e 1626, arcebispo de Braga entre 1626 e 1634 e arcebispo de Lisboa entre 1635 e 1642. O fato de as cartas serem oferecidas ao bispo do Porto leva-nos a crer que o manuscrito original tenha sido composto entre os anos de 1618 e 1626; e, de fato, a carta que aparenta ser de oferecimento data de 23 de março de 1619 e quase todas as demais são datadas entre 1596 e 1618. Há, no entanto, uma carta de 15 de setembro de 1629 dirigida ao mesmo Dom Rodrigo da Cunha, mas já tratado como arcebispo de Lisboa; depois desta, que começa no fôlio 189r, há duas de

⁹³ Trata-se da carta de número 27.

⁹⁴ CARREIRA, Antonio. *Luis de Góngora: Epistolario completo*. Concordancias de Antonio Lara. Lausana, Sociedad Suiza de Estudios Hispánicos (Hispanica Helvetica 11), 1999.

⁹⁵ Dom Rodrigo da Cunha era irmão de Dom Lourenço da Cunha, pai de Dom António Álvares da Cunha (1626/1690), Senhor de Táboa, guarda-mor da Torre do Tombo e secretário da Academia dos Generosos, provável proprietário do manuscrito. No entanto, Dom Lourenço da Cunha também era bisavô de Dom António Álvares da Cunha (1700-1791), 1º Conde da Cunha. Não sabemos de qual dos parentes se trata, mas em ambos os casos o códice poderia ter chegado ao novo proprietário por herança.

1619 (posteriores a março) e a última de 12 de junho de 1621. A presença da carta dirigida a Dom Rodrigo da Cunha como bispo de Portalegre, datada de 1616, e da carta dirigida ao mesmo, porém tratado como arcebispo de Lisboa, datada de 1629, reforça a hipótese de o conjunto inicial de cartas ter sido selecionado no início de 1619, pois cada uma dessas cartas mantém o título eclesiástico a que Dom Rodrigo da Cunha fazia jus no momento em que foram escritas. De qualquer forma, permanece a hipótese de que esse manuscrito seja cópia do conjunto inicial, acrescido de novas cartas.

Outro aspecto interessante do manuscrito são as marginálias com comentários de Dom Gonçalo Coutinho, como no fólio 34v, em que se lê, numa letra diferente daquela do texto principal, que o original da carta tinha sido tomado por Dona Joana, em Madrid, no ano de 1613, quando já estava morta a remetente, ou ainda no fólio 56r, em que ele diz ter escrito aquilo no fim de julho de 1610, ocasião em que Dom Anrique ainda estava bem e são, mas que morrera no fim de dezembro daquele mesmo ano. Termina a anotação pedindo a Deus que se lembre do falecido e também de nós. Em seguida aparece uma rubrica semelhante a esta:



É possível que um copista tivesse transcrito o conjunto das cartas, que o próprio autor tivesse escrito as marginálias e que somente mais tarde o conjunto inicial, acrescido das novas cartas, tivesse sido encadernado. É preciso informar, porém, que sobraram muitos fólios em branco e que no fólio 184v é dito que aqueles papéis deveriam estar no final, mas foram costurados,⁹⁶ por engano, naquele ponto. Diz-se ainda que continuavam as cartas, que tinham outro objetivo, e que se lhes daria um lugar quando tivessem os outros papeis.

Pelas poucas informações aqui apresentadas, vê-se claramente que qualquer conclusão exigirá uma aprofundada análise codicológica, que esperamos poder realizar futuramente.

⁹⁶ A menção à costura indica que a anotação foi feita depois do processo de encadernação.

O objetivo, porém, da inserção de informações sobre esse códice é apresentar um panorama das pessoas com as quais Dom Gonçalo Coutinho se correspondia. Para isso, apresentamos um quadro das cartas com datas, destinatários e local em que foram escritas. Não foi possível anotar todas as cartas contidas no manuscrito, nem todos os destinatários ou datas das mesmas, mas, ainda assim, trata-se de um conjunto bastante elucidativo da pessoa e de suas relações, como veremos a seguir:

02/05/1610	Antão de Mesquita de Oliveira ⁹⁷	Lisboa
31/10/1614	António Gomes da Riveira	Lisboa
20/07/1617	António Gomes da Riveira	Lisboa
06/11/1617	Arcebispo de Braga	Lisboa
15/09/1629	Arcebispo de Lisboa, Dom Rodrigo da Cunha	
04/08/1616	Bispo de Portalegre, ⁹⁸ Dom Rodrigo da Cunha	Lisboa
04/02/1606	Bispo Vice-rei	
06/08/1616	Certa parenta	de casa
13/12/1611	Certa pessoa	Lisboa
23/01/1610	Conde de Lemos e Marquês de Sárria	Vaqueiros
26/11/1616	Conde de Lemos e Marquês de Sárria	Lisboa
25/07/1610	Conde de Linhares ⁹⁹	Lisboa
05/09/1611	Conde de Monterrei	Lisboa
02/05/1602	Conde de Monsanto, Dom Luís de Castro	
05/05/1600	Conde de Portalegre, Dom João da Silva ¹⁰⁰	
20/06/1606	Conde de Portalegre, Dom Diogo da Silva ¹⁰¹	
24/08/1616	Conde de Portalegre, Dom Diogo da Silva	Lisboa
17/04/1607	Conde de Portalegre, Dom Manrique da Silva ¹⁰²	
22/10/1603	Conde de Salinas, Dom Diego de Silva y Mendoza ¹⁰³	Lisboa
17/12/1605	Conde de Salinas	
21/01/1606	Conde de Salinas	
30/05/1609	Conde de Salinas	Lisboa
23/03/1613	Conde de Salinas	Lisboa
16/04/1613	Conde de Salinas	Lisboa
04/05/1614	Conde de Salinas	Lisboa
31/05/1614	Conde de Salinas	Lisboa
06/12/1603	Conde de Vila Nova	
21/01/1606	Conde de Vila Nova	

⁹⁷ Antão de Mesquita, desembargador dos agravos na Relação do Brasil.

⁹⁸ Dom Rodrigo da Cunha foi bispo de Portalegre de 1615 a 1618.

⁹⁹ Dom Fernando de Noronha ou seu filho Dom Miguel de Noronha.

¹⁰⁰ João da Silva, 4º Conde de Portalegre.

¹⁰¹ Diogo da Silva, 5º Conde de Portalegre.

¹⁰² Manrique da Silva: 6º Conde de Portalegre, 1º Marquês de Gouveia.

¹⁰³ Também recebeu o título de Marquês de Alenquer.

04/05/1614	Conde de Vila Nova	Lisboa
28/10/1607	Conde de Vilamediana	
18/07/1618	Conde de Vilamediana	Lisboa
27/05/1617	Condessa de Odemira ¹⁰⁴	Lisboa
05/03/1612	Do Hospital	Lisboa
08/11/1596	Dom Afonso de Noronha ¹⁰⁵	
25/07/1610	Dom Afonso de Noronha	Lisboa
	Dom A. de Noronha Antão	
30/03/1613	Dom Antonio Pereira Coutinho	Lisboa
14/02/1611	Dom Fernando Coutinho, Marechal de Portugal ¹⁰⁶	Lisboa
09/10/1606	Dom Henrique da Silva	
12/02/1609	Dom Hierônimo Coutinho	Vaqueiros
28/09/1609	Dom Hierônimo de Castro	Vaqueiros
14/11/1614	Dom Jaime Manuel ¹⁰⁷	Lisboa
08/02/1601	Dom Pascoalla? de Gusmão	Santarém
01/08/1611	Dom Pedro de Noronha	Portalegre
19/03/1605	Dona Aldonça Chacon ¹⁰⁸	
12/12/1605	Dona Aldonça Chacon	
17/09/1606	Dona Aldonça Chacon	
15/05/1603	Dona Ana de Noronha	
28/03/1602 ou 1607	Dona Fulana	
04/06/1611	Dona Joana de Noronha ¹⁰⁹	Lisboa
14/11/1614	Dona Juana Fajardo	Lisboa
14/11/1614	Dona Juana Portocarrero ¹¹⁰	Lisboa
01/08/1609	Dona Luisa de Faro	
06/12/1604	Dona Luisa Fajardo ¹¹¹	
17/09/1606	Dona Luisa Fajardo	
03/01/1607	Dona Luisa Fajardo	
21/07/1609	Dona Luisa Fajardo	Lisboa
20/08/1608	Dona Violante de Castro	
17/06/1602	Doutor Duarte Nunes de Leão	Santarém
12/03/1619	Doutor ? Ferreira, deputado da mesa da consciência	Lymorio?
06/08/1616	Duque de Alba, Dom Antonio Alvares de Toledo	Lisboa
12/03/1612	Duque de Aveiro	Lisboa
06/08/1616	Duque de Infantado, Juan de Mendonça	

¹⁰⁴ Maria de Faro, 8.ª condessa de Odemira (c.1610-1664), casada com o 1.º Duque de Cadaval.

¹⁰⁵ Afonso de Noronha, governador e capitão geral de Tânger de 1610 a 1614.

¹⁰⁶ Trata-se do 9º Marechal de Portugal, alto cargo do exército, que desde o século XIV sempre foi ocupado por membros da família Coutinho.

¹⁰⁷ Dom Jaime Manuel de Cárdenas y Manrique, duque de Maquena pela morte do irmão, em 1622.

¹⁰⁸ Aldonça Chacon, filha do duque de Casarruvios, casou-se com Rodrigo de Orellana, marquês de Orellana.

¹⁰⁹ Joana de Noronha, filha de Dom Antonio de Noronha

¹¹⁰ Juana Portocarrero, filha de Luisa Fajardo e Juan Antonio Portocarrero, casou-se com o 6º Marquês de Aguilar (Juan Luis Fernandez Manrique de Lara, † 27 de Junho de 1653). Ela morreu em 1623. O conde de Haro lhe tinha dado palavra matrimonial, por isso sua mãe, Luisa Fajardo, teve um pleito com ele.

¹¹¹ Luisa Fajardo, mãe da dona Juana Portocarrero.

07/12/1613	Duque de Lerma ¹¹²	Madrid?
14/12/1617	Duque de Vila Formosa	Vaqueiros
18/06/1602	El-rei, Filipe II	
04/08/1612	El-rei, Filipe II	
30/06/1614	El-rei, Filipe II	Lisboa
09/08/1614	El-rei, Filipe II	
06/08/1619	El-rei, Filipe II	Lisboa
08/06/1621	El-rei, Filipe III	Madrid
06/04/1612	Fernão de Matos ¹¹³	Lisboa
07/12/1613	Francisco de Almeida Vasconcelos ¹¹⁴	Lisboa
22/08/1615 ou 1619	I ^o Ar ^a (João, Irmão, Araújo?)da Ordem dos Pregadores	Lisboa
01/10/1608	Juana Carrera	
15/09/1606	Licenciado Luís Tribaldos de Toledo	Vaqueiros
20/06/1613?	Marquês de Alanquer ¹¹⁵	
26/09/1616	Marquês de Alanquer	Lisboa
07/01/1617	Marquês de Caracena ¹¹⁶	Lisboa
07/01/1617	Marquesa de Caracena	Lisboa
25/04/1601	Marquês de Castelo Rodrigo	
16/02/1613	Marquês de Castelo Rodrigo	Lisboa
20/08/1617	Meu sobrinho	de casa
06/08/1609	Nuno de Mendonça ¹¹⁷	Vaqueiros
1619	Parecer que tive na congregação de cortes em 1619	
30/05/1612	Provedor e irmãos da mesa da Misericórdia	Lisboa
09/02/1612	Resposta à mesa	
03/05/1617	Uma dona	
28/06/1611	Vasco Mousinho de Cabedo ¹¹⁸	Lisboa
15/10/1609	Visconde de Vila Nova ¹¹⁹	Vaqueiros
06/12/1609	Yo (João?) Gomes da Silveira	Vaqueiros

No quadro anterior apresentamos as cartas ordenadas alfabeticamente por destinatário. Não foi possível perceber o critério de organização no manuscrito, pois, apesar de as cartas seguintes à de oferecimento apresentarem certa ordem cronológica, nem sempre ela é mantida. Tampouco percebemos uma organização por assunto ou por destinatário.

¹¹² Francisco Gomez de Sandoval y Rojas Borja

¹¹³ Secretário de Estado, nomeado também secretário da Inquisição em 1611. LÓPEZ-SALAZAR CODES, Ana Isabel. O Santo Ofício no tempo dos Filipes: transformações institucionais e relações de poder. http://www.uc.pt/chsc/rhsc/rhsc_9/ailsc

¹¹⁴ Num alvará de Filipe II, de 13/12/1615, aparece como o secretário responsável por esse documento.

¹¹⁵ Dom Diego de Silva y Mendoza, conde de Salinas e marquês de Alenquer.

¹¹⁶ Dom Luís Carrillo de Toledo

¹¹⁷ Nuno de Mendonça, governador e capitão geral de Tânger de 1605 a 1610.

¹¹⁸ Vasco Mousinho de Quevedo Castelbranco

¹¹⁹ 6^o Visconde de Vila Nova de Cerveira, Dom Lourenço de Brito Nogueira (ou de Lima Brito Nogueira)

O conjunto de cartas situa-se, quase integralmente, no reinado de Filipe II (III de Espanha), sendo exceções a carta mais antiga, datada de 1596, outra datada de 08/06/1621 e a última dirigida a Dom Rodrigo, datada de 15/09/1629, escrita por ocasião da morte de Dom Manuel da Cunha, irmão do arcebispo de Lisboa. A carta de 1621 é, na verdade, a transcrição de um discurso que Dom Gonçalo Coutinho fez em Madri a el-rei, estando este sentado e ele de joelhos, ao modo dos portugueses, e que o rei lhe pedira desse por escrito a Dom Baltazar de Zuñiga. Além das várias cartas enviadas diretamente ao rei, também as recebiam alguns dos nomes mais poderosos de Portugal e Espanha, como o duque de Lerma, o homem de maior confiança de Filipe II, e o vice-rei de Portugal, sendo ele o bispo Dom Pedro de Castilho ou o conde de Castelo Rodrigo, Cristóvão de Moura e Távora. Apesar disso, não se nota, nas cartas que pudemos ler¹²⁰, envolvimento de Dom Gonçalo Coutinho em questões de grande envergadura política, mas sim busca de soluções para problemas pessoais. Entre elas, podemos citar a que pede, com sucesso, que o rei o libere de servir como governador na cidade e castelo de São Jorge da Mina, datada de 18/06/1602, ou a carta dirigida ao conde de Vila Nova, em que ele se mostra resignado com a nomeação para servir na Índia, de que se livra, ou ainda, a carta de 04/08/1612, dirigida novamente ao rei, aceitando lamuriosamente assumir o governo de Angola, o que também não se concretiza. Por coincidência ou por outras razões, somente no governo de Filipe III Dom Gonçalo Coutinho assume funções de governo, no Mazagão entre 1623¹²¹ e 1627 e no Algarve depois de 1633. A julgar pelas várias tentativas de não assumir nenhum governo, Dom Gonçalo Coutinho deveria mesmo preferir o ócio criativo de sua quinta dos Vaqueiros, celebrado por Diogo Bernardes na já citada carta de *O Lima*; porém, as mudanças¹²² introduzidas pelo homem forte de Filipe III, o conde duque de Olivares, que tanto desagradou os portugueses, podem ter sido responsáveis por obrigá-lo a assumir novas funções.

Há indicações contraditórias sobre a posição de Dom Gonçalo Coutinho com relação ao domínio espanhol. Segundo Barreto¹²³, ele foi “mui repúblico (...) e por isso no tempo das

¹²⁰ Convém esclarecer que nos detivemos principalmente na leitura das cartas que aparentavam ligação com literatura.

¹²¹ Ele parte para o Mazagão em 1623, mas começa a governar em março de 1624.

¹²² A. H. de Oliveira Marques, na *História de Portugal*, volume II, páginas 172-175, apresenta um resumo das reformas que visavam ao fortalecimento da posição da Espanha na Europa. O autor levanta a hipótese de que Olivares tivesse o intuito de “privar Portugal de chefes qualificados que pudessem tomar parte em uma eventual rebelião”, já que as medidas de centralização, austeridade e elevação de impostos eram muito impopulares.

¹²³ BARRETO, João Franco. *op. cit.*, fl. 531r a 532r.

sucessões¹²⁴ não admitiu as promessas de Castela e se achou com o senhor Dom António enquanto andou neste reino, com que ficou menos aventajado do que seus merecimentos pediam”. Por outro lado, o mesmo autor informa que ele traduzira “o livro de Jerônimo Franqui da sucessão de Portugal”, cujo autor se posicionara favoravelmente com relação ao domínio do rei espanhol. O que Dom Gonçalo Coutinho mostra em sua correspondência não parece ser reflexo de uma oposição aos Filipes, sobre os quais afirma, em sua carta de 17/12/1605, que os portugueses sempre tinham sido governados por eles com tanta igualdade que os fazia pensar serem iguais a todos que não fossem os próprios reis. Depois ainda acrescenta que os portugueses são naturalmente desconfiados e que apreciam mais boas palavras e bom acolhimento do que muitas ações, e que os reis de Espanha lhes davam muito mais do que nenhum outro príncipe.

No fólio 201v, há a transcrição do parecer de Dom Gonçalo Coutinho na congregação das cortes de 1619, e no fólio 194r há a transcrição de um papel que ele entregara a Filipe II, nos Paços da Ribeira, quando da visita do rei a Lisboa. Infelizmente não pudemos ler esses documentos.

Na sua obra *Discurso da jornada de Dom Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*¹²⁵, ele escreve que fora chamado a atuar na sucessão de Filipe II, em 1621. Também reclama das intrigas de que foi vítima durante sua carreira, em particular durante a permanência na corte de Valladolid em 1604. Sublinha que sua prudência permitiu a Filipe IV enviar, em socorro ao Brasil parcialmente ocupado pelos holandeses, a esquadra hispânica portuguesa de Dom Fadrique de Toledo e Dom Manuel de Meneses¹²⁶, em detrimento do Mazagão, governado por ele naquele momento.

Pelas informações de que dispomos, Dom Gonçalo Coutinho foi nomeado governador e capitão-mor do Algarve em 28/03/1633, por um período prorrogável de três anos¹²⁷. Segundo o *site* geneall.com¹²⁸, especializado em genealogia, Dom Gonçalo Coutinho, em 1638, continuaria governador do Algarve:

¹²⁴ Vale lembrar que, nesse tempo, Dom Gonçalo Coutinho tinha aproximadamente quinze anos.

¹²⁵ COUTINHO, Dom Gonçalo. *Discurso da jornada de Dom Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1629, p. 69v.

¹²⁶ Manuel Teles de Meneses era o capitão do Galeão Santo Estêvão, que o levou ao Mazagão.

¹²⁷ ANTT - Chancelaria de Filipe III – Livro 32 – fl 40r - 40v

¹²⁸ http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=269421&fview=e, último acesso em 04/01/2012.

Dom Gonçalo Coutinho, do conselho de Estado de S. Magestade, governador capitão general deste reino do Algarve, etc etc. Certifico que passei a António Tavares Leotte, cavaleiro do hábito de Cristo, uma certidão em que dizia que, tendo eu recebido um aviso dos julgadores e capitães-mores da comarca de Tavira, de que alguns povos dela se recusavam ao pagamento do real d'água e à quarta parte do cabeção das sisas e se tinham amotinado contra as vilas e cidades da mesma comarca, passara eu logo de Lagos, onde resido, com toda a gente de cavalo de que me foi possível dispor e entre as pessoas que me tinham acompanhado fora o dito António Tavares, com suas armas e cavalos, sem da fazenda de S. Magestade levar estipêndio algum, sendo dos principais cavaleiros que desta ocasião me seguiram, mostrando nas visitas que fiz à vila de Albufeira e Loulé e às cidades de Faro e de Tavira o zelo que sempre o acompanhou no serviço de S. Magestade, principalmente por ser pessoa nobre, capitão da fortaleza do Pinhão e fiscal maior da Índia pela coroa de Castela. O dito Tavares foi útil nesta jornada, porque, além de me acompanhar com todo o risco e perigo, tratou com grande firmeza de serem reduzidos à obediência os sublevados. Por estar em Madrid a certidão que lhe passei sobre este assunto, passo a presente sob juramento dos Santos Evangelhos e será assinada e selada com o selo das minhas armas. António Dias Barbosa a fez em Lagos aos 16/03/1638 Gonçalo Coutinho.

Como não há referência às fontes, aceitamos com reserva essa informação. O Algarve, assim como o Alentejo, foram palco de revoltas contra o domínio espanhol nos anos de 1637 e 1638. Segundo Oliveira,¹²⁹ numa tentativa de controlar esses levantes, Espanha teria empregado duas estratégias: “desarticulação da oposição e aprovação do projecto¹³⁰ pelos dirigentes e governantes de Portugal”. Politicamente era conveniente ouvir o parecer dos dirigentes portugueses, embora “a partir de apertadas instruções que impunham, mais do que sugeriam, o voto final”¹³¹. Ainda segundo o mesmo autor¹³²:

Para atingir com êxito os objectivos propostos, Dom Filipe IV fez ouvir em Portugal a Princesa Margarida, Marquês de Puebla, doutor Francisco de Valcarcel, Gaspar Ruiz de Escaray, o Inquisidor Geral, Dom Rodrigo da Cunha, o Duque de Bragança, Marquês de Porto Seguro, Conde de Castro e Dom Gonçalo Coutinho. A Madrid chegaram Dom Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa (...)

A Dom Rodrigo da Cunha teria sido oferecida, em Madri, a posição de cardeal, que ele não aceitou, e regressando à pátria, teve marcante participação na Restauração da Monarquia Portuguesa. Por coincidência (ou não), Dom Gonçalo Coutinho oferece suas cartas exatamente

¹²⁹ OLIVEIRA, António de. “Oposição política em Portugal nas vésperas da Restauração”. In: *Cuadernos de Historia Moderna. La crisis hispánica de 1640*. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, número 11, número monográfico I, 1991, p. 83.

¹³⁰ Projeto de estabelecer um governo que fosse bem recebido em Portugal.

¹³¹ *Idem, ibidem*.

¹³² *Idem. Poder e Oposição Política em Portugal no Período Filipino (1580-1640)*. Lisboa: Difel, 1991, p. 234.

a Dom Rodrigo da Cunha¹³³, embora, como já dissemos, não tenhamos encontrado, no que lemos delas, indícios de grandes articulações políticas, mas manifestações de um perfeito cortesão, às voltas com literatura e galanteios.

Muitas são as mulheres com quem Dom Gonçalo Coutinho troca correspondência e muitas as ocasiões em que o faz. Algumas não são nomeadas, como a senhora Dona Fulana a quem ele escreveu em 28/03/1607, ou certa parenta, na carta de 06/08/1616. A Dona Juana Portocarrero¹³⁴ escreve felicitando-a por seus desponsórios com o marquês de Aguilar; pelo mesmo motivo escreve igualmente à mãe dela, Dona Luisa Fajardo. Também a marquesa de Caracena e seu marido recebem cartas de felicitações pelo casamento de ambos, em 07/01/1617.

Já as cartas trocadas com Dona Aldonça Chacon,¹³⁵ que também inspirou versos de Gôngora, sugerem algo mais que galanteios cortesões. Na missiva de 12/12/1605, ele escreve que sua senhora, Dona Filipa de Mendonça, lhe havia dado um recado da parte de Dona Aldonça e que o fato de ela lembrar-se dele era o bem que ele mais estimava. Em 17/09/1606, respondendo à carta enviada por ela, Dom Gonçalo deixa transparecer uma relação que incluía envio de prendas. Ele diz que o milagre da carta que ela lhe enviara fora o remédio de sua vida, que só voltou a ser vida depois de comprovar, pela carta, que ela ainda se lembrava dele. Diz ainda que Dona Juana¹³⁶ poderia testemunhar que, até aquele momento, não se poderia dizer que ele vivia, mas que dilatava seus martírios. A carta cita ainda uma cinta¹³⁷ que ela lhe enviara e que vinha tão cheia de circunstâncias que o deixara sem palavras para falar, mas com olhos para ver que era leonada¹³⁸. Termina sua carta desejando a ela mil anos de vida e prometendo nunca perder, por culpa sua, o título de amigo que ela lhe dera.

¹³³ É importante lembrar que a amizade entre ambos era muito antiga e que as cartas foram oferecidas ainda no reinado de Filipe II.

¹³⁴ É citada indiretamente em um poema de Gôngora dirigido ao marquês de Guadalcaçar. GÓNGORA, Luis. *Obras poéticas de Luis de Góngora*. New York: The Hispanic Society of America, Tomo I, 1921, p.204.

¹³⁵ Aldonça ou Aldonça Chacon teria morrido no ano de 1608 em Valladolid. A ela são dedicados os versos de Gôngora: “Si la gloria de Chacon / De la cabeça a los pies / Açucar i almendras es / Dulce será el coraçõ. / Nectar sus palabras son; / Mas sepa quien no lo sabe / Que, de agudas flechas grave, / En sus palabras Cupido, / Como aveja está escondido / En el panal mas suave.” GÓNGORA, Luis. *idem*, p. 206.

¹³⁶ Provavelmente Juana Fajardo.

¹³⁷ Uma fita.

¹³⁸ Leonado, na heráldica, é uma cor amarelada como a do leão. No livro terceiro de *La Arcadia*, de Lope de Vega, Belisarda envia a Anfriso uma cinta leonada, juntamente com uma mecha de seus cabelos, tendo também ela uma amiga como intermediária entre ambos. Há várias outras citações de cintas leonadas na literatura da época, cuja conotação exata desconhecemos (amizade? fidelidade? amor?)

Apesar de os versos de Diogo Bernardes celebrarem a “branda conversação” com a “bela esposa”, que “do peito seu [lhe] deu a chave”, e de Dom Gonçalo Coutinho lha ter dado “também do peito” seu,¹³⁹ apesar das juras dele próprio, “qu’eu te juro, que pode Armia estar de mim segura”,¹⁴⁰ consta no livro de número 28 da Chancelaria de Filipe III¹⁴¹ que Dom Gonçalo Coutinho teve uma filha bastarda:

hei por bem de lhe fazer mercê entre outras que pelo mesmo respeito lhe fiz, que haja efeito em ãa parenta sua ainda que não seja legítima a promessa de ã lugar de freira dos mosteiros onde os tenho de minha apresentação, que tinha para ãa filha sua e pagou de mea anata desta mercê quatrocentos reis

Pelo seu testamento,¹⁴² somos informados de que ele teve, na verdade, duas filhas bastardas:

Testamento de Dom Gonçalo Coutinho deixa herdeira e testamenteira a sua mulher Dona Maria de Oliveira. Era comendador de Santa Maria de Passos e de São Miguel do Outeiro, declara ser primo de Dom Manuel Coutinho e irmão de Dona Lionor e de Dona Maria e de Dona Guimar (sic), freiras em Odivelas. Foi do Conselho de Estado e morava dentro das portas de Santa Catarina junto à rua do Saco e serviu no Algarve e Brasil e deixa duas filhas bastardas em Arouca, uma chamada Toda Maria e outra Guimar que manda ser freiras. Aprovado¹⁴³ em Lisboa, em 25 de maio de 1640 por Francisco Tavares e lançado nas notas deste ano presente, fl 139.

A primeira filha bastarda, Toda Maria, aparece em algumas genealogias e na nota de falecimento¹⁴⁴ como irmã de Dom Gonçalo Coutinho, constando que teria morrido com mais de 122 anos:

No Mosteiro de Arouca da Ordem de São Bernardo morreu no fim do mês passado a senhora Dom Toda Maria Coutinho Centelhas de Gusman, que entrou religiosa nele no ano de 1606,¹⁴⁵

¹³⁹ BERNARDES, Diogo. *O Lyma*. Lisboa, Simão Lopez Mercador de Livros, 1596, p.150.

¹⁴⁰ Soneto de Dom Gonçalo Coutinho, incluído em BERNARDES, Diogo. *Rimas varias, Flores do Lima*. Lisboa, Manuel de Lyra, 1597.

¹⁴¹ ANTT, Chancelaria de Filipe III – Livro 28 – fl 203v – 204r

¹⁴² *Index das notas de varios tabelliães de Lisboa, entre os annos de 1580 e 1747: subsidios para a investigação historica em Portugal*. Biblioteca Nacional de Lisboa. Lisboa : B.N.L., 1930.

¹⁴³ Dependendo do que signifique “aprovado” nesse contexto, poderíamos ter mais uma indicação da data de falecimento de Dom Gonçalo Coutinho, pois se 25/05/1640 for a data em que ele escreveu o testamento, eliminaríamos o ano de 1639 como possível data de sua morte. Porém, se significar que nessa data se começou a cumprir o testamento, ele teria morrido antes de 25/05/1640.

¹⁴⁴ *Historia Annual, chronologica, e politica do mundo, e especialmente da Europa, etc. Parte sexta*. Impressa na oficina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Majestade, ano 1720.

sendo de idade de oito para nove anos, com que viu três séculos, e viveu mais de 122 anos, havendo poucos que costumou a servir-se de muleta. Foi irmã de Dom Gonçalo Coutinho, que foi do Conselho de Estado, e governador do Algarve antes da feliz aclamação, e filha de Dom Gastão Coutinho comendador da Ordem de Cristo, e de sua mulher Dom Filipa de Sousa. *Gazeta de Lisboa Occidental*, 22/08/1720, Edições 1-52.

Feitas as contas a partir da informação da nota de falecimento, Toda Maria teria nascido por volta de 1597, estando Dom Gonçalo Coutinho já casado. Segundo Teófilo Braga¹⁴⁶, o emblema¹⁴⁷ adotado por ele e empregado no frontispício das *Rimas* de Camões, de 1595 e 1598, significaria que a oliveira, símbolo bíblico de fecundidade, para ele fora “estéril como o teixo¹⁴⁸”, pois de sua esposa, Maria de Oliveira, não lhe nasceram filhos.



Temos dificuldade em aceitar essa explicação, que nos parece demasiado rude para um homem tão refinado e cortês como Dom Gonçalo Coutinho, cuja esposa foi a inspiradora de

¹⁴⁵ No mesmo ano em que ele trocava cartas e cintas com Dona Aldonça Chacon. Infelizmente não temos a data de óbito do pai de Dom Gonçalo Coutinho, pois não seria de se estranhar se a data de nascimento de Toda Maria tivesse sido alterada para fazê-la filha de Dom Gastão.

¹⁴⁶ BRAGA, Teófilo. *História da Poesia Portuguesa (Escola Italiana) História de Camões. Parte II*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1874, p. 294.

¹⁴⁷ A oliveira sob um semi-círculo, tendo em cada lado uma figura de mulher. Uma delas, com um espelho, representa a verdade, e a outra, segurando um ramo de oliveira, representa a paz. No interior do semi-círculo vem escrito *Mihi taxus*, que literalmente significa *para mim teixo*. As cinco estrelas fazem parte do brasão dos Coutinhos.

¹⁴⁸ *Taxus baccata*, árvore aparentada com os pinheiros, cujos frutos são venenosos.

muitos versos¹⁴⁹, sob o nome poético de Armia, anagrama de Maria. Outra é a interpretação que encontramos na dedicatória das *Rhythmas* de Camões, citada por Vasco Mousinho¹⁵⁰:

Quanto às partes do ânimo de que Deus dotou a V. M., bom indício nos deu V. M. delas na sua empresa da oliveira, que tanto tempo há que usa em suas armas. Porque esta é aquela que enjeitou o reinado das outras árvores, que dignamente lhe ofereciam. E esta é aquela que é símbolo da paz e brandura cortesã de que V. M. é dotado. Esta é a árvore de Palas, mistura com as armas todas as boas ciências e disciplinas com tal concerto que reciprocamente se comunicam admirável lustre, como as vemos em V. M. na letra MIHI TAXUS. Estou contemplando o queixume geral dos grandes entendimentos que sentenciosamente se descobre nela: os quais uma vez, por não serem conhecidos daqueles a quem eles faltam, e outra por serem dos mesmos invejados, nunca alcançam o que merecem. De maneira que o saber pela oliveira, significando que lhes houvera de ser ocasião de subirem a grandes estados, lhes causa efeitos de contradição e ódio, entendidos no veneno do teixo. Outras muitas aplicações se podem descobrir nesta empresa, assim ao sentido moral como ao namorado, que todos me dão certos penhores do profundo juízo de V. M., das quais não trato, para as não danar com a pobreza de meu estilo e por deixar que especular aos bons engenhos.

Voltando às cartas dirigidas a mulheres, descobrimos um grupo de leitoras que emprestavam e tomavam livros emprestados, como se vê através da carta enviada a Dona Luisa de Faro em 01/08/1609, que segue com a *comedia de los traidores leales* de Dom João de Almeida¹⁵¹, seu primo. Na carta datada de 20/08/1608, dirigida a Dona Violante de Castro, que lhe pedira um livro para sua filha, temos mais informações sobre a circulação de livros, as leituras e a opinião de Dom Gonçalo Coutinho sobre algumas obras suas e o destino das mesmas, pois nela ele diz que Dom Manrique da Silva, que mais tarde se tornaria o conde de Portalegre, levava seu livro de Francisco de Sá de Miranda a Carache, e que o livro em italiano¹⁵² de Anguillara estava em sua biblioteca ou arquivo nos Vaqueiros. Na sequência, informa que, se os poemas solicitados por Dona Violante são uns que ele traduzira, não os poderia enviar, pois tinham sido queimados juntamente com outras obras suas, das quais até a lembrança e as cinzas o aborreciam, mas que a serviria com quaisquer outras obras.

¹⁴⁹ No apêndice transcrevemos esses versos.

¹⁵⁰ *Apud*: AMARAL Jr, Rubem. *Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco*. Introdução, transcrição e arranjo gráfico de Rubem Amaral Jr. Lisboa, Centro de Historia da Universidade de Lisboa, 2005, p.19-20.

¹⁵¹ Seria o mesmo Dom João d'Almeida, do Conselho del-rei, a quem o impressor Pedro Craesbeeck dedicou a edição portuguesa da *Diana* de Montemayor, datada de 1624? *Apud* NEPOMUCENO, Luís André. *A musa desnuda e o poeta tímido: o petrarquismo na arcádia brasileira*. São Paulo: Annablume; Patos de Minas/MG: Unipam, 2002, p. 125.

¹⁵² Dom Gonçalo Coutinho devia ter um gosto especial pela língua italiana, pois até o verso final da carta a ele dirigida por Diogo Bernardes, no *Lima*, está nessa língua: “*state sano, a Dio vi ricomando*”.

Dom Gonçalo Coutinho, provável autor da biografia de Sá de Miranda, empresta seu livro com as obras do poeta a Dom Manrique da Silva, que mais tarde se tornaria o conde de Portalegre. Ao citar a obra de Anguillara, descobrimos que Dom Gonçalo Coutinho tinha livros em italiano na sua biblioteca, na qual certamente não faltaria Tasso, que ele cita no *Discurso*¹⁵³, e Petrarca, do qual cita na *Crônica de Dom Duardos*¹⁵⁴ a expressão *oltra la gonna*¹⁵⁵, dita por Fidélia ao se perceber encantada com Primaleão, mas reconhecendo aliviada que o dano ainda não passara *oltra la gonna*, isto é, que as setas de cupido ainda não tinham conseguido perfurar suas vestes e atingir o coração. Giovanni Andrea dell'Anguillara publicou, em 1561 em Veneza, uma versão ampliada das *Metamorfoses* de Ovídio, interpolando narrativas derivadas de diversas fontes, especialmente do *Orlando Furioso* de Ariosto¹⁵⁶. Como veremos adiante, Dom Gonçalo Coutinho também teria feito uma versão portuguesa das *Metamorfoses*, sendo possível que o livro de Anguillara que ficara na biblioteca dos Vaqueiros fosse essa versão italiana das *Metamorfoses*. Infelizmente, não anotamos o trecho anterior da carta, portanto não sabemos se a tradução a que Dom Gonçalo Coutinho se refere (dizendo havê-la queimado) seria das próprias *Metamorfoses* ou das *Heroidas*¹⁵⁷ ou ainda de alguma outra obra.

O mesmo trecho da citada carta ainda nos informa quão crítico era Dom Gonçalo Coutinho com suas próprias obras e o triste fim de algumas delas, lançadas ao fogo. Os livros, a literatura e a arte em geral também eram o tema de muitas cartas trocadas com poetas, professores de retórica e mecenas.

Em carta datada de 17/06/1602, trata de genealogia e da origem do nome dos Coutinhos com o Doutor Duarte Nunes de Leão, jurista, linguista e historiador português. Na resposta, de 28/06/1602, encontramos uma interessante análise sobre o trabalho dos historiadores, que, segundo ele, são como cozinheiros – se não têm bons ingredientes e bons equipamentos, não podem exercer bem sua arte – e continua lembrando que, se os nobres não

¹⁵³ *Guerreio in Asia, y non vi cambio, o merco* [*Guerregio in Asia, e non vi cambio o merco*] COUTINHO, D. Gonçalo. *Discurso da jornada de D. Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1629, f. 30r.

¹⁵⁴ Segunda parte, capítulo 86.

¹⁵⁵ Essa expressão faz parte do verso *non essermi passato oltra la gonna*, *Canzoniere* (Rerum Novarum fragmenta, XXIII), que também encerra o soneto XXII de Garcilaso de la Vega.

¹⁵⁶ *Apud* FENLON, Iain. *Early Music History. Studies in Medieval and Early Modern Music Volume 18*. Cambridge: University of Cambridge, 2009, p. 83-86.

¹⁵⁷ Por ele traduzidas uns dois anos antes, como veremos.

derem informações sobre seus antepassados, os historiadores nada poderão escrever sobre eles.

A questão central da carta de 02/05/1602, dirigida ao conde de Monsanto, Dom Luís de Castro, é o número das maravilhas do mundo, que, segundo Dom Gonçalo Coutinho, são nove e não sete – nomeadamente o Colosso de Rodes, o mausoleu de Artemísia, as pirâmides do Egito, as termas de Vespesiano, os faróis de Alexandria, o Coliseu romano, os jogos olímpicos, os jardins da Babilônia e o templo de Diana.

Preciosas são as cartas trocadas com Luís Tribaldos de Toledo, catedrático de retórica na prestigiada instituição de ensino de Alcalá. Na carta de 19/03/1606, o catedrático tece largos elogios à tradução das *Heroidas* feita por Dom Gonçalo Coutinho e, sobretudo, à sua tradução da carta de Ariadna, que julgou admirável e merecedora de que todos a lessem e louvassem. Luís de Tribaldos diz ainda que é apaixonado pela *Heroidas* e que ele próprio começara uma tradução para o castelhano, mas, por adorar a língua portuguesa, deleitava-se sobremaneira com a tradução de Dom Gonçalo Coutinho.

Junto com sua resposta, datada de 15/09/1606, Dom Gonçalo Coutinho envia de presente ao catedrático um livro que havia sido impresso recentemente em Portugal e continha vários poemas em latim e outras línguas, comemorando o nascimento do novo príncipe. Na carta, Dom Gonçalo Coutinho comenta que estava na quinta dos Vaqueiros desde maio e cita o nome de seu livro de poemas, que permaneceu manuscrito. Segundo o autor, estando fora dali (provavelmente em Espanha), alguém insistira muito para que ele transcrevesse um caderno de poemas seus, chamado *Lágrimas de Alviela*. Dom Gonçalo explica que Alviela é o nome de um rio que passa pela quinta, o qual ele contemplava enquanto escrevia aquela carta. Termina o relato informando que fizera a tal cópia de memória e que, por isso, ela ficara com muitas falhas, inclusive de escrita. Sua intenção seria substituir esse caderno por outro, mais completo e corrigido, mas no momento já nem sabia se faria a troca, para não mostrar mais daquilo que deveria ser totalmente esquecido.

Mais uma vez a autocrítica, ou, neste caso, talvez mais propriamente o tópico da falsa modéstia, impede-o de enviar em resgate do anterior o manuscrito mais completo e corrigido, que planejara inicialmente. Esse trecho traz ainda duas informações interessantes: a transmissão dos poemas e a relação de Dom Gonçalo Coutinho com a quinta dos Vaqueiros. A primeira, e mais importante, nos dá conta das variantes autorais. Ainda que Dom Gonçalo

Coutinho considere pior o manuscrito que ele transcreveu de memória, este também foi um autógrafo. No momento, ambos os manuscritos estão desaparecidos, mas se um dia forem encontrados, sabemos que algumas variantes foram introduzidas pelo próprio autor. Já a fuga para a quinta dos Vaqueiros não se deu, como afirma Teófilo Braga,¹⁵⁸ “depois de uma vida tempestuosa” ou, como mais poeticamente se afirma no *Journal Étranger*,¹⁵⁹ “le devoir arracha Coutinho d’entre les bras des Muses: il fit ses premières campagnes à Arzilla (...)”, mas devia ser um refúgio usual, no qual ele passava temporadas, tal qual essa de maio a pelo menos setembro de 1606, ou a de agosto de 1609 a janeiro de 1610, entregue provavelmente à leitura, como já afirmava Diogo Bernardes¹⁶⁰: “Aí (...) ledes (sem estorvo) um dia todo”.

Estando na quinta dos Vaqueiros ou em Lisboa, Dom Gonçalo Coutinho sempre se mantinha a par dos livros que se publicavam, como o atestam o livro que ele envia a Luís Tribaldos de Toledo, com os poemas em louvor ao nascimento do futuro rei Filipe III, ou a carta de 28/06/1611, congratulando Vasco Mousinho pela publicação de seu poema épico *Afonso Africano*, sobre a tomada de Arzila, ou ainda a carta enviada ao conde de Villamediana, quando recebeu a *Fábula de Faetón*, de autoria deste. A primeira publicação das obras desse poeta só aconteceu, postumamente, em 1629, mas o citado poema gongórico data de 1617, e poucos meses depois já estava em Lisboa, nas mãos de Dom Gonçalo Coutinho.

A partir destas informações, vamos constatando, com muita clareza, que Dom Gonçalo Coutinho integrava não apenas o círculo de poetas e eruditos portugueses, mas também mantinha laços estreitos com os poetas e eruditos espanhóis do Século de Ouro. Sua circulação em ambos os meios era reconhecida pelos contemporâneos, sendo essa uma das razões alegadas por Estêvão Lopes¹⁶¹ para dedicar a Dom Gonçalo Coutinho as *Rhythmas* de Camões:

Bastante razão era esta para suas poesias serem dedicadas ao nome de Vossa Mercê e não conhecerem outro. Aceite-as Vossa Mercê, defenda-as, honre-as, que se Vossa Mercê o fizer entre os estrangeiros, ele lhe pagará com honrar seu nome entre os estrangeiros e naturaes

¹⁵⁸ BRAGA, Teófilo. *História da Poesia Portuguesa (Escola Italiana) História de Camões. Parte II*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1874, p. 286.

¹⁵⁹ *Journal Étranger*. Paris, chez Michel Lambert, Libraire, Juin, 1757, p. 76.

¹⁶⁰ BERNARDES, Diogo. *O Lyra*. Lisboa, Simão Lopez Mercador de Livros, 1596, f.148v.

¹⁶¹ CAMÕES, Luís de. *Rhythmas: divididas em cinco partes de Luis de Camões*. Lisboa: Manoel de Lyra, à custa de Estêvão Lopez, 1595, f. 3v.

Também Diogo Bernardes¹⁶² o testemunha:

Do mal aí mais tarde a nova soa,
Do bem, ‘i vo-la manda o bom amigo
Ou seja de Madrid ou de Lisboa.

Voltando a seus amigos estrangeiros, o polêmico conde de Villamediana foi discípulo e amigo de Gôngora, que lhe dedicou, em louvor pela composição da *Fábula de Faetón*, uma décima, nas quais, nas palavras de Spina¹⁶³, “Gôngora atingiu (...) o milagre de, num rosário de dez versos curtos, em redondilho, criar a miniatura mais completa e mais poética da lírica maneirista”. Foi do humanista Luís Tribaldos de Toledo que o futuro conde recebeu sua excelente formação. Villamediana também foi autor de pesadas sátiras que lhe valeram dois desteros e que contribuíram para seu assassinato. Durante o período de desterro na Itália, esteve com o conde de Lemos, outro correspondente de Dom Gonçalo Coutinho, quando aquele servia como vice-rei em Nápoles.

O conde Lemos e marquês de Sárria, Pedro Fernández de Castro e Andrade, tinha como secretário pessoal Lope de Vega, que lhe escreveu, em 06/05/1620, “V. Exc. (...) ya sabe como le amo y reverencio, y que he dormido a sus pies, como perro, muchas noches; esos vuelvo, como entonces, a besar mil veces¹⁶⁴”. O mesmo conde também foi mecenas de Gôngora, que lhe dedica vários poemas, como “el conde, mi señor, se fue a Nápoles”, mecenas também de Quevedo e de Cervantes, que lhe dedica, entre outras obras, *Los trabajos de Persiles y Segismunda*, a segunda parte do *Quixote* e as *Novelas ejemplares*, em cuja dedicatória se refere ao conde como “mi verdadero señor y bienhechor mio”.

O conde de Monterrei, a quem Dom Gonçalo Coutinho escreveu em 05/09/1611, foi outro grande mecenas do Século de Ouro, tendo Velázquez entre seus validos. Esse conde reuniu uma das importantes coleções de arte do Século de Ouro.

O mais frequente destinatário das cartas de Dom Gonçalo Coutinho foi Dom Diego de Silva y Mendosa, o conde de Salinas e mais tarde também marquês de Alenquer, político que

¹⁶² BERNARDES, Diogo, *op. cit.*

¹⁶³ Magistral é a análise que ele faz do poema: SPINA, Segismundo e CROLL, Morris W. *Introdução ao maneirismo e à prosa barroca*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

¹⁶⁴ VEGA CARPIO, Lope Felix de. *Colección de las obras sueltas, assi en prosa, como en verso*. Madrid: Imprenta de Don Antonio de Sancha, tomo XVII, 1728, p.403.

desempenhou significativo papel “en las relaciones entre Portugal y el poder central durante el primer cuarto del siglo XVII¹⁶⁵” e poeta, do qual alguns poemas figuram no *Cancioneiro Manuel de Faria*¹⁶⁶, onde também encontramos um soneto de Dom Gonçalo Coutinho.

Essa teia de relações e de livros, na qual se insere Dom Gonçalo Coutinho, permite-nos conhecer, direta ou indiretamente, muito do que leu esse escritor. Resta-nos saber se é possível traçar alguma correspondência entre essas leituras e sua obra.

2.3- A obra de Dom Gonçalo Coutinho

A referência mais antiga que encontramos sobre o valor literário de Dom Gonçalo Coutinho são os versos que lhe dirige Luís Franco Correa, nas *Rhythmas*¹⁶⁷ de Camões, publicadas em 1595:

Di Gonzalo merce gentil Coutigno,
Per Muse illustre, e arme, e avi illustri,
Ch'al Camões nella morte fu Mecena.

Ainda que tenhamos de relativizar elogios presentes em dedicatórias, as obras de Dom Gonçalo Coutinho, quando ele estava chegando na casa dos trinta anos, já lhe valiam alguma fama e reconhecimento, sem que qualquer uma tivesse sido publicada.

O manuscrito mais antigo que contém um soneto desse autor é o *Cancioneiro* do mesmo Luís Franco Correa¹⁶⁸. Segundo Teófilo Braga¹⁶⁹, tendo ele “terminado a sua recopilação em 1589, podemos sobre esta data determinar a época em que Dom Gonçalo Coutinho se entregara à imitação da escola camoniana.” Ao consultar o cancionero, fica-nos, entretanto, uma dúvida a respeito da atribuição da autoria do poema a Coutinho, pois seu

¹⁶⁵ GAILLARD, Claude. *Le Portugal sous Philippe III d'Espagne*. Grenoble, Université des Langues et Lettres, 1982, *Apud* GAILLARD, Claude. Un inventario de las poesías atribuidas al conde de Salinas. *In Criticón*, número 41, 1988.

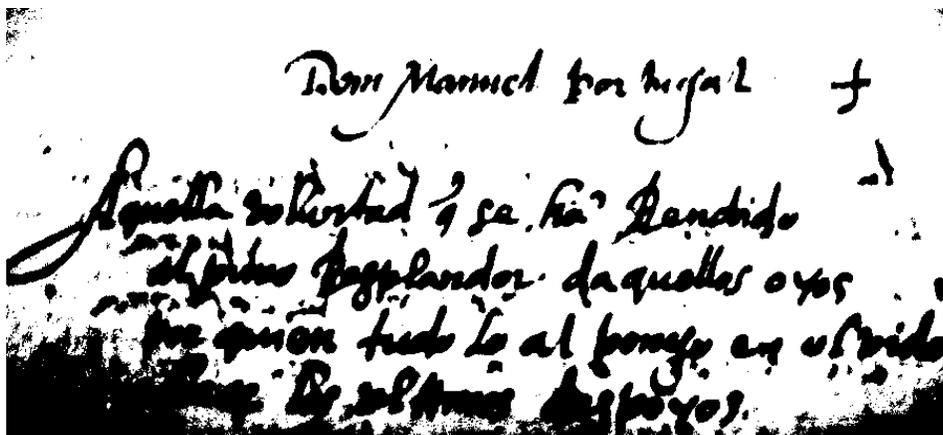
¹⁶⁶ Trata-se do manuscrito 3992 da Biblioteca Nacional de Madrid.

¹⁶⁷ CAMÕES, Luís de. *Rhythmas*. Lisboa: Manoel de Lyra, à custa de Estêvão Lopez, 1595, fl. 5r. No fôlio 4v da mesma obra, há uma décima em latim de Manuel de Souza Coutinho (Frei Luís de Souza) em louvor a Dom Gonçalo Coutinho, porém não exalta os dotes literários deste.

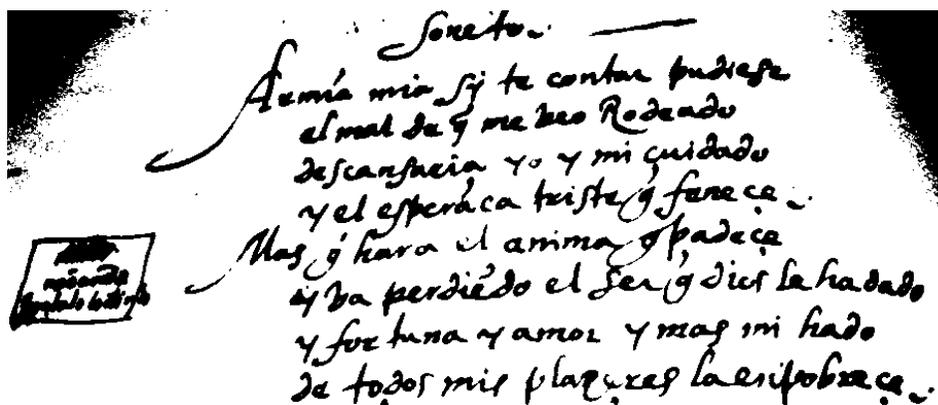
¹⁶⁸ CORREA, Luís Franco. *Cancioneiro de Luís Franco Correa – 1557-1589*. Edição fac-similada. Lisboa, Comissão Executiva do IV Centenário da publicação de “Os lusíadas”, 1972.

¹⁶⁹ BRAGA, Teófilo. *História da Poesia Portuguesa (Escola Italiana) História de Camões. Parte II*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1874, p. 289.

nome não aparece antes do soneto, centralizado, como como no fólho 135v, que traz o nome de Dom Manuel Portugal:



No caso do soneto atribuído a Dom Gonçalo Coutinho, no fólho 140v, seu nome aparece em letras menores na margem externa.



Segundo Azevedo Filho¹⁷⁰, “as notas marginais nele existentes [no cancionero], com indicação autoral, são de mão posterior”, o que reforça a nossa dúvida, já que essa autoria não foi apontada pelo próprio Luís Franco Correa, que provavelmente conheceria as obras de Dom Gonçalo Coutinho, sendo autor do poema em seu louvor. Pesa a favor dele o fato de aparecer

¹⁷⁰ AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *Introdução à lírica de Camões*. Lisboa, Biblioteca Breve, v. 122, 1990, p. 101.

Armia, que, como já dissemos, seria o anagrama de Maria, embora o nome não fosse invenção nem exclusividade de Dom Gonçalo Coutinho.

Quanto aos poemas incluídos nas *Rimas Várias, Flores do Lima*, de Diogo Bernardes, não há dúvida de que sejam de autoria de Dom Gonçalo Coutinho. Nessa obra encontramos uma sextina e três sonetos¹⁷¹, sendo um em castelhano. Nos três sonetos a musa inspiradora é Armia. A sextina é uma resposta de Dom Gonçalo a outra, de autoria do próprio Bernardes, na qual este aconselha o ainda jovem amigo (“sua idade verde”) a perseverar na arte poética:

Se pretendeu, senhor, do louro verde
O prêmio alcançar da mão de Febo,
No fresco Pindo celebrado monte,
Não deixeis de seguir pelo caminho
Que começastes, com louvor das Musas,
Que tudo vence um valeroso peito.

Em ócio vil, um grande e forte peito
Passar não deixa a sua idade verde:
Querem trabalho e tempo as altas Musas,
Não se descobre sempre a luz de Febo,
Pouco a pouco se mostra o bom caminho
Por antre as brenhas do cerrado monte.

Os sonetos de Dom Gonçalo Coutinho estabelecem uma espécie de diálogo com Diogo Bernardes, ao qual aquele pede conselhos amorosos e literários. Também nos sonetos, Bernardes insiste para que o amigo não desista de fazer versos:

Soneto CXXXVIII

Coutinho em tudo puro, em tudo brando,
E nos amores teus mais brando e puro,
Que com felice engenho, o pé seguro,
Moves, pelo Parnaso caminhando:

Nos teus versos que li, e fui notando,
Nenhum disforme achei, nenhã escuro,
Nenhum sobejo ou falto, frio ou duro,
Mercê d’Apolo, que te vai guiando.

Por isso não desistas do caminho
Em que te pôs amor, vontade ou sorte,
Até passar o seu mais alto cume

¹⁷¹ Todos estão transcritos no apêndice.

Onde teu claro nome ao ceo vezinho,
 Não se tema do tempo nem da morte
 Que tudo (sem tal dom) gasta e consume.

Na opinião de Bernardes, Dom Gonçalo Coutinho já domina as regras do poetar, por isso nenhum verso seu é “disforme (...), escuro, nenhum sobejo ou falto, frio ou duro”, mas para atingir “o mais alto cume”, para alcançar uma fama que “não se tema do tempo nem da morte”, ainda há um caminho a percorrer, por isso ele reitera: “não desistas”. De fato, os versos de Dom Gonçalo Coutinho fluem facilmente, mesmo submetidos a todas as regras de elaboração de uma sextina. Exceção a essa fluidez encontramos em uma estrofe, cuja sequência de orações subordinadas adjetivas¹⁷², coincidindo com a mudança de verso, lembra o ritmo algo truncado de uma ladainha:

Confesso qu’até ‘gora tive um monte
 D’inconvenientes mil dentro do peito
 Que me dificultavam o caminho,
 Que tem no cabo aquela planta verde,
 Que se regou com lágrimas de Febo
 E qu’ornamento é rico das Musas.

Destaca-se, porém, nesses versos a feliz composição da imagem do loureiro, metáfora do fazer poético, retomando o mito, muito utilizado por Petrarca às voltas com sua Laura, de Febo e Dafne transformada nessa planta¹⁷³. O poeta emprega-o para evocar o loureiro, mas não é isto que ele quer significar e sim o que metaforicamente o loureiro representa.

Outro momento feliz encontramos em um soneto que Dom Gonçalo Coutinho encerra com um visceral canto “d’entreñas ausentes y apartadas de su bien, de su amor, de su reposo.”

Ni ver tal a Neptuno que bramia,
 Ni el aire ver d’oscura niebla ciego,
 Ni tan espesos raios ver de fuego,
 Que arderse el mismo cielo parecia,

De mi pecho quitar pudo la fria
 Congoxa triste, y gran desasosiego,

¹⁷² Esse mesmo tipo de encadeamento de orações é frequente nos seus textos em prosa.

¹⁷³ Esta é uma imagem frequente na poesia maneirista: “O que predomina na poesia maneirista é a ideia de deformação, de *metamorfose*” SPINA, Segismundo e CROLL, Morris W. *Introdução ao maneirismo e à prosa barroca*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p.32. A maravilhosa escultura barroca Apolo e Dafne (1622-1625), de Bernini, retoma o mesmo mito, exatamente no momento da metamorfose.

Qu'el ausencia d'Armia (amigo Diego)
Con dura mano en el puesta tenia.

Desto otras tempestades levantadas,
Sintiendo en mi, de mas peligro y pena,
Canto nuevo empecé triste y lloroso,

De cisne no, tan poco di Sirena,
Mas d'entreñas ausentes y apartadas
De su bien, de su amor, de su reposo.

Encontramos outro soneto atribuído a Dom Gonçalo Coutinho nos manuscritos BNM Mss 3992¹⁷⁴, fólho 36v, e BNM Mss 4152¹⁷⁵, fólho 149v, da Biblioteca Nacional de Espanha:

Dom Gonçalo Coutinho, à Senhora de Santar¹⁷⁶

Dourava o sol a nuvê, que o cobria
Oposição à vista ainda assi dura.
Ó grandes Sacramentos da ventura
Colunas não não, templo alto do dia

Perdeo tudo o que, crendo, merecia
Na visão breve a minha mente escura
Que já ilustrada a vossa formosura
Devido culto fica à idolatria

Entre ver, e não ver ó claro raio
A duvidosa luz mal divisada
Levou-me de um crepúsculo a outro logo

Causou-se de um desmaio, outro desmaio
A simplex borboleta já abrasada
Hidrópica inda do furioso fogo.

Esse poema, de acentuado caráter gongórico, que nunca fora citado nas compilações das obras de Dom Gonçalo Coutinho, talvez não tivesse recebido os mesmos elogios de Diogo

¹⁷⁴ Supostamente compilado por Manuel de Faria e Sousa, Carolina Michaëlis de Vasconcelos evidenciou “la incompatibilidad entre la fecha [do manuscrito] de 1666 y el supuesto autor del cancionero, Faria e Sousa”. In: GAILLARD, Claude. Un inventario de las poesías atribuidas al conde de Salinas. In *Criticón*, número 41, 1988.

¹⁷⁵ É anterior e serviu de modelo para o BNM 3992. *Idem, ibidem*.

¹⁷⁶ A senhora de Santar poderia ser Elvira Coutinho (ou de Vilhena), filha de D. Lopo de Alarcão, esposa de D. Pedro da Cunha, senhor de Santar, ou uma de suas filhas (Arcângela, Francisca ou Serafina) ou ainda uma de suas noras (mulher de Luís, Sebastião ou Lopo).

Bernardes, que não apreciava os “versos escuros”¹⁷⁷. Nele o poeta evidencia que atentou ao conselho dado pelo amigo e “não desistiu do caminho”, mas, seguindo a tendência que Diogo Bernardes já criticava em alguns contemporâneos, compôs um poema com tantas metáforas encadeadas que o tornou um enigma.

O motivo da borboleta, ou antes, da mariposa que, atraída pela luz, termina por queimar-se no fogo, já encontrado em Camões¹⁷⁸, frequente na obra de Lope de Vega e de outros poetas, assemelha-se ao mito de Febo e Dafne, pois em ambos há a impossibilidade de concretização do desejo. No mito, Febo vê-se impedido porque a amada se transforma no loureiro, restando a ele somente o choro e a poesia. Já a mariposa não é capaz de resistir à atração que sobre ela exerce a luz, mesmo que esta venha a ser causa de sua morte. Neste poema, há uma intensificação dramática, pois a borboleta, já abrasada, continua hidrópica¹⁷⁹ do furioso fogo. O mesmo motivo reaparece numa ode¹⁸⁰, inserida na *Crônica de Dom Duardos*.

(...)

Quem vê que a borboleta,
Com gosto obedecendo a quem a chama,
A morte vem buscar na ardente chama,
A virtude secreta
Da natureza logo ali compreende,
Mais misteriosa quanto mais ofende. (...)

Completam a produção poética conhecida de Dom Gonçalo Coutinho outras duas inserções presentes na mesma *Crônica*, sendo um soneto e uma cabeça de motes. Ao contrário da ode anterior, que poderia ser uma composição independente, estes dois integram a narração. O soneto, que teria sido composto pelo próprio cavaleiro Dom Duardos, contém uma reflexão sobre a aventura que acabara de ser narrada; já a cabeça de motes retrata um

¹⁷⁷ “Nunca d’escuros versos fiz estima, / Sempre (porque m’entendam) falo claro / Preze-se quem quiser de ser enima. (...) Eu li já versos que pera entendê-los / Compria ser Merlim, o nigromante / Ou andar com Apolo aos cabelos.” Carta XVII, *op. cit.*

¹⁷⁸ “Qual tem a borboleta por costume, / que, enlevada na luz da acesa vela, / dando vai voltas mil, até que nela / se queime agora, agora se consume, / tal eu correndo vou ao vivo lume / desses olhos gentis, Aônia bela” (...) *Apud* SPINA, Segismundo. *A poesia de Gregório de Matos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p.150.

¹⁷⁹ Hidrópica: que sofre de hidropisia, doença acompanhada de sede insaciável, desejo insaciável. *Idem, ibidem*.

¹⁸⁰ Agradecemos a José Julio Martín Romero a seguinte explicação, enviada por correio eletrônico: “estas estrofas se pueden considerar "sexteto lira" o, como también se llamaban en la época "odas" (así denominó Fray Luis León a sus composiciones en estrofas aliradas, fundamentalmente de 5 versos, liras, pero también de 6, sexteto lira).”

jogo da corte, cujas personagens e situações descritas são as da própria *Crônica de Dom Duardos*.

Cabeça de motes, segundo Bluteau, “é uma galantaria permitida no palácio, em que os cavaleiros, seguindo todos o mesmo conceito, fazem em ã papel um ou mais motes a cada uma das damas, e elas respondem à margem”. Dom Francisco Manuel de Melo detalha o contexto e as regras desse jogo poético¹⁸¹:

Fonte Nova: Para quem não há de ser galante, tenho sabido o que basta, mas de cabeça de motes desejei sempre entender que regras e requisitos tinha?

Apolo: Não é das cousas mais triviaes do mundo, assenta tambem sobre ocasião grande, e de ordinário em bodas de algum príncipe ou dama do mesmo paço; alcança-se licença da rainha, a qual havida, um dos principaes galantes faz a cabeça de motes.

Fonte Nova: Isso mesmo é o que ignoro.

Apolo. A cabeça de motes é uma pergunta, que não passa de seis regras ou sete, em verso solto; porque fora descortesia obrigar as damas a serem poetas; contém esta cabeça uma questão ou dúvida intrincada, que em certa maneira explique o cuidado, pena, ou desengano do que pergunta, o qual com ela escreve uma carta à dama, em que a trata de mercê e se assigna.

Fonte Nova: Porque de mercê?

Apolo. Não mais, que por ser costume antigo, em que as senhoras se não vendiam às dúzias; logo se seguem os mais galantes, que então declaradamente galanteiam, e cada um com diferentes palavras, que só se estende a dois versos ou três, pergunta também a uma dama, que logo nomeia outra tal questão, que se deduz da primeira, sobre pena de que se for em tudo diversa, lhe não responde: assina-se este também, e todos perguntam, sendo permitido que dois e mais perguntem a uma dama e um a duas, mas não se admitem n’esta cabeça de motes pessoas que não sejam galantes declarados, ainda que sejam grandes pessoas; envia-se por via da camareira-mor à dama, que com sua licença recebe o papel, e depois se refere por maior à rainha, que concede se responda; a qual repostada se faz na mesma forma, tratando as damas de vós àqueles a quem respondem; isto é em suma cabeça de motes, tão celebrada, como escusada cousa no mundo, e que poucas gentes acertarão.

Fonte Nova: Jesus, que é isso? Cuidei que era outra cousa!

Apolo. Ainda assim, como digo, tem suas dificuldades, que bem graciosamente notou aquele malogrado cortesão, conde de Villamediana, ao qual, mostrando-lhe um senhor desatilado em traje e juízo, uma cabeça de motes pouco concertada, respondeu o castelhano: Parece-me, senhor, que el sastre hizo los motes, e el poeta el vestido.

A cabeça de motes presente na *Crônica de Dom Duardos*¹⁸², como já dissemos, retrata as personagens e situações vividas na fictícia corte de Constantinopla:

¹⁸¹ MELLO, Francisco Manuel de. *Apólogos dialogaes*. Lisboa: Biblioteca de Clássicos Portugueses, V. II, 1900, p. 128-130. Outras informações também podem ser obtidas em *Boletim da Segunda Classe. Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. V. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1911, p. 66-68.

¹⁸² *Crônica de Dom Duardos*, III, 28. Também no capítulo 25 da terceira parte da *Crônica do Imperador Belindro* (Ciclo de Dom Belindo) encontramos uma cabeça de motes.

(...) obrigou-os a lançarem sortes, sobre quem a faria, e caindo em Braceliano, ele não somente quis mostrar a queixa, com que vivia, mas a natureza da pessoa de quem se queixava, na forma que elegeo de tratos, e de contratos, nova porventura naquelas ocasiões, porém ajustada em tudo com o humor da senhora Daraja. Fez a cabeça, e pôs o primeiro mote, como é costume encaminhando-a à princesa Fidélia, testemunho de seus agravos. (...)

Cabeça

Livros desencadernados, conhecimentos perdidos, negadas obrigações, trato mudado a outra praça, saber querem os acredores, se ainda podem ter remédio.

A Senhora Fidélia.

Pediam câmbio os suspiros,
força foi quebrar com o trato.

Braceliano

Reposta

Sempre com os interessados,
foi melhor esse caminho.

Fidélia

O tema escolhido pelo cavaleiro Braceliano para cabeça de motes deveu-se ao fato de sua amada Daraja ser inconstante e não retribuir seus suspiros, obrigando-o a “quebrar com o trato”:

A Senhora Gridônia

O livro em que se escreveo
a obrigação, vive eterno.

Floramão.

Reposta

Bem a experiência o mostra
de vossa grande firmeza.

Gridônia.

A amada de Floramão morrerá no *Palmeirim de Inglaterra*, mas o cavaleiro continuava fiel a seu amor, como se vê por seu mote e resposta. Já o caráter volúvel de Florislao, filho ilegítimo de Floriano, também fica patente em seu mote e na resposta de Fidélia:

A Senhora Fidélia

Trato em que nunca se ganha,
que pode ir em que se mude?

Florislao

Reposta

Ninguém duvida quem sois,
não vos canseis em prová-lo.

Fidélia

A cabeça de motes, retratada na *Crônica de Dom Duardos* e encontrada nas cortes da época, poderia fazer parte da chamada poesia de circunstância, assim abordada por Aurélie Delattre e Adeline Lionetto-Hesters¹⁸³:

(...) les critères suivants peuvent être posés, *a minima*, pour assigner l'appartenance d'une œuvre au supra-genre de la poésie de circonstance: l'œuvre de circonstance est intrinsèquement liée au présent, qui lui fournit son sujet, et plus particulièrement à un événement – qui peut être d'ordre politique ou social – ponctuel et précis: les peintures globales d'une situation présente – telles qu'on les rencontre dans un certain nombre d'œuvres satiriques par exemple – ne doivent sans doute pas être rattachées à ce type de poésie. L'idée d'une adresse (éloge ou blâme), d'un discours qui se construit nécessairement sur le rapport à l'autre, que ce dernier soit l'un des grands de ce monde ou un proche du poète, distingue définitivement ce que nous désignons sous l'expression de 'poésie de circonstance' d'une simple chronique historique.

Ligada a um evento de ordem social (a reunião de vários reis, princesas e cavaleiros na corte de Constantinopla), a cabeça de motes, como já salientara Dom Francisco de Portugal, assentava “sobre ocasião grande”. Embora o tema não fosse circunscrito a louvar a ocasião, era ela que criava a condição para a criação dos motes. O “outro”, sobre o qual se constrói o discurso, é simultaneamente um dos grandes desse mundo e próximo do poeta, ou melhor, poetas, já que se trata de um jogo coletivo, mais um dos passatempos da corte:

La poésie dite de circonstance est une veine connue des spécialistes de la période classique car la production de cette période est extrêmement abondante. Elle a à l'occasion nourri la réflexion sur la société de cour, et sur la sociabilité littéraire qui en était une des marques distinctives. La multiplication des genres de circonstance générée par la société de cour et la théâtralisation du pouvoir sous l'Ancien Régime (chroniques, « canards », poésie de circonstance, concours poétiques liés à un événement religieux, politique, courtisan, récits de fêtes publiques, d'entrées, etc...) est un exemple parmi d'autres de la participation de la littérature à l'élaboration de l'événement – public en l'occurrence¹⁸⁴.

A importância da cabeça de motes na *Crônica de Dom Duardos* é sua vinculação com o presente, com a corte real de fins do século XVI, início do século XVII. Dom Gonçalo Coutinho narra uma história vivida na antiga e longínqua Constantinopla, mas por vezes o que ele nos descreve é a corte na qual ele se movia, ambiente festivo, teatralizado.

¹⁸³ DELATTRE, Aurélie e LIONETTO-HESTERS, Adeline. <http://www.normalesup.org/~delattre/colloque/> Acesso em 09 jan. 2012.

¹⁸⁴ ACQUIER, Marie-Laure e MARIGNO, Emmanuel. In: <http://recherche.univ-lyon2.fr/passagesXX-XXI/104-Poesie-cour-Theatre-historique-XVIe-XXe-s-Monde-hispanique-et-europeen.html>. Acesso em 09/01/2012.

Há outras duas pequenas inserções poéticas na *Crônica de Dom Duardos*, que não são de Dom Gonçalo Coutinho, mas que merecem comentário. Nos livros de cavalarias, as inserções poéticas, nas palavras de Roubaud-Bénichou¹⁸⁵,

occupent dans l'ensemble de la production chevaleresque une place variable dont l'importance dépend avant tout du tempérament, des goûts, des capacités de chaque romancier. Nulle ou réduite dans certaines oeuvres, forte dans d'autres, la présence du vers dans les romans de chevalerie du XVIe siècle n'obéit pas à des règles précises.

Na opinião da pesquisadora, a presença de versos nos livros de cavalarias está ligada à origem do *roman*, em versos, cedo substituídos pela prosa em França, mas que a “‘España de los frutos tardíos’, chère à Menéndez Pidal – cherchait et réussissait à l’inscrire de façon durable dans sa Fiction: ornement essentiel ou ingrédient mineur mais assez estimable pour que Cervantès lui-même ait pris la peine de l’accueillir dans le *Quichotte*”. Coincidentemente, ou não, uma das inserções poéticas presentes na *Crônica de Dom Duardos* são versos de um antigo *romance*¹⁸⁶, também citado no Quixote, aparecendo num dos momentos mais cômicos da obra:

Nunca fora cavaleiro de damas tão bem servido.
donzelas curavam dele, Y dueñas de su rocino. (*Crônica de Dom Duardos* – II, 14)

Dom Quixote: I,2

y al desarmarle (como él se imaginaba que aquellas traídas y llevadas que le desarmaban, eran algunas principales señoras y damas de aquel castillo), les dijo con mucho donaire:

Nunca fuera caballero de damas tan bien servido,
como fuera D. Quijote cuando de su aldea vino;
doncellas curaban dél, princesas de su Rocino.

Dom Quixote: I,13

de donde nació aquel famoso romance, y tan decantado en nuestra España de:

Nunca fuera caballero de damas tan bien servido,
como lo fue Lanzarote cuando de Bretaña vino;

¹⁸⁵ ROUBAUT-BENICHOU, Sylvia. *Le roman de chevalerie en Espagne, entre Arthur et Don Quichotte*. Paris: Honoré Champion, 2000, p.103. *idem, ibidem*, p. 114.

¹⁸⁶ “Composições narrativas em octonários (ou senários) duplos, assonantados, que ainda hoje se cantam.” In: VASCONCELOS, Carolina Michaëlis. *Romances velhos em Portugal*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1980, p. 9.

Dom Quixote: II, 31

(...)he oído yo decir a mi señor, que es zahorí de las historias, contando aquella de Lanzarote, cuando de Bretaña vino, que damas curaban dél, y dueñas del su rocino

Que Dom Gonçalo Coutinho não tenha lido o *Quixote* parece-nos impossível; que tenha sido influenciado por ele, difícil de provar, ainda mais que se trata de versos pertencentes a um *romance* bem conhecido, o primeiro deles inclusive já aparecido no *Auto de Rodrigo e Mendo*, de Jorge Pinto, de 1587¹⁸⁷, como informa Carolina Michaëlis de Vasconcelos¹⁸⁸. De qualquer forma, não deixa de ser interessante a presença dos mesmos versos nas duas obras e, sobretudo, a sobrevivência dessa lírica antiga. Roubaud-Bénichou¹⁸⁹, citando Zumthor, diz que os “échos de la chanson”, duraram nos livros de cavalarias tanto quanto o próprio gênero, e ela conclui: “cela, au fond, n’a rien d’étonnant dans une littérature dont le conservatisme est un trait dominant e qui restera attaché jusqu’au bout à des thèmes et à des formes d’expression ayant une saveur particulièrement archaïque”.

O outro verso, também pertencente a um *romance*, na opinião de Carolina Michaëlis de Vasconcelos¹⁹⁰, “evidentemente vulgar (talvez paródia de outro velho e heroico?) foi aproveitado também por Sá de Miranda na comédia dos *Vilhalpandos*. Na cena VIII do ato III, (...) um soldado espanhol, caracterizado como valentão, entra cantando”:

A ellos compadre, a ellos, que ellos xaborenos¹⁹¹ sone! (II,15)

Conhecendo a obra de Sá de Miranda como Dom Gonçalo Coutinho conhecia, pois além de escrever sua biografia, na qual elogia explicitamente as duas comédias¹⁹², termina o

¹⁸⁷ Se houvesse outros elementos que justificassem a ligação entre *Quixote* e a *Crônica de Dom Duardos*, avançaríamos a redação da segunda parte da *Crônica* para depois de 1605. Da mesma forma, se não fossem versos de um *romance* bastante conhecido, sua presença numa obra publicada em 1587 também poderia ajudar na datação.

¹⁸⁸ *Idem, ibidem*, p. 159-160. O *Auto de Rodrigo e Mendo* foi publicado por António Prestes, Luis de Camões e outros autores portugueses na *Primeira parte dos autos e comédias portuguesas*. O verso encontra-se no fôlio 55.

¹⁸⁹ Roubaud-Bénichou, *op. cit.*, p. 113.

¹⁹⁰ Vasconcelos, *op. cit.*, p. 236-237.

¹⁹¹ Xaboneros ou jaboreros eram chamados os sevilhanos. In: VALDALISO CASANOVA, Covadonga. Da cronística medieval como obra literária y la literatura medieval como fuente histórica. In: Actas do Colóquio – Literatura e História. Lisboa, Universidade Aberta, 2002, p.122-123.

prólogo do *Discurso da jornada de D. Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*, citando o mesmo poeta¹⁹³, podemos crer que a inserção desse verso tivesse um propósito jocoso, pois a personagem que o cita é Dom Floris de Lusitânia e o faz voltando-se para um espanhol, mais precisamente Beroldo, o rei de Espanha.

Finalizando a apresentação das obras poéticas de Dom Gonçalo Coutinho, lembramos que atualmente estão perdidas¹⁹⁴ as já citadas *Lágrimas de Alviela*. Uma cópia (ou mesmo um dos autógrafos) poderia ser o manuscrito citado por Teófilo Braga¹⁹⁵, pertencente à biblioteca do Duque de Lafões, mas que se perdeu. Também perdidas estão as traduções das *Heroidas* (citadas nas suas cartas) e das *Metamorfoses* (citadas pelo Padre Francisco da Cruz¹⁹⁶).

Além das obras em verso, Dom Gonçalo Coutinho deixou obras em prosa, como ressalta Dom Francisco Manuel de Melo. No *Hospital das Letras*, quarto volume de seus *Apólogos Dialogais*, de 1657, ele narra um diálogo que teria ocorrido entre Justo Lípsio¹⁹⁷, Traiano Bocalino¹⁹⁸ e Dom Francisco de Quevedo, no qual este último teria dito:

Quevedo. Dizeis verdade, e eu me lembro que Dom Luís de Gôngora me mostrou um exemplar desse livro e carta de seu autor¹⁹⁹, comunicada por Dom Gonçalo Coutinho, grande entre os vossos sujeitos, em prosa e verso; sábio ministro e destro capitão_— como se não fale do livro que compôs da sua jornada e governo de África, que estas são outras mil e quinhentas —, mas também me não esqueço de que o Gôngora, sendo soberbo e desabrido assaz, respeitou notavelmente esta composição de Oliveira.

¹⁹² “de maneira que até as duas comédias que fez em prosa, que por razão do estilo cômico são mais licenciosas, o cardeal Dom Anrique, que depois foi rei destes reinos, tão pio, tão zelador da fé e dos bons costumes, (...) não só lhas mandou pedir para as fazer (como fez) representar diante de si, (...) senão pouco depois de Francisco de Sá morto, porque se elas não perdessem, as fez imprimir ambas em Coimbra na forma em que andam, e as tinha e lia muitas vezes.” MIRANDA, Francisco Sá. de *As obras do doutor Francisco de Saa de Miranda*. Lisboa: A custa de Antonio Leite, 1677, p. XVII-XVIII.

¹⁹³ Trata-se do verso “deve de me ter por tolo, eu a ele por que não”, pertencente à Égloga II, entre os pastores Bieito e Gil.

¹⁹⁴ É possível que haja alguma cópia em Espanha, pois foi provavelmente lá que ele deixou o caderno de seus poemas, conforme expusemos na biografia.

¹⁹⁵ BRAGA, Teófilo. *História da Poesia Portuguesa (Escola Italiana) História de Camões. Parte II*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1874, p. 290.

¹⁹⁶ BA, Ms 51-V-47, da Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

¹⁹⁷ Justo Lipsio, Joest Lips ou Justus Lipsius, 1547-1606, foi um filólogo e humanista que viveu nos chamados Países Baixos espanhóis, atual Bélgica. É considerado um dos eruditos mais famosos do século XVI.

¹⁹⁸ Traiano Bocalini, 1556-1613, escritor italiano em cuja obra se destaca o caráter satírico, a crítica à dominação espanhola e aos costumes da época.

¹⁹⁹ António Gomes de Oliveira, escritor português do sec. XVII.

Dom Gonçalo Coutinho só publicou uma obra, o *Discurso da jornada de Dom Gonçalo Coutinho á villa de Mazagam e seu governo nella*²⁰⁰, impressa em Lisboa no ano de 1629, mas que havia sido oferecida manuscrita ao rei em maio de 1628, como nos informa o autor na dedicatória do *Discurso*.

João Franco Barreto²⁰¹ afirma que Dom Gonçalo Coutinho traduziu o “livro de Jerônimo Franqui da sucessão de Portugal em nossa língua”, obra atualmente desaparecida.

Segundo Teófilo Braga, a livraria de Dom António Alvares da Cunha guardava uma coleção de cartas manuscritas de Dom Gonçalo Coutinho, as quais (ou cópias delas), localizamos no Arquivo da Casa de Cadaval (Teresa Schönborn). Teófilo Braga cita, além dessas obras, uma extensa novela de cavalaria em três tomos intitulada *História de Palmeirim de Inglaterra e de Dom Duardos*²⁰², atribuindo essa “continuação extemporânea” a “um prurido novelesco que atacou a aristocracia no fim do século XVI”. O mesmo crítico arrola também uma obra contendo a genealogia dos Coutinhos chamada *Rellação da descendencia de Dom Gonçalo Coutinho II Conde de Marialva até 1607*²⁰³ e uma biografia de Sá de Miranda, que acompanha a segunda edição das obras desse poeta, publicada em 1614, a qual acreditamos realmente escrita por ele, por alguns motivos que exporemos a seguir.

Primeiramente, a tradição²⁰⁴ diz que Dom Gonçalo Coutinho é o autor da *Vida do Doctor Francisco de Sá de Miranda*, e a data e o local em que foi publicada a obra correspondem a uma fase da vida em que Dom Gonçalo Coutinho poderia de fato ter escrito. Além disso, este autor sabidamente circulava nos meios intelectuais da sua época, tendo plenas condições de fazê-lo. Uma das fontes apontadas pelo autor da *Vida* foi Diogo Bernardes, amigo de Dom Gonçalo Coutinho e frequentador da Quinta dos Vaqueiros. A referência a Diogo Bernardes serve ainda para determinar o *terminus post quem* da *Vida*, pois este escritor morreu por volta de 1605 e, na página XXIX, lemos “contava Diogo Bernardes”,

²⁰⁰ COUTINHO, Dom Gonçalo, *op. cit.*

²⁰¹ BARRETO, João Franco. *Bibliotheca Lusitana*. Cópia xerográfica do manuscrito da Casa de Cadaval, existente na sala de reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, fl. 531r a 532r.

²⁰² Trata-se da *Crônica de Dom Duardos*. Como veremos no terceiro capítulo, os códices apresentam diferentes títulos.

²⁰³ *Rellação da descendencia de Dom Gonçalo Coutinho II Conde de Marialva até 1607*. BARBOSA MACHADO, Diogo e Bento José de Sousa Farinha. *Summario da Bibliotheca Lusitana*. Tomo II. Lisboa: Officina de Antonio Gomes, 1786, p. 176

²⁰⁴ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo III. Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 155.

indicando, pelo tempo verbal, que o poeta já estaria morto no momento em que o autor escrevia a biografia de Sá de Miranda.

O gosto do autor da *Vida* por genealogia, que se verifica na minuciosa informação dos ancestrais da família do biografado e de cada informante citado, também deve ser levado em conta, pois esse era um dos grandes interesses de Dom Gonçalo Coutinho. Aliás, escrever uma biografia seria o desejo de qualquer genealogista, pois assim poderia transcender o mero arrolamento de dados “anagráficos”.

Há ainda alguns elementos internos que, embora poucos, em virtude da pequena extensão da *Vida*, mostram semelhanças entre ela e outros textos de Dom Gonçalo Coutinho²⁰⁵.

ira declarada *Vida*, XX

à ira de ãa molher tão declarada contra aquele primeiro homem. *Crônica* II, 37

deixando o mimo da corte, a conversação dos amigos *Vida*, XX

Andava apartado da conversação dos amigos *Crônica* III, 13

de que o culpavam ao rompimento da pessoa pelo mundo, deixando a assitência e mimo da casa própria *Crônica* II, 61

estimou-o em particular mimo da fortuna *Crônica*, II, 66

logrando quietamente o fruto de seus estudos

vendo-se solta (...) perdido o fruto de todo o seu estudo *Crônica*: III, 33

Foi o primeiro que compôs versos grandes neste reino, bastante desculpa das miudezas que se acham em alguns seus desta medida *Vida*, XXV

nem se era bastante desculpa da força, a tenção, que ele tinha nela *Crônica*, III, 2

pelo menos lhe parecia que o mesmo Dom Duardos, era bastante desculpa *Crônica*, III, 17

viveo em todas as cousas do mundo, quasi abtraído do mesmo mundo *Vida*, XXI

se bem o entendimento de cada ãa era grande, o parecer extremado, a confiança assentada sobre fundamentos tão sólidos, contudo, esse mesmo entendimento, esse mesmo parecer, quando não desbaratavam a confiança de todo, não deixavam pelo menos de enfraquecê-la *Crônica*, II, 84

se valem de sua doutrina, como de apotemas argutíssimos *Vida*,

Desejei deixar escrito em todas estas casas dos capitães para acabarmos com isto um verso de Torquato Tasso, apoftegma célebre nesta matéria. *Discurso*,

Concluindo a relação das obras de Dom Gonçalo Coutinho, citamos a única referência²⁰⁶ que encontramos a uma obra intitulada *La Vie de Menesès*, que estaria “à la tête

²⁰⁵ Grifos nossos.

des oeuvres de ce poète”. Trata-se seguramente de um erro, pois uma obra que pudesse ser considerada a principal de Dom Gonçalo Coutinho não teria sido mencionada apenas numa obra francesa tardia, de carácter enciclopédico, sem que houvesse qualquer referência a ela nos biógrafos portugueses. A hipótese mais provável é que tenha havido uma confusão com a *Vida de Sá de Miranda*.

Dom Gonçalo Coutinho não foi, como se vê, escritor de uma só obra, nem se limitou a um só gênero; no entanto, oficialmente²⁰⁷ publicou apenas o *Discurso*.

Fernandes afirma em sua tese²⁰⁸:

“Infelizmente, não tivemos oportunidade de ler textos cuja atribuição ao autor não seja questionada, com o objetivo de comparar o estilo e buscar alguma referência cruzada. Acreditamos que este deve ser o próximo passo para quem desejar aprofundar-se no tema”.

Tentar provar a autoria da *Crônica de Dom Duardos*, internamente, através da comparação dessa obra com o *Discurso*, cuja autoria é inequívoca, tinha sido um de nossos objetivos iniciais; no entanto, depois de termos localizado cópia das cartas de Dom Gonçalo Coutinho, na qual encontramos menção explícita à referida obra, julgamos definitivamente resolvida a questão da autoria dessa obra. Apresentar alguns elementos encontrados continua válido como caracterização do estilo de Dom Gonçalo Coutinho.

2.4- Estilo de Dom Gonçalo Coutinho

Robert Ricard²⁰⁹, tradutor do *Discurso da Jornada de Dom Gonçalo Coutinho à Vila de Mazagão e seu governo nela* para o francês, define Dom Gonçalo Coutinho como “un de ces curieux mélanges de soldat professionnel et d’homme de lettres” e cita com espanto incrédulo a informação de que teria escrito uma continuação do *Palmeirim de Inglaterra*. Quanto a seu estilo, o autor afirma que “l’écrivain, inégal, mais intéressant, donne facilement dans la recherche et le conceptisme. Il s’exprime souvent par périodes, tantôt habilement construites, tantôt si gauches et si embrouillées que le traducteur est parfois contraint de les disloquer pour aboutir à un texte intelligible”.

²⁰⁶ *Journal Étranger*. Paris, chez Michel Lambert, Libraire, Juin, 1757, p. 76.

²⁰⁷ Já que a *Vida* foi publicada sem nome do autor.

²⁰⁸ FERNANDES, Raúl C. G., *op. cit.* p. 47.

²⁰⁹ RICARD, Robert, *op. cit.* p. 6

Avaliação semelhante à de Robert Ricard, a respeito do *Discurso*, faz Fernandes²¹⁰ a respeito da *Crônica de Dom Duardos*: “Nas ocasiões em que se põe a analisar os sentimentos e as motivações dos personagens, o texto torna-se o mais das vezes prolixo e obscuro. Embora utilize vocabulário amplo e preciso, o autor não se mostra capaz de organizar satisfatoriamente os períodos excessivamente longos de que se serve com frequência”.

Mais que característicos de Dom Gonçalo Coutinho, períodos excessivamente longos, por vezes habilmente construídos, por vezes tão contorcidos que se tornam obscuros, podem ser considerados típicos da prosa barroca, a tal ponto que uma descrição como a de Muhana²¹¹ sobre a dificuldade inicial da leitura da obra de Gaspar Pires de Rebelo poderia se referir à *Crônica de Dom Duardos*:

Muitas das figuras sintáticas presentes nos *Infortúnios trágicos* correspondem, novamente, a uma emulação da elevada linguagem poética em verso. Tais procedimentos, que a princípio causam estranheza, tornam-se familiares à medida que a leitura avança; no início são como enigmas, tendo o leitor de, para poder compreender-lhes o sentido, buscar o sujeito da oração, o complemento, ou o adjunto. Na continuação, porém, essa ordem diversa no interior das frases torna-se habitual, a um ponto que terminamos por reconhecê-la como tão ou mais expressiva do que outras comuns à contemporaneidade.

Morris W. Croll²¹², tratando do estilo barroco na prosa, afirma que este busca mais “expressividade do que beleza formal”, preferindo “as formas que expressam a energia e o trabalho do intelecto em busca da verdade, não sem poeira e calor, às formas que expressam uma conformada sensação de contentamento e de sua posse. Numa palavra, as inquietações da alma, e não seus estados de repouso tornaram-se os temas da arte.”

Não é por acaso que os parágrafos mais densos da *Crônica* são exatamente os que retratam a alma dilacerada, como este em que Dom Duardos se debate, lutando entre o desejo de ver a amada e o dever de obedecer à ordem contrária que ela lhe dera. O longo parágrafo, apresentando quase simultaneamente as contradições com as quais ele se debate, é perfeito para indicar esse estado emocional caótico, alma cindida:

²¹⁰ FERNANDES, Raúl C. G., *op. cit.* p. 58.

²¹¹ REBELO, Gaspar Pires de. *Infortúnios trágicos da constante Florinda*. Organização, notas e posfácio de Adma Muhana. São Paulo: Globo, 2006, p. 12.

²¹² SPINA, Segismundo e CROLL, Morris W. *Introdução ao maneirismo e à prosa barroca*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 40.

revolvendo na fantasia as palavras de Carmélia, a ira com que lhas dissera, a rezão que tivera para dizer-lhas, da qual julgava as mais das vezes como parcial da própria Carmélia, tomando-se a si a culpa da ocasião que lhe dera; outras acodia a natureza a seu ser e parecia-lhe que não fora grande a de obedecer-lhe, porém, quando se sentia inclinado ao amor próprio e apertado da rezão, lá guardava sempre seu lugar ao respeito de Carmélia, de maneira que, quando se não via a si com culpas, por fé prossupunha que não faltariam nela causas secretas para a demonstração que com ele fizera ser arrezoadada e justa (I, 31)

Por um lado, como amante perfeito, ele não deve apenas obedecer aos desejos da amada, mas transcender seus próprios desejos e chegar a desejar o que ela deseja, ainda que isto seja oposto aos desejos dele; portanto, ele deve encontrar razões que justifiquem ainda as mais descabidas ordens dela. Por outro lado, mesmo quando ele julga tomando partido dela, a natureza, o amor-próprio intervém e ele precisa recorrer a um ato extremo de fé, forjando razões secretas que justifiquem os atos de Carmélia. Claro está que essa gama de desejos e pensamentos não se dá linearmente, organizadamente, pontualmente. Daí o longo e tumultuado parágrafo, retratando a turbulência interior.

Nem sempre, entretanto, os períodos longos, carregados de orações subordinadas adjetivas e substantivas, servem para representar tensão ou caos; algumas vezes, Dom Gonçalo Coutinho quer abarcar todo um raciocínio em período único²¹³:

Mas eu não sei que têm estes muito enlevados, que lá acham razões a seus delírios com que nos mostram, pelo menos, quanto se levantam sobre os entendimentos daqueles que o não são tanto, porque isto que eu tenho percorrido sobre a opinião de Dom Duardos, que me a mi parecia muito certo e bem fundado, depois que li por diante em Henrique Frusto uma ode do próprio Dom Duardos, que em seu lugar tresladaremos, na qual dá razões por que se descontenta da sua obediência ser forçada a respeito daquele desejo (não sei que lhe faça), da sua parte me pus naquele descontentamento de si próprio com o qual o tomou a manhã nevoada e turva e com uns borrifos meúdos em que a névoa se ia desatando, que ainda o espantaram e consolaram mais pelo tempo não ser de chuva, cuidando que de todo era aquilo ãa proibição da natureza aos homens, para não tratarem aquela serra nunca.

Nesse período, o narrador quer mostrar que, depois de ter lido a ode de Dom Duardos, entendeu por que este cavaleiro não se contenta com uma obediência forçada, e passou a concordar com ele. Aparentemente, não precisariam fazer parte desse período as orações finais, que falam do tempo nebuloso. Na verdade, porém, essa parte arremata o raciocínio, pois o descontentamento de si próprio, decorrente do fato de ser muito enlevado e encontrar razões para seus delírios, faz com que o cavaleiro deseje um lugar absolutamente ermo:

²¹³ *Crônica de Dom Duardos*, II, 2 (grifos nossos).

aquela serra nebulosa parece querer impedir que as pessoas se aproximem, daí o consolo dele ao julgar que encontrou um refúgio.

Uma figura de construção muito empregada por Dom Gonçalo Coutinho é a zeugma, mas a distância entre o termo elidido e o citado é tanta, que faz lembrar o período a que Croll²¹⁴ denomina “explodido”, característico do Barroco, cujos “membros acham-se mais separados uns dos outros do que se achariam num período ciceroniano”. Vejamos alguns casos que poderíamos considerar assim²¹⁵:

(...) com a qual **diligência** surdido a nau um pouco, havendo recebido grande quantidade de água pelo bordo, como atrás fica dito: porém, pouco aproveitara **ela**, nem alguma outra **humana** contra o furor de tão porfiada fortuna. *Discurso*, fl 17v.

[diligência humana]

Tangia e cantava Dom Duardos enfim, mas como se não fazia caso daquilo, não fez Tregônio (quando lhe ele mandou buscar embarcação) provisão de **instromentos** músicos, porém a língua, que é ã dos **melhores do coração**, às vezes acodia às enchentes de pensamentos, que o sofocavam de ordinário (...) *Crônica*, II,1.

[melhores instromentos do coração]

O interessante nesse tipo de zeugma não é tanto a distância mencionada, que, aliás, no primeiro exemplo é parcialmente compensada pelo uso do pronome *ela*, retomando *diligência*, mas sim o fato de elidir o substantivo, mantendo o adjetivo. É isso que cria a impressão de um período “explodido”, pois aparentemente o adjetivo está desligado do substantivo. Aliás, esse desligamento do adjetivo lembra a comparação que Alfonso Reys²¹⁶ emprega para descrever a poesia do século XVII, em sua busca por renovação da linguagem, “deixando cair o substantivo como asa rota que já não server para segurar o jarro”.

²¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 42.

²¹⁵ Grifos nossos.

²¹⁶ REYS, Alfonso. *Obras completas*, VII, p. 15-249. *Apud* SPINA, Segismundo e CROLL, Morris W. *Introdução ao maneirismo e à prosa barroca*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p.17.

Ainda como exemplo de construção inesperada, encontramos uma interessante quebra de paralelismo semântico em “protestando-lhe que primeiro haviam de morrer todos, que apartar-se daqueles **muros e intentos**”²¹⁷.

Para além da estruturação dos parágrafos, merece destaque ainda uma técnica narrativa, empregada na *Crônica de Dom Duardos*, que consiste em recontar a história sob diferentes pontos de vista. Um dos melhores exemplos encontramos na narração ocorrida no jardim do palácio de Constantinopla²¹⁸, que, como numa técnica cinematográfica moderna, vai repassando a mesma cena a partir de diferentes ângulos, mantendo o suspense, enquanto revela paulatinamente os detalhes da trama envolvendo vários personagens.

A cena começa com as quatro princesas (Carmélia, Valerisa, Flérida e Gridônia) passeando pelas alamedas do jardim, duas a duas. Carmélia e Valerisa ouvem uns suspiros e, aproximando-se lentamente, ouvem Albaizar, sozinho, declarando seu infeliz e proibido amor por Carmélia. As princesas voltam e encontram Flérida e Gridônia, que também retornavam de outra alameda, onde tinham ouvido declarações solitárias de Dom Duardos. As princesas dirigem-se ao castelo e, de lá, ouvem gritos e golpes de espada. De um aposento no andar superior, conseguem ver Floramão acalmando os empregados e dizendo tratar-se apenas de esgrima entre amigos. Lá estão também Vasperaldo, Albaizar, Dom Duardos e Dom Floris. Em seguida, chega até elas Gravano, escudeiro de Dom Floris, informando que seu senhor está ferido e lhe mandou buscar um livro que ele e Floramão liam no jardim. Começa aqui um novo ângulo de visão, e o narrador explica que Dom Floris e Floramão conversavam e liam um livro de poemas deste, quando ouviram os mesmos golpes de espada. É importante ressaltar que estes golpes funcionam como um divisor entre os diferentes focos de visão, pois eles já haviam sido mencionados na narração do passeio das princesas. Por fim, temos um terceiro ângulo de visão, que narra como Vasperaldo encontrou Albaizar olhando atenciosamente um papel e como tentou tirá-lo à força da mão dele, dando início aos tais golpes de espada, ouvidos por diferentes personagens ao longo da narrativa.

Vê-se que não se trata de um simples *flash-back* explicativo, comum a todos os livros de cavalarias e presente também na *Crônica de Dom Duardos*, mas de uma técnica narrativa formada por uma seqüência de *flash-backs*, retomando a mesma narrativa sob diversos

²¹⁷ *Crônica de Dom Duardos* II,22. O copista do ANTT 1201 eliminou essa construção ao não transcrever “e intentos”, (grifos nossos).

²¹⁸ *Crônica de Dom Duardos*, I, 18-21.

ângulos de visão. Esse recurso demonstra uma preocupação do autor em enriquecer sua obra, empregando artifícios narrativos mais elaborados.

Outro exemplo da mesma técnica, mas reduzida a dois ângulos de visão, repete-se na cena do naufrágio de Vasperaldo,²¹⁹ que começa com o navio afundando a “sete ou oito léguas da costa”, continua com o cavaleiro apoiado a um pedaço de madeira, lutando contra as ondas, até chegar à praia, extenuado. Essa narrativa é permeada por detalhes (incluindo a informação de que ele chegara molhado à praia) e reflexões sobre os desígnios de Deus. Depois, o foco volta-se para Arquediana e Beliandra, que estavam sobre um monte vendo os destroços do navio e que vão se aproximando da praia ao verem que havia um sobrevivente, acrescentando detalhes sobre as personagens e suas emoções. O primeiro foco vai do mar para a praia, o segundo vai do monte para a praia e, desse ponto de encontro, continua a narrativa. Essa técnica lembra uma pintura barroca, que, com suas linhas transversais, seus múltiplos focos, faz nossos olhos percorrerem o quadro.

Além do uso de construções e figuras comuns à época, uma característica notável de Dom Gonçalo Coutinho é o vocabulário rico e preciso, já destacado por Ricard e Fernandes. Robert Ricard afirma que o próprio lexicógrafo Moraes teria feito alguns empréstimos de seu *Discurso* para explicar verbetes como *algaz* e *aquentar*²²⁰. É justamente o vocabulário um dos elementos que mais se assemelham na *Crônica de Dom Duardos* e no *Discurso*.

Em ambas as obras o autor manifesta profundo conhecimento acerca de embarcações e rotinas marítimas, tais como ventos e manejo de naus. Além da adoção de um vocabulário preciso e minucioso²²¹, demonstra muita familiaridade com o labor marítimo. E essa mesma característica, que une a *Crônica de Dom Duardos* ao *Discurso*, afasta-a dos demais livros de cavalarias consultados. Comparemos trechos de três obras²²²:

²¹⁹ *Crônica de Dom Duardos*, II, 6.

²²⁰ Ressalvamos, no entanto, que não encontramos na edição de 1813 referência a essa obra ou ao autor, mas encontramos ao *Palmeirim de Inglaterra* (tanto às duas partes de Francisco de Moraes, quanto às de Fernandes e Lobato) e ao *Clarimundo* de João de Barros. Quem cita Dom Gonçalo Coutinho é o *Dicionário da Academia*, de 1793, exatamente nos termos *algaz* e *aquentar*, embora não o inclua no catálogo de autoridades consultadas.

²²¹ Ao tratar da riqueza vocabular de Dom Gonçalo Coutinho, Fernandes aponta: “O vocabulário da *Crônica de Dom Duardos* é mais extenso que o de obras congêneres. A consulta ao glossário do texto (volume 2 deste trabalho, apêndice) demonstra a quantidade de termos concernentes a objetos de uso doméstico (aldabra, cassoula etc), instrumentos marítimos (moneta, coxia, enxárcia etc), acidentes geográficos (abra, calheta etc), além de muitíssimas expressões de sabor popular (“dar coices no aguilhão”, “conspir para o céu” etc), incomuns em livros de cavalarias.” *Op. cit.* p.58.

²²² Todos os grifos dos próximos textos são nossos e servem para destacar o vocabulário e a descrição de atividades náuticas.

Crônica de Dom Duardos
Segunda parte, capítulo 28

(...) vendo aquele homem tão honrado, e já com mais sinais de velho que de mancebo, andar pelo navio descalço, mal coberto, escalavrado dar muitas quedas que dava com os balanços, ora pegando nas cordas, ora não largando as barras do cabrestante e outras vezes pondo talhas ao leme para poderem com ele. Mais com vergonha que com esperança de salvação, o ajudavam naqueles menistérios. Tinham-se derrotado todas as naos, como temos dito, mas não dava lugar a cerração para se ver que faltavam. [95r] O tempo se não crescia, não abonava. A noute vinha-se outra vez chegando, e os ânimos começavam a render-se de todo ao ímpeto de tão porfiada fortuna. (...) Contudo não o quis ele fazer, antes visitando de novo a bomba e o leme, foi apertando a enxárcea e os mastos, e dar a cevadeira, e içar ã pouco a verga grande para meter a nao a caminho, e ainda que se não podia fiar muito nem do masto, nem do proprio casco, porque ã como dissemos rendera, e o outro não deixava de fazer ágoa, que se bem não era tanta que se não vencesse com as bombas, era todavia a que bastava para a [96r] não largar nunca da mão.

Discurso da Jornada que fez a Mazagão, e seu governo nela
Fólios 9v – 11r

A nossa companhia teve sempre junta ao forol que lhe fiz, e navegamos arribados também com pouca vela, e inda assi repartimos a noite, por temer a costa, em relógios de area, a que os marinheiros chamam empoletas, e quantas íamos adiante, tornávamos outra vez a desandar na volta de loeste, com grande trabalho da nao por ir desvelejada, e ser o mar muito grosso, e o vento naquela volta muito ponteiro, e assi se passou toda ela. (...) Pouco havia que estávamos surtos quando, tendo já despedido ã cavaleiro dos que me acompanhavam, com recado ao governo da arribada, começou de novo a ser tal a tormenta, continuando-se por toda a noite, que foi forçoso naquela baía lançar todas as âncoras no fundo, calar os matareos, e trabalhar de contino apertando a enxárcea aos mastros; e nem assi, com o vento que entrava pela boca da barra, nos podíamos valer, nem a nao deixar de cacear muito. E tanto naquela, como nas mais tormentas que tive, não se acharam nunca os marinheiros nas barras do cabrestante sem mim; sem bastar o exemplo para levar a elas mais gente, que a da obrigação da nao, e com pouca culpa: porque a de África não acostuada aos rigores do mar, os mais companheiros menos, e ãs e outros desobrigados dos respeitos que me a mim faziam força, rendidos já do trabalho em que se viam, não se boliam de ã lugar. Esta foi a noite em que Dom Fadrique de Toledo Osorio general da armada do mar oceano veio a demandar a barra de Lisboa onde esteve perdido, derrotando-se-lhe a maior parte dela, ãa a Galiza, outra ao Algarve, onde em Vila Nova de Portimão se perdeo ã importante navio dela com muita gente. E foi a noite, enfim, em que todo o homem prático do mar, estando em terra, julgou por perdidos todos quantos navios saíram de Lisboa, que não houvessem tomado Setúbal: porque conforme ao tempo, não entenderam que poderiam entrar em outra parte.

Terceira parte da Crônica de Palmeirim de Inglaterra (Diogo Fernandes)
Capítulo 48

Mas como a fortuna não estivesse ainda satisfeita de todos os passados acontecimentos, ordenou um que como maior que todos lhe desse mais que sentir, e foi que poucas horas depois que assi navegavam, as ondas e o vento se embraveceram tanto, que os marinheiros

houveram aquele ameaço de tempo pelo maior que nunca viram, e não parando aqui a fúria dele, depois de muitas voltas em que o mar os trouxe, o mastro se lhe quebrou, e o navio de todo desgovernado, daí a três dias foi aportar a ãa ilha, onde porque navegar por diante era impossível, tanto que eles desembarcaram, se foi ao fundo.

Nota-se imediatamente a identidade de vocabulário e a mesma minúcia na descrição das peripécias marítimas²²³ entre os dois primeiros textos e a diferença entre eles e o último, que apenas cita o mastro quebrado.

Há, porém, que estar atento à trajetória bem sucedida, já na segunda metade do século XVI, dos relatos de naufrágio. Entre estes e os textos anteriores há a mesma coincidência de vocabulário e riqueza de detalhes, como se pode verificar na comparação com o texto seguinte²²⁴:

Naufragio do galeão grande São João (1554?)

Capítulo V

E vendo-se os officiaes e gente da nao com os aparelhos quebrados, e sem nenhũa enxárcea no masto, que lhe não quebrasse ou lhe abrisse a nao. E estando com esta obra na mão, era o mar muito grosso e feo e lhes pareceo que por então era obra escusada, e que era melhor conselho cortarem o masto, por o muito que trabalhava, por lhe não abrir a nao, e o vento e o mar era tamanho que lhe não consentia fazer obra nenhũa, nem havia homem que pera a fazer se podesse ter em pé. E estando com os machados na mão, começando já a cortar vem supitamente a arrebentar o masto grande por riba das poles das coroas, como se o cortaram de um golpe, e pela banda destribordo o lançou o vento ao mar com a gávea e enxárcea, como se fora ãa cousa muito leve, e então lhe cortaram os aparelhos e enxárcea da outra banda, e todo junto se foi ao mar. E vendo-se sem masto nem verga fizeram com mui grande diligência no pé do masto grande que lhe ficou um mastareo de um pedaço de entena de algũas oito braças bem pregada, e com as melhores arreataduras que poderam, e nele guarneceram ãa verga pera a vela da gávea, e da outra entena de quatorze braças fizeram ua verga pera papafigo grande, e com algũs pedaços de velas tornaram a guarnecer nesta verga grande, e outro tanto fizeram pera o masto de proa, e ficou tudo isto tão remendado e fraco, que abastava qualquer vento pera lhas tornar a levar. E como tiveram tudo guarnecido o melhor que poderam, deram às velas com o vento sussueste. E como o leme vinha já com três ferros menos os principaes, não lhe quis a nao governar, senão com muito trabalho, e já então as escoras lhe serviam de lume.

Vale lembrar que a *Crônica de Dom Duardos* foi escrita antes da viagem de Dom Gonçalo Coutinho ao Mazagão, pois esta ocorreu em 1623, e as cartas, nas quais ele cita a

²²³ Trechos sublinhados.

²²⁴ *Fac-simile da Historia da muy notauel perda do Galeão grande sam João. Em q se contam os innumeraueis trabalhos e grandes desauenturas q aconteceram ao Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda. E o lamentauel fim q elle e sua mulher e filhos e toda a mais gente ouuerão. O qual se perdeo no anno de M. D. LII. a vinte e quatro de Junho, na terra do Natal em xxxj. graos (Grifos nossos).*

terceira parte da obra, são anteriores a essa data.²²⁵ Portanto, ainda antes de escrever o *Discurso*, o autor já tinha conhecimento do assunto e/ou poderia ter lançado mão de tal vocabulário e técnicas²²⁶ graças à leitura dos relatos de naufrágio.

Independentemente de quanto haverá de biográfico no próprio *Discurso* e de quanto terá sido influenciado por leituras prévias dos relatos de naufrágio, o mais importante talvez seja perceber que a inclusão desse vocabulário e técnicas num livro de cavalarias mostra que o gênero continuava se renovando e incorporando elementos da realidade circundante, como escreve Marín Pina²²⁷:

(...) el mestizaje genérico, incardina e imbrica definitivamente los libros de caballerías en su tiempo, en la rica, variada y permeable prosa del XVI. En clava caballeresca, los libros de caballerías dan entrada a una pluralidad de materiales que entroncan el género con otros de la época e integran en sus páginas, como luego el *Quijote*, toda o la mayor parte de la literatura del momento. Gracias a estas variaciones que marcan la singularidad de cada obra sin perturbar las reglas del género ni los hábitos del público, los libros de caballerías lograron la hazaña de permanecer aparentemente inalterables al paso del tiempo saciando a la vez el deseo de los lectores por encontrar novedades. En esta mezcla de rutina e invención, sancionada por el público, radica buena parte del éxito de los libros de caballerías, un género dinámico e innovador y a la par apegado a sus raíces, al *Amadís de Gaula*, “el padre de toda esta máquina”

²²⁵ Com exceção da carta de pêsames pelo falecimento do irmão de Dom Rodrigo da Cunha, datada de 1929, já comentada.

²²⁶ LANCIANI, Giulia. *Os Relatos de Naufrágios na Literatura Portuguesa dos Séculos XVI e XVII*, Tradução do italiano por Manuel Simões. Lisboa, Livraria Bertrand, 1979.

²²⁷ MARÍN PINA, Maria Carmen. *Páginas de sueños. Estudios sobre los libros de caballerías castellanos*. Zaragoza, Institución “Fernando el Católico”, 2011, p. 68.

Capítulo 3 – Elementos para a edição da *Crônica de D. Duardos* (Segunda e Terceira Partes)

3.1- Os códices:

Os códices atualmente conhecidos da *Crônica de D. Duardos* são os seguintes:

I. *Crônica de D. Duardos, Primeira Parte:*

1. BNP (Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa): cód. 483 (H-6-55);²²⁸
2. BNP 619 (H-10-6);
3. BNP 620 (H-10-7);
4. BNP 658 (H-10-45);
5. BNP 6828 (U-2-100);
6. BNP 12904;
7. ANTT (Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa): Manuscritos da Livraria, 1773.²²⁹

II. *Crônica de D. Duardos, Segunda Parte:*

1. ANTT: Manuscritos da Livraria, 1201;
2. BNP: cód. 659 (H-10-46);
3. BNP 6829 (U-2-101);
4. Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa: Seção de Reservados, BDM Ms LXX;
5. ANTT: Manuscritos da Livraria, 410;
6. HSA (Hispanic Society of America, Nova Iorque): HC/380/800/1.

III. *Crônica de D. Duardos, Terceira Parte:*

1. ANTT: Manuscritos da Livraria, 1202;
2. BNP: cód. 6830 (U-2-102);
3. HSA: HC/380/800/2;
4. ANTT: Manuscritos da Livraria, 1773.

²²⁸ Entre parênteses indicamos a cota antiga dos manuscritos.

²²⁹ O códice ANTT 1773 contém a primeira e a terceira partes da *Crônica de Dom Duardos*.

Há, além desses, pelo menos um manuscrito perdido da *Crônica de D. Duardos*. Trata-se de uma cópia da primeira parte, citada pela primeira vez por Teófilo Braga, em 1873²³⁰.

Prestage²³¹, em 1896, retomando a citação de Braga, diz que a trilogia conteria “whole Chronicle, in a single volume”; no entanto, o próprio Teófilo não diz isso. Diz apenas que encontrara um manuscrito de uma novela de cavalaria, dando em seguida o título:

Cronica do invictissimo D. Duardos, principe de Inglaterra, filho de Palmeiry, e da Princeza Polinarda, no qual se contam seus extremados feitos em armas, e purissimos amores, com outros de outros cavalleiros que em seu tempo concorreram. Composto por Henrique Fauste, cronista Ingres e trasladada em portuguez por Gomes Eannes de Azurara, que fez a Chronica d'el-rei D. Affonso Henriques achada de novo entre seus papeis." Folio de 644 pp. enc[adernado], pertencente à selectissima livraria do architecto-archeologo J. M. Nepomuceno.

Em 1897, o catálogo da livraria de José Maria Nepomuceno²³² descreve esse manuscrito assim:

A primeira parte em branco, e no verso o frontispicio. A obra começa na página 3, e segue até à 636: a pagina 637 em branco, e na 638 começa uma ‘Taboada dos Cap.^{os} q. neste volume se contem’, occupando 7 paginas. – A obra compreende 33 capitulos – ‘Cap.^o 1.^o em q. se dá conta do que fasia o emperador primaleão e do reccado q. elle e outros principes tiuerão do sabio Daliarte’ – ‘Cap.^o 33, de certa aventura q. a corte trouxe hũ caualr.^o estranho do q. nella se fez e do successo q. teue o embaixador q. foy a Bohemia.’ Não encontrámos noticia d’esta interessante Chronica, nem do seu auctor: entre as obras que Azurara deixou manuscriptas não vem mencionada esta traducção. A letra parece ser do fim do seculo XVII, ou começo do XVIII.

Essa descrição informa que o manuscrito teria apenas 33 capítulos, embora tenha empregado sete páginas para transcrever a tabuada dos capítulos. Sete páginas também foram empregadas para transcrever o índice do códice BNP 12904, que contém 80 capítulos, assim

²³⁰ BRAGA, Theophilo. *Historia da Litteratura Portugueza. Historia das novelas portuguezas de cavalleria. Formação do Amadis de Gaula*. Porto: Imprensa Portugueza, 1873, p. 196.

²³¹ BEAZLEY, Charles Raymond & PRESTAGE, Edgar. *The chronicle of the discovery and conquest of Guinea*. New York: Burt Franklin, 1896, pp. LXIII a LXVII.

²³² TRINDADE, Luiz. *Catalogo da livraria do fallecido distincto bibliographo e bibliophilo José Maria Nepomuceno. Catalogo n° 46, Leilão n° 24, sob a direcção de Francisco Arthur da Silva*. Lisboa, Empreza Editora de Francisco Arthur da Silva, 1897, pp. 328-329.

como todos os demais da primeira parte, exceto o BNP 619²³³. Aparentemente, cada capítulo desse manuscrito conteria o texto de dois ou mais capítulos dos demais manuscritos, exatamente como aconteceu com o primeiro e com o trigésimo terceiro, que veremos a seguir.

O título do primeiro capítulo diz “em q. se dá conta do que fazia o emperador primaleão e do reccado q. elle e outros principes tiuerão do sabio Daliarte”, que corresponde à narrativa dos três primeiros capítulos dos outros códices²³⁴:

Capitulo 1º em que se da conta da vida | que fazia o Emperador Primaleão, e os oultros Princepes, e como Daliarte detremi|nou de trazer os Donzeis, que criava á Cor|te.

Capitulo 2º do recado que teve o Empera|dor do Sabio Daliarte, e do alvoroço, que ou|ve na corte com elle.

Capitulo 3º como todos aquelles Prin|cepes que tiverão recado de Daliarte se apare|lharão, e partirão para Constantinopla, e do que | lhes succedeu.

Já o título do capítulo 33, “de certa aventura, q. a corte trouxe hũ caualr.º estranho do q. nella se fez e do sucesso q. teue o embaixador q. foy a Bohemia.”, corresponde ao septuagésimo sexto capítulo das outras cópias, acrescido da narrativa dos quatro capítulos faltantes²³⁵:

Capitulo 76. De certa Aventura *que* trou|che á corte hũ cavalleiro Estranho, e do *que* nella | se fes.

Capitulo 77. Do *que* mais passou na cor|te acerca da quella Aventura, e do *que* succe|deu a Dramuziando no valle.

Capitulo 78. Da terrivel batalha, *que* Dra|muziando teve com a quelle cavalleiro, e de | como no cabo se conhecerão. E de como o Em|baixador chegou a Bohemia.

Capitulo 79. Do *que* passou Pleonido cõ | a Princeza, e de como o Embaixador chegou | a o castello onde os Princepes estavam.

Capitulo 80. Da entrada do Embaixador na | cidade, e de como EIRey depois de o ouvir deu conta | á Princeza, e do *que* ella respondeu, e de como se decla|rou sua jornada para Constantinopla”

O fato de o trigésimo terceiro capítulo retomar o septuagésimo sexto poderia associar o códice perdido ao BNP 619, o único com apenas 76 capítulos. Como nenhum dos manuscritos conhecidos se assemelha ao manuscrito descrito, podemos ter a esperança de encontrar mais uma cópia da primeira parte.

²³³ O códice BNP 619 contém o texto completo, dividido em 76 capítulos.

²³⁴ FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia, *op. cit.*, p. 321.

²³⁵ *Idem, ibidem*, p. 32

3.2- Título e descrição dos códices:

Os códices apontados apresentam divergências nos títulos, pois a mesma narrativa aparece como *Chronica de Primaleão Emperador de Grecia*, nos códices BNP 12904, BNP 483, BNP 620, BNP 658, ANTT 1763, ANTT 1201, ANTT 1202, HC-300-800-1 e HC-300-800-2 e como *Cronica do Principe Dom Duardos* nos demais. No entanto, apesar de o título indicar Primaleão, o herói da narrativa é sempre D. Duardos; daí a proposta de Fernandes²³⁶ de se adotarem os nomes *Crônica de D. Duardos Primeira Parte*, *Crônica de D. Duardos Segunda Parte* e *Crônica de D. Duardos Terceira Parte*. O códice K-V-7 do Arquivo da Casa Cadaval (Teresa Schönborn) corrobora essa proposta, pois o próprio autor se referiu à obra como “o livro de Dom Duardos”²³⁷

²³⁶ FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. *op. cit.*, p. 40.

²³⁷ Conforme já expusemos.

3.2.1- Descrição do códice ANTT 1201

1. Descrição externa

a. Códice

O códice ANTT 1201 pertence à coleção dos Manuscritos da Livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, localizada na cidade de Lisboa.

b. Material

Trata-se de um códice de papel em tom cru, medindo 291 x 211 mm, que apresenta dois tipos principais de filigranas. A primeira representa uma elipse, tendo no campo uma cruz alta sobre coroa. Dois leões suportam a elipse, que tem na parte inferior duas circunferências tangentes, contendo a primeira as letras CAM e a segunda o número 4. A segunda filigrana é bastante semelhante à primeira, excetuado o fato de a primeira circunferência apresentar as letras TCC e a segunda, a letra I. O fólio 61 apresenta uma filigrana em forma de estrela de seis pontas. Apesar das várias filigranas encontradas, não foi possível datar a fabricação do papel, pois filigranas semelhantes aparecem no livro de Heawood com datação variando entre 1650 e 1750.

c. Foliotação

A numeração dos fólios foi colocada pelo próprio copista na margem direita, na altura das primeiras linhas, de 1 a 291. Aparentemente faltaria o fólio 60, mas houve apenas um erro de numeração. O copista numerou dois fólios como 41r e 41v, por isso os fólios 42r a 60v foram numerados como 41r a 59v, respectivamente, e, para corrigir o erro, pulou do 59v para 61r. O texto termina no fólio 291 verso e os quatro fólios do índice não foram numerados.

d. Cadernos

O códice é formado por uma folha de guarda à qual foi colado o fólio com frontispício. Em seguida aparecem 37 quaternos e mais 2 fólios, sendo que o último funciona como folha de guarda.

No vigésimo quaterno, o sétimo fólio foi cortado, provavelmente ainda no processo de escrita, pois a foliação e a assinatura refletem isso. O sétimo fólio deveria receber o número 159; no entanto, como foi cortado, o oitavo fólio foi o que recebeu esse número. Isso fez com que o primeiro fólio do novo quaterno recebesse o número 160 e a assinatura “z”, que deveria aparecer no fólio 161, já que 160 fólios perfazem 20 quaternos (8 fólios cada).

e. Empaginação

O texto está escrito em uma única coluna, com mancha de 220 x 145 mm. Apresenta 30 linhas por página e, em média, 45 letras ou espaços por linha. Há reclamo em todas as páginas.

f. Escrita

O códice apresenta letra humanística redonda. A escrita cuidadosa, não encadeada e com poucas abreviaturas, sugere que o copista não seja um simples amanuense, mas um literato. O mesmo copista transcreveu as três partes da *Crônica de Dom Duardos* (BNP 12904, ANTT 1201 e ANTT 1202) e também três partes da *Crônica do Imperador Beliandro* nos códices ANTT 1200 e ANTT 1918. Nenhum desses códices apresenta datas, mas a filigrana que aparece no códice ANTT 1918 é exatamente a mesma que aparece num processo datado de 4 de junho de 1740²³⁸. Como já havíamos dito, filigranas semelhantes às encontradas no códice ANTT 1201 foram situadas por Heawood no arco temporal de 1650 a 1750. Com base nessas duas informações, acreditamos que o códice tenha sido escrito em meados do século XVIII. É bem verdade que o fato de um trabalho

²³⁸ ANTT Tribunal do Santo Ofício Conselho Geral Habilitações Maço 19 / doc 408 – Dom Luis Barata de Lima.

desse copista ter sido executado numa data não implica necessariamente que o outro seja de uma data próxima. Há, porém, uma razão que nos leva a crer que tanto a *Crônica de Dom Duardos* quanto a *Crônica do Imperador Beliandro* tenham sido escritas num mesmo contexto.

O códice ANTT 1201²³⁹, repetindo o tópico da falsa tradução²⁴⁰, informa que a obra fora “tresladada por Simisberto Pachorro, enquanto esteve encantado no cume da Penha Rigurosa da Serra da Lua, pelo ódio do sábio Bragamante”. Já o códice BNP 12904, atribui ao mesmo Simisberto Pachorro apenas a cópia da obra composta por Guilherme Frusto. Coincidentemente, no códice ANTT 1200, o mesmo copista escreve “Chronica de Belliandro emperador de Grecia escrita por Cornellio Faquião author ingles acrescentada e deitada a perder pello idiota Simeam Antunes”. Alguns manuscritos da *Crônica do Imperador Beliandro* mencionam Cornélio Faquião, mas apenas o ANTT 1200 cita o “idiota” Simeão Antunes. Os nomes de Simisberto Pachorro e “idiota” Simeão Antunes parecem-nos fruto de um mesmo espírito jocoso que dificilmente poderia ser atribuído ao copista, mas com maior probabilidade a quem encomendou as cópias. Afinal, seria estranho que quem pagou por esse trabalho aceitasse a brincadeira no título se não fosse ele o mandatário. De qualquer forma, sendo um ou outro o responsável pela inclusão dos nomes de Simisberto Pachorro e do “idiota” Simeão Antunes, todos os códices devem ter sido escritos num mesmo contexto, num período próximo, que supomos ser meados do século XVIII.

g. Encadernação

A capa mede 299 x 211 mm e a lombada 45 mm. O material da capa é cartão revestido de couro e apresenta desenhos geométricos com motivos florais em alto relevo. Nas bordas superior e inferior da capa foi colado um reforço de papel pardo, atualmente rasgado na junção da capa e da lombada.

²³⁹ Bem como sua cópia HC-300-800-1.

²⁴⁰ MARÍN PINA, María Carmen. “El libro encontrado y el tópico de la falsa traducción”. In *Páginas de sueños. Estudios sobre los libros de caballerías castellanos*. Zaragoza, Institución “Fernando el Católico”, 2011, p. 71-84.

Na lombada percebem-se quatro nervos, entre os quais há decoração, exceto na segunda casa, onde se vê um selo em dourado com o título dividido em quatro linhas. Na primeira linha lê-se “Chronica”; na segunda, só resta um “E”; na terceira, resta um “AL.” (provavelmente abreviação de *Primaleão*); na quarta linha lê-se “I.” Abaixo desse selo, possivelmente parte de um selo anterior, lê-se “DO” na segunda linha, “ZER”, na terceira e “.2.” na quarta. No espaço inferior da lombada há dois selos sobrepostos. Do selo de baixo só é possível ver as bordas, muito amareladas; apesar disso, é possível conjecturar que se trata do selo antigo da própria Torre do Tombo, pois as dimensões, posição e bordas são muito semelhantes às de outras obras que conservavam o selo antigo. Sobre esse selo, foi colado outro onde se lê a cota: 1201 Mss Livraria.

h. Estado de conservação

A encadernação do códice 1201 (Segunda Parte da *Crônica de Dom Duardos*) é muito semelhante à do códice 1202 (Terceira Parte da *Crônica de Dom Duardos*), e também à do BNP 12904 (Primeira Parte da *Crônica de Dom Duardos*); no entanto, estes códices apresentam marcas de desgaste diferentes, estando este último em muito pior estado de conservação. As capas são de couro em alto relevo, mas o desgaste no códice ANTT 1201 foi mais significativo que o do ANTT 1202, por isso se naquele sente menos o alto relevo, além de a borda superior externa estar bastante carcomida. O fólio contendo o frontispício apresenta-se quase separado do restante do códice. Há trechos danificados pela ação de traças, embora nada comprometa o texto, cuja leitura é fácil.

2. Descrição interna

Página de rosto:

Chronica

de

Primaleão Emperador de

Grecia

Segunda Parte.

Em

que se da conta das façanhas monstruosas, *que* obrou o Príncipe D. Duardos, e os mais Cavalleiros de seu tempo.

Composta

Por Guilherme Frusto, e tresladada por Simisberto Pachorro, estando encantado no Cume da Penha Riguroza da Serra da Lua, pello odio do Sabio Bragamante.

Fólio 1 r:

Capitulo 1

Em *que* se torna a dar conta do *que* aconteceu a D. Duardos na quella Barca, em *que* andava.

Fólio 291 v:

poderá dizer quem tresladar ou ler, a terceira, e quarta parte della muito mais ricas de cazos e acontecimentos grandes, que as duas, *que* ficão escritas.

Fólios não numerados:

Fólio [292]: em branco

Fólios [293 a 296v]: Índice

3.2.2- Descrição do códice BNP 659

1. Descrição externa

a. Códice

O códice BNP 659 pertence à Biblioteca Nacional de Portugal. Na lombada é possível ver vestígios do selo com a cota primitiva: B – 10 – 46, além do título: CRONI | DE D. | EDVAR | No verso da capa há um selo com os dizeres: “Da Biblioteca de historia Nacional, e bellas Letras de Antonio Lourenço Caminha”. Em alguns fólhos há um carimbo linear e vermelho com o nome da Biblioteca Nacional de Lisboa, como no 175r. No 185r há um carimbo redondo e azul da Biblioteca Nacional de Lisboa.

b. Material

A folha de guarda e a folha de guarda volante (primeiro e último fólhos em branco) são de um papel mais fino que o do texto e apresentam filigranas. Manuscrito de papel em tom cru. Cada fólho mede 295 x 206 mm. Há dois tipos de filigranas, ambas com três círculos posicionados verticalmente, mas uma com uma cruz no primeiro círculo e uma espécie de coroa em cima, e outra com uma meia lua na parte superior do primeiro círculo e uma cruz em cima dele.

c. Foliotação

O códice foi foliado com carimbo de 1 a 360, na margem superior direita. Os fólhos 1 a 13 também foram numerados a lápis, ao lado do carimbo, repetindo os mesmos números. Também em outros fólhos aparece uma numeração a lápis que concorda com a numeração carimbada, exceto no fólho 351, em que a lápis aparece 350, e na 360, em que aparece 359. A numeração correta quanto à quantidade de fólhos é a carimbada; no entanto, houve um problema de posicionamento dos bifólhos no processo de cosimento do quadragésimo quarto quaternio, que trunca a leitura do texto. A ordem correta dos fólhos é: 345, 348, 347, 346, 351, 350, 349 e 352.

d. Cadernos

O manuscrito apresenta quarenta e quatro quaternios, perceptíveis pela linha de cosimento, e um último caderno que aparentemente seria um quínio, ao qual faltariam os dois fólios finais. O último fólio do códice, em branco, conforme já dissemos é de um papel diferente e deve ter sido acrescentado no momento da encadernação.

É possível ver a assinatura no canto superior esquerdo dos cadernos, começando no sexto, numerado com um “6”, no fólio 41.

e. Empaginação

O texto foi escrito em duas colunas medindo 215 x 25 mm cada, a mancha total medindo 215x145 mm.

f. Escrita

O texto foi escrito por uma única mão.

g. Encadernação

A capa é de papel-cartão decorado com uma imitação de pinceladas verdes, vermelhas e amarelas. Somente a lombada e os cantos foram revestidos com couro. Na lombada foi colado um plástico adesivo marrom claro nas bordas inferior e superior, com a aparente finalidade de reforço. O modo como foi colocado indica tratar-se de intervenção posterior à encadernação. Os nervos não são perceptíveis.

h. Estado de conservação

O códice encontra-se em bom estado de conservação. Entre os fólios 139 e 163, nas bordas inferiores, apresenta-se furado pela ação de insetos, sem atingir o texto. O mesmo

aconteceu entre os fólhos 222 e 243, 260 e 293 e do 311 até o final, tendo sido restaurado na parte de baixo.

2. Descrição interna

Fólio 1r:

Chronica da²⁴¹

2ª parte do Principe Dom Duardos.

Cap. 1º em que setorna a dar conta, doque
aconteçeo a Dom Duardos naquella barca
em que andava.

Folio 360 v:

(...) poderá dizer quẽ /
trasladar a 3ª e 4ª
parte della *muito* mais /
ricas decasos, eacon /
teencimentos grandes /
que ambas estas /

Laus Deo Sit /

Finis.

²⁴¹ Escrito por outra mão.

3.2.3- Descrição do códice BNL 6829

1. Descrição externa

a. Códice

O Cod. BNP 6829 pertence à Biblioteca Nacional de Portugal. O número da cota é intermediário entre os Cod. 6828 e 6830, cotas de outros dois códices que contêm a primeira e última partes da *Crônica de D. Duardos*. No entanto, não há entre os três códices uma absoluta uniformidade material. Na lombada é possível ver vestígios do selo com a cota primitiva: U-2 -101, além do título: 2. P. DA | CRONIC | DO PRI.. | PE
DOM | DVARD |

b. Material

Manuscrito de papel em tom cru. Cada fólio mede 295 x 206 mm. Há dois tipos de filigranas, ambas com três círculos posicionados verticalmente. Uma delas é encimada por uma cruz, o círculo superior contém o desenho de uma meia-lua, o círculo intermédio contém as letras AP e o círculo inferior aparece vazio; essa filigrana tem bastante correspondência com o número 3246 do catálogo de Briquet²⁴², com a variante de Perpignan, ano de 1639. A outra com uma meia-lua na parte superior do primeiro círculo e uma cruz em cima dele.

c. Foliotação

O códice foi foliotado pelo próprio copista de 1 a 195, na margem superior direita, sem omissões. Três fólhos terminais, que contêm o índice, não foram numerados, mas são da mão do copista. Fórmula: 203 fólhos, fls [1-4] +1-195 + [1-4]

²⁴² Briquet, Charles Moïse. *Les Filigranes: Dictionnaire Historique des Marques du Papier Dès Leur Apparition vers 1282 jusqu'en 1600*. Ed. Allan Stevenson. 4 vols. Amsterdam: Paper Publications Soc., 1968, 1:218.

d. Cadernos

O códice apresenta dois fólhos em branco, sendo que o primeiro funciona como folha de guarda. Esses fólhos não formavam originalmente um bifólio, pois ambos possuem a mesma filigrana. Deveriam fazer parte de um caderno maior, cujos primeiros fólhos se perderam. Seguem-se dezenove quínios, sendo que o primeiro fólio do primeiro quínio está em branco, o segundo fólio é o frontispício do texto, que começa no terceiro fólio. Por fim, há um sênio seguido de um fólio em branco, empregado como folha de guarda.

e. Empaginação

O texto foi escrito em uma única coluna, cuja mancha mede 250 x 145 mm, apresentando 33 linhas por página e aproximadamente 50 letras ou espaços por linha.

f. Escrita

O texto foi copiado por uma só mão, com letra cursiva inclinada para a direita. A tinta é negra queimada, apresentando um aspecto marrom, às vezes mais clara, às vezes mais escura. Em muitos pontos a excessiva acidez da tinta corroeu o papel, mas raramente impossibilita a leitura, como de algumas letras no fólio 60 v.

g. Encadernação

A capa do códice BNL 6830 assemelha-se muito à dos códices ANTT 1201 e 1202. As três são de couro com desenhos em alto relevo, embora não seja tão perceptível ao tato quanto no códice 1202. A maior diferença entre elas é a presença na capa do BNL 6830 de cinco sulcos que unem cada um dos cantos do retângulo central aos cantos internos do retângulo que forma as bordas externas da capa. Outra diferença é o número de nervos, pois neste há apenas quatro. Em três casas entre os nervos da lombada, há uma flor dourada; nas outras, há o título e o selo com a cota.

h. Estado de conservação

O códice encontra-se em bom estado de conservação, embora haja muitos pontos danificados pela ação de insetos, sem comprometer o texto.

2. Descrição interna

Página de rosto:

SEGŪDA
 PARTEDACR=
 RONICADO PRI=
 NCEPREDOMDVA=
 RDOSCOMPOSTAP=
 ORHENRRIQVEFRUSTo
 ETRESLADADAPORGO
 MESENES DA ZURARA
 AVTORES DAPRIM=
 EIRA PARTE

Podesse encadernar esta segunda parte da chronica do Princepe

Dom Duardos. Lx^a emMeza 21 de Outubro de 659.

A Castro Barretto Miranda

Fólio 1r:

Cap. 1º em*que* tornaadar conta do *que* aconteceo

a Dom Duardos naquella Barca em*que*andaua.

Fólio 195 v:

as couzas *que* nesta historia ficção apontadas, poderá dizer quem tresladar atreseira equarta parte della *mu*ito mais ri cas de cazos eacomtesimentos grandes que ambas estas.

Fólio [196 r]

Index doque cõtem este este²⁴³ liuro

Fólio [198 v]

Cap 86 de como Fidelia, e Carmellia prouaraõ aquella auentura, e doque a cada huã dellas aconteceo. fl – 192 vº

²⁴³ *Sic.*

3.2.4- Descrição do códice BDM II Ms LXX

1. Descrição externa

a. Códice

O códice BDM II²⁴⁴ Ms LXX pertence à Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa, localizado na cidade de Vila Viçosa, Portugal.

Na parte superior frontal da capa há a inscrição à mão: “Romançe de cavalarias andantes não á impresso”. Na lombada, na casa existente entre o primeiro e o segundo nervos, há um selo onde se lê: “História de D. | Duardos”. Sob esse selo há algo escrito, mas só seria possível ler danificando o selo. Na parte interna da capa há um círculo manuscrito e dividido ao meio, onde se lê, na parte superior BMD 2º e na inferior, LXX. No meio da página foi colado o *ex-libris* de D. Manuel II.

No primeiro fólio está escrito à mão, com letra moderna, “Autor: | Diogo Fernandes”. Há ainda outra inscrição a lápis rabiscada e ilegível.

No segundo fólio começa o primeiro capítulo. Nesse fólio há dois carimbos: o do rei D. Carlos e outro, aparentemente, da Casa de Cadaval²⁴⁵.



b. Material

Trata-se de um códice de papel italiano da segunda metade do séc. XVIII²⁴⁶, em tom cru, que mede 295 x 200 mm e apresenta dois tipos de filigranas: três circunferências encimadas por águia e outras três encimadas por dois leões com uma cruz e uma coroa.

²⁴⁴ BDM II significa Biblioteca de Dom Manuel II, o último rei de Portugal.

²⁴⁵ Segundo informação do Dr. João Ruas, a quem agradecemos, responsável pela Biblioteca de Dom Manuel II, de Vila Viçosa.

²⁴⁶ RUAS, João (Org.). *Manuscritos da Biblioteca de D. Manuel II*. Casa de Massarelos, Caxias, Fundação da Casa de Bragança, 2006, p. 100.

c. Foliotação

Os 239 fólhos deste manuscrito não foram numerados. No verso do penúltimo fólho (o último escrito) há um carimbo com o número 27752.

d. Empaginação

O texto está escrito em uma única coluna, com mancha de 235 x 145 mm, 32 linhas por fólho e, em média, 46 palavras ou espaços por linha.

e. Escrita

Todo o texto foi copiado por uma só mão, apresentando letra cursiva do séc. XVIII. O copista nunca usa *uã*, mas sempre *huma*; não usa *aõ*, mas *am*; não usa sinal de interrogação em interrogativas indiretas; abrevia *que*, *quando*, mas às vezes não abrevia *pera*, *mente*.

f. Encadernação

A capa é de cartão revestido de pergaminho em tom creme, mas bastante manchado, possivelmente apenas pela ação do tempo. Há a elevação de cinco nervos. A capa mede 298 x 205 x 32 mm.

g. Estado de conservação

O estado de conservação é bom, mas todo o manuscrito apresenta uma mancha que aparenta ser decorrente da ação de água. Essa mancha atinge a metade externa de todos os fólhos, embora a tinta tenha sido pouco afetada por isso. Somente alguns trechos

apresentam a tinta ligeiramente escorrida. De qualquer forma a leitura faz-se sem dificuldade. Não há perfurações decorrentes da ação de insetos.

2. Descrição interna

Fólio 2

Cap. 1º em que setorna

adar conta

Doque aconteeo a Dom

Duardos naquella Bar

ca emque

Andava

Bem vejo, que tem rezam os curiosos, de me pedirẽ
estreyta conta de Dom Duardos, porque sendo esta historia propria-
mente sua, esendo elle tal pessoa, andando particularmente

Fólio 238

Com esta carta, e com huma instrução
de palavra separtio Pleonido ao
outro dia despachado de sua ama, e do *que* nella arre-
cadou com o mais, *que* succedeo no mundo acerca de
todas as couzas *que* nesta historia ficam apontadas
poderá dizer *quem* trestadar a 3ª e 4ª parte della
muito mais ricas de casos, e acontecimentos grandes
que ambas estas. Uª

3.2.5- Descrição do códice ANTT 410

1. Descrição externa

a. Códice

O códice ANTT 410 pertence à coleção dos Manuscritos da Livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, localizado na cidade de Lisboa.

b. Material

Trata-se de um códice de papel cru, de gramatura bem maior que a dos outros códices aqui analisados, o qual apresenta dois tipos de filigranas. Um dos papéis apresenta em um fólio um cavalo rompante e no outro, a palavra QUARTINO, encimada por três chapéus; o outro papel apresenta num fólio a palavra PORRATA e, no outro, um escudo.

c. Foliotação

A numeração do códice, foliado de 1 a 351, na margem superior direita, foi colocada a lápis por outra mão, cuja letra aparenta ser bem mais moderna que a do texto. Fórmula: 356 fólios, [1-2] + fls 1-351 + [1-3]

d. Cadernos

O códice é formado por uma folha de guarda de papel colorido, dois fólios restantes de um bínio original, visível pela linha de cosimento do caderno, do qual o primeiro fólio se perdeu e o segundo foi colado à folha de guarda. Em seguida aparecem trinta e cinco quínios e dois bifólios, sendo que o último fólio do segundo bifólio foi colado à folha de guarda, também de papel colorido como a inicial. As linhas de cosimento dos cadernos não são visíveis, com exceção dos primeiros e últimos bínios e bifólios, por isso a estrutura dos cadernos foi inferida pela posição das filigranas. Com base nisso e nas

rubricas, é possível perceber que houve um problema no que seria o décimo segundo quínio. O copista escreveu no atual fólio 111r, em seguida escreveu no 111v e continuou o texto no mesmo bifólio, atualmente numerado como 120r, e finalmente no verso do mesmo. Da forma como está atualmente encadernado, é evidente que há uma ruptura no texto²⁴⁷, porém não é possível saber se originalmente esse bifólio foi cosido isoladamente para garantir a continuidade do texto ou se já na encadernação primitiva ele foi cosido junto com o restante do quínio.

e. Empaginação

O texto está escrito em uma só coluna, com mancha de 250 x 150 mm, apresentando 23 linhas por página e, em média, 45 espaços ou letras por linha.

f. Escrita

O códice foi escrito por uma única mão, com letra cursiva, de leitura relativamente fácil, inclinada para a direita, aparentando ser do século XVIII. A tinta originalmente preta apresenta-se marrom, variando de intensidade. Nos últimos fólios, a tinta está bastante apagada.

g. Encadernação

A capa mede 305 x 205 mm e a lombada 55 mm. O material da capa é cartão revestido de couro.

Na lombada percebem-se cinco nervos, entre os quais há motivos florais dourados, exceto no segundo vão, onde o título aparece em letras douradas sobre um fundo vermelho. No espaço inferior da lombada há dois selos sobrepostos. Do selo de baixo só é possível ver as bordas, muito amareladas, apesar disso é possível conjecturar que se trata do selo antigo da própria Torre do Tombo, pois as dimensões, posição e bordas são muito

²⁴⁷ O códice apresenta o texto completo, embora fora de ordem.

semelhantes às de outras obras que conservavam o selo antigo. Sobre esse selo, foi colado outro onde se lê a cota já desbotada: 410 Mss Livraria.

h. Estado de conservação

O estado de conservação é bom, mas há perfurações resultantes da ação de insetos, bem como manchas presentes sobretudo nas laterais dos primeiros e dos últimos fólios. De qualquer forma, esses danos não comprometem o texto. Os únicos trechos de leitura mais difícil são decorrentes da corrosão da própria tinta, como no fólio 251 reto e verso.

2. Descrição interna

Fólio 1r:

Chronica
do Principe
Dom Duardos.
Capitulo 1º

Em que se conta do que lhe aconteeo
naquella barca, em que andava.

Fólio 351r:

poderá dizer quem tresladar atresseira, e quar-
taparte desta muito mais ricas de casos, eacon-
tecimentos grandes, que ambas estas.

Fim

3.2.6- Descrição do códice HC 380/800/1

1. Descrição externa

a. Códice.

O códice pertence atualmente à Biblioteca da Hispanic Society of America, localizada em Nova Iorque. A cota HC 380/800/1 indica que o manuscrito constou no Catálogo 380²⁴⁸ de Karl Wilhelm Hiersemann, sob número 800 e que se trata do volume 1. Na lombada ainda existe um selo com o número 2195, que o vincula a outro catálogo, o da Livraria do Nepomuceno,²⁴⁹ no qual ele constava com essa numeração.

b. Material.

Códice de papel em tom cru, medindo 296 x 201 mm. Centralizado na parte superior interna da capa, há um recorte de folha impressa medindo 111 x 41 mm, retirado do Catálogo de Hiersemann, com as seguintes informações:

Primaleon. Chronica de Primaleao Emperador de Grecia, Em que |
se da conta das façanhas monstruozas que obrou o Princepe Dom |
Duardos, e os mais cavalheros do seu tempo. Composta por Guilherme |
Trusto, e tresladaada por Semisberto Pachorro estando encantado no |
cume da Penha Rigorosa da Serra da Lua pelo odio do Sabio |
Bragamante. Segunda (e Terceira) parte. Papierhandschrift aus |
Anfang d. 17 Jahrh. in 2 Bnd. in fol. v 567 u. 264 SS. Ldrbde. |
Die Handschrift enthält eine wohl noch ungedruckte freie portugies. Ueber- |
setzung der Chronik des Primaleon, die zuerst spanisch in Sevilla 1524 erschien. Die |
Uebersetzung stimmt mit dem span. Original weder in Redaction noch Kapiteleinheilung |

²⁴⁸ O mesmo códice já constava no HIERSEMANN, Karl Wilhelm. *Katalog 330. Manuscripte des Mittelalters und späterer Zeit Einzel-Miniaturen. Reproduktionen.* Leipzig : Karl W. Hiersemann Buchhändler und Antiquar, 1906, sob número 109.

²⁴⁹ TRINDADE, Luiz. *Catalogo da livraria do fallecido distincto bibliographo e bibliophilo José Maria Nepomuceno. Catalogo n° 46, Leilão n° 24, sob a direcção de Francisco Arthur da Silva.* Lisboa, Empreza Editora de Francisco Arthur da Silva, 1897.

überein. Die Hdschr. stammt aus d. Bibliothek des D. Alvaro de E. Noronha, mit |
dessen Exlibris, gest. v. C. de Rochefort fils. Die Erhaltung ist tadellos.²⁵⁰

A acidez do papel impresso deixou mancha do tamanho exato do recorte em dois fólhos seguintes e, muito provavelmente para evitar a continuação do processo, foi acrescentada uma folha de guarda de papel alcalino sem filigrana, amarelada, mas mais clara que os demais fólhos e que não apresenta a mancha existente nos dois seguintes.

c. Paginação.

O códice apresenta 295 fólhos, funcionando o primeiro e o último como folhas de guarda. Pela descrição do Catálogo de Hiersemann de 1906, que repete o Catálogo da Biblioteca do Nepomuceno, ele apresentaria 567 páginas. O responsável pela descrição apontou apenas as 557 páginas numeradas (que não incluem a página de rosto) mais as 10 páginas do índice; daí a divergência entre nossas informações e as dele.

O primeiro fólho, que funciona como folha de guarda, apresenta uma filigrana que parece representar as letras BS e que mede 20 x 20 mm.

O segundo fólho tem uma filigrana brasonada, medindo 100 x 182 mm.

O terceiro fólho apresenta um ex-libris de D. Alvaro de Noronha que ocupa a quase totalidade do fólho, medindo 235 x 140 mm. Esse fólho foi colado, sendo possível ver trechos em que se descolou do fólho anterior.

No quarto fólho, em que é possível ver uma filigrana grande e diferente das anteriores, encontramos o frontispício.

Seguem-se os 279 fólhos numerados frente e verso de 1 a 557. A seguir vêm dois fólhos em branco e mais cinco fólhos com o índice dos capítulos. O fólho seguinte, do mesmo papel do restante do livro, está em branco. Há por fim três fólhos em branco de papel menos flexível e mais amarelado, o último dos quais funciona como folha de guarda.

²⁵⁰ Segundo as informações do Catálogo de Hiersemann, este códice seria uma tradução livre em português do *Primaleon*, publicado em Sevilha em 1524. Embora o autor da descrição reconheça que não haja semelhança entre ambos nem no conteúdo dos capítulos, o título do códice o induziu a esse erro.

d. Empaginação.

O texto foi escrito em uma coluna, com 28 linhas e mancha de 225 x 165 mm. Em média, há 50 letras por linha. Há reclusos em todas as páginas.

e. Escrita.

A tinta empregada apresenta uma coloração que varia entre o marrom e o cinza. Percebe-se em vários trechos que a tinta se desprende do papel e se acumula em forma de pó nas bordas internas dos cadernos. Aparentemente o texto foi escrito por uma só mão, em letra cursiva inclinada para a direita e bastante legível. O copista emprega muitas abreviaturas, como dez.º = desejo, am.º = amigo, pr.º = primo, d.º = dito, cam.º = caminho.

f. Encadernação.

A capa de cartão revestido de couro, atualmente desgastado nas bordas, mede 309 x 215 mm. A lombada apresenta seis nervos, entre os quais há decorações douradas, com exceção da casa entre o primeiro e o segundo nervos que apresenta um selo de fundo vermelho com a inscrição CHRONICA DO EMPERAD. PRIMALIAO TOM.2. No último espaço há um selo com o número 2195, já citado. No verso da capa há um carimbo vermelho escrito “Manuscript”. A lápis, sob esse carimbo, aparece a cota do códice: HC/380/800/1. Há ainda umas inscrições a lápis riscadas com um traço mais forte. Aparentemente, parece estar escrito Pr. It 82. O 8 não se fecha, assemelhando-se também a um V, o que poderia indicar “volume 2”.

g. Estado de conservação.

O estado de conservação é bastante bom.

h. Proprietários do códice.

O *ex-libris* de D. Álvaro de Noronha aponta o mais antigo proprietário identificável desse códice, bem como do HC/380/2. Deve tratar-se do 5º conde de Valadares, D. Álvaro de Noronha Castelo Branco (1714-1752).²⁵¹ A gravura do *ex-libris* foi feita por Charles de Rochefort, integrante de um grupo de artistas estrangeiros, atuante em Portugal entre os anos de 1720 e 1755.²⁵² Em 1876, encontramos referência aos mesmos códices, entre os livros dos marqueses de Castello Melhor, que seriam leiloados no ano seguinte.²⁵³ Em 1897, encontramos nova referência em outro catálogo, o dos livros do falecido bibliófilo José Maria Nepomuceno.²⁵⁴ Na página 50 do apêndice ao citado catálogo, somos informados de que o próprio organizador do leilão comprou os códices por 16\$000. Em algum momento, entre 1897 e 1906²⁵⁵, os códices são levados para a Alemanha e passam a constar do catálogo de Hiersemann, como já apontamos. De Leipzig viajam para os Estados Unidos, comprados por Archer Milton Huntington, que fundara a Hispanic Society of America, em Nova Iorque, no ano de 1904, e lá permanecem até hoje.

2. Descrição interna

Chronica

de

Primaleão Emperador de Grecia

²⁵¹ Também poderia ser seu neto Álvaro de Noronha Abranches Castelo Branco (1775-1851), 7º conde de Valadares e 1º marquês de Torres Novas.

²⁵² ARAÚJO, Maria Augusta. “Gravadores estrangeiros na corte de D. João V” in: *Actas do III Congresso Internacional da A.P.H.A.*, 2006. www.apha.pt/boletim/boletim4/artigos/AugustaAraujo.pdf

²⁵³ *Catalogo dos preciosos manuscritos da bibliotheca da casa dos marquezes de Castello Melhor*. Lisboa: Typographia Universal, 1878.

²⁵⁴ TRINDADE, Luiz. *Catalogo da livraria do fallecido distincto bibliographo e bibliophilo José Maria Nepomuceno. Catalogo n° 46, Leilão n° 24, sob a direcção de Francisco Arthur da Silva*. Lisboa, Empreza Editora de Francisco Arthur da Silva, 1897, p. 329.

²⁵⁵ Os manuscritos foram anunciados pela primeira vez no catálogo de 1906, mas só foram vendidos no catálogo nº 380, de 1910.

Em que se da conta das façanhas monstrosas, que
 obrou o Príncipe Dom Duardos, e os mais cavalleiros
 do seu tempo.

Composta por Guilherme Frusto, e trasladada por Simisberto
 Pachorro estando encantado no Cume da Penha Rigoroza
 da Serra da Lua pello odio do Sabio
 Bragamante.

Segunda parte.

Página 1:

Capitulo 1

Em que se torna a dar conta do que/
 aconteseo a D. Duardos na quella barca/
 em que andava./

Bem vejo, que tem razaõ os coriozos se me /

Página 557:

(...) pode-
 ra dizer quem trasladar, ou ler a terceira, e quar-/
 ta parte della, muito mais ricas de cazos, e/
 acontecimentos grandes, que as duas que ficaõ escri-
 tas,/
 Fim

3.2.7- Descrição do códice ANTT 1202

1. Descrição externa

a. Códice

O códice ANTT 1202 pertence à coleção dos Manuscritos da Livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, localizada na cidade de Lisboa. Trata-se de um manuscrito composto, cuja primeira parte traz a *Crônica de Dom Duardos* e a segunda parte, um tipo de jogo de adivinhação.

b. Material

Trata-se de um códice de papel cru, medindo 295 x 218 mm, apresentando dois tipos de filigranas. A primeira representa uma elipse, tendo no campo uma cruz alta sobre coroa. Dois leões suportam a elipse, que tem na parte inferior duas circunferências tangentes, tendo a primeira CAM e a segunda o número 4. A segunda filigrana apresenta três circunferências tangentes verticais, sob cruz alta, tendo a primeira um arco, a segunda um pé e a terceira a letra C.

c. Paginação

As páginas da primeira parte foram numeradas de 1 a 352. A numeração foi colocada pelo próprio copista na margem direita, na altura das primeiras linhas. Há reclamo em todas as páginas. As páginas da segunda parte foram numeradas de 1 a 234, pelo próprio copista, igualmente na margem superior direita.

d. Cadernos

A folha de guarda é feita de papel pardo, à qual foi colada a folha de rosto. Em seguida aparecem 13 quaternos paginados de 1 a 208. Seguem-se dois quênios, paginados de 209 a

248. Depois há outros 7 quaternos, paginados de 249 a 352, sendo que os últimos 4 fólhos do sétimo quaterno estão em branco. Inicia-se então a segunda parte do códice com um tétnio. Em seguida aparecem 15 quaternos, paginados de 1 a 234 e com 2 fólhos finais em branco. O quinto quaterno dessa sequência teve seu quinto fólho arrancado, sendo possível ver na borda interna que já havia sido escrito, mas o copista deve ter escrito novamente o mesmo fólho, pois a paginação, feita por ele próprio, mantém a sequência numérica, passando de 72 para 73. Fórmula: páginas 1-352 + [1-2] + 1-234 + [1-2]

e. Empaginação

O texto está escrito em uma única coluna, com mancha de 220 x 145 mm. Apresenta 30 linhas por página e, em média, 45 letras ou espaços por linha.

f. Escrita

O códice foi escrito por uma única mão, a mesma que escreveu o ANTT 1201, embora tenha havido mudança da pena e a escrita aparente ser um pouco mais apressada. Assim sendo, tal qual o ANTT 1201, este códice apresenta letra humanística redonda e, pelos mesmos motivos já expostos, deve ter sido copiado em meados do século XVIII.

Também a segunda parte do códice, cujo assunto não tem relação com a primeira, foi escrita pelo mesmo copista.

g. Encadernação

A capa mede 302 x 212 mm e a lombada 49 mm. O material da capa é cartão revestido de couro e apresenta desenhos geométricos com motivos florais em alto relevo. Sobre essa capa original foi colada uma folha parecida com couro, também trabalhada, mas com motivos geométricos gregos em baixo relevo. Essa folha não cobre toda a extensão da capa, mas apenas a lombada, 40 mm da capa da frente e 35 mm na capa de trás. Também a bordas inferiores foram recobertas, embora se perceba que a folha foi parcialmente retirada na parte frontal.

Na lombada percebem-se quatro nervos, entre os quais há decoração, mas não títulos impressos. No espaço inferior da lombada há dois selos sobrepostos. Do selo de baixo só é possível ver as bordas, muito amareladas; apesar disso, é possível conjecturar que se trata do selo antigo da própria Torre do Tombo, pois as dimensões, posição e bordas são muito semelhantes às de outras obras que conservavam o selo antigo. Sobre esse selo, foi colado outro onde se lê a cota: 1202 Mss Livraria.

h. Estado de conservação

O estado de conservação é muito bom e, como já dissemos, melhor que o do manuscrito 1201, em cuja capa se nota desgaste maior, pois se sente menos o alto relevo.

2. Descrição interna

Página de rosto:

Chronica

de

Primaleão Emperador de

Grecia

Terceira Parte

Página 1:

Capº 1º

De huã Aventura, *que* aconteceo a D. Du-
ardos, com hũ Cavalleiro estranho.

Página 352:

e diremos tambien o gasalhado *que* àquelas horas tiveram as princezas, o *que* tudo tornamos aos orgão por darmos fim a esta terceira parte. Fim

4 fólhos em branco, depois começa a segunda parte:

Prologo

Como sea verdad, segun doctrina de Aristoteles, que todo el hombre naturalmente dezea saber, y como tambien lo sea, que ninguno ai tan bruto, ni ageno de lo que es tener noticia de cozas

Página 234

Vive con buena esperança
que buen fin ande tener
y acabado la aide ver
con gran contento, y pujança!

3.2.8- Descrição do códice BNL 6830

1. Descrição externa

a. Códice

O códice BNL 6830 pertence à Biblioteca Nacional de Lisboa. Na lombada ainda há vestígios de um selo antigo da própria biblioteca, em que se lê parte da cota primitiva: U – 2 – 102. Na capa, a lápis, está escrito FG 6830 e a tinta, em letra antiga, 3ª parte. Na folha de guarda está escrito a lápis: Microfilmado | FR 1156 | 07-05-04. Embaixo há uma assinatura indecifrável, também a lápis.

b. Material

Manuscrito de papel em tom cru, bastante amarelado. Há dois tipos de papel, um apresenta três filigranas no mesmo fólio: uma em forma de flor posicionada na borda externa, outra em forma de um chifre centralizada no mesmo fólio da flor e, por fim, outra filigrana centralizada no fólio oposto, em forma de três montes separados. O outro papel apresenta filigrana no centro do fólio, formada por três círculos dispostos verticalmente, com letras dentro. Cada fólio atualmente mede 293 x 191 mm.

c. Foliotação

O códice foi foliotado pelo próprio copista de 1 a 120, na margem superior direita. Em alguns fólios, a numeração foi parcialmente guilhotinada. Esses fólios, de número 37 a 48, correspondem ao segundo sênio. Isso parece indicar que o códice foi guilhotinado por cadernos.

d. Cadernos

O códice é formado por uma folha de guarda de papel pardo, um setênio, cujo último fólio foi cortado, outro setênio, cujo último fólio também foi cortado, restando apenas as bordas internas cosidas com esses cadernos. Seguem-se nove sênios, um fólio em branco, e outra folha de guarda de papel pardo. Não há presença de assinatura, apenas de rubricas, mas não em todas as páginas. Mesmo nos casos em que os fólios foram recortados, não há indicação de perda de texto, pois as rubricas sempre coincidem com a página seguinte. Também não há alteração de tinta ou letra entre o verso de um fólio e o reto de outro.

e. Empaginação

O texto foi escrito em uma única coluna, cuja mancha mede 140 x 250 mm, variando de 28 a 31 linhas por página, no mesmo caderno, embora a maioria apresente 31 linhas.

f. Escrita

O texto foi copiado por duas mãos: a primeira transcreve até a décima sexta linha do fólio 26r, e a segunda continua daí até o fim. O primeiro copista apresenta uma letra mais rebuscada e ligeiramente mais difícil de ser lida que a do segundo copista. Ambas são letras cursivas inclinadas para a direita. A tinta é marrom, às vezes mais clara, às vezes mais escura.

g. Encadernação

Aparenta ser a encadernação mais antiga de todos os códices aqui analisados. A capa é de pergaminho, bastante flexível, e com restos do que foram atilhos usados para fechar o códice. Mede 298 x 195 x 20 mm. Os atilhos ficavam a 65 mm da borda superior e a 70 mm da borda inferior.

h. Estado de conservação

O códice encontra-se em bom estado de conservação, embora haja pontos danificados pela ação de insetos, que não comprometem o texto. Há apenas uma gota de tinta que impede a leitura de algumas letras no fólio 98 reto e verso. Há ainda algumas manchas em diversos fólios, que também não comprometem a leitura *in loco*, porém as imagens nesses trechos são de difícil leitura.

2. Descrição interna

Terseira Parte da chronica do
 Princepe dom Duardos com-
 posta por Henrique Frusto,
 e tresladada por Gomez
 Ennes dazurara, Autho-
 res da 1^a, e 2^a
 Parte.

Fólio 1r:

Capit. 1^o ²⁵⁶
 De huã aventura *que* aconteeço
 a Dom Duardos com hũ Caualleiro
 estranho

Fólio 120 r:

companheiros cõ asua pressa as princesas que estão com incomodi
 dade docereno na area eno proximo cap. ueremos o gazalhado
que àquellas horas lhes fiserão.

²⁵⁶ No espaço deixado pelo copista entre o primeiro e o segundo parágrafos, uma outra mão, com outra tinta, escreveu “ capit 1^o ”

3.2.9- Descrição do códice HC 380/800/2

1. Descrição externa

a. Códice:

O códice pertence atualmente à Biblioteca da Hispanic Society of America, localizada em Nova Iorque. A cota HC 380/800/2 indica que o manuscrito constou no Hiersemann Catalogue 380, sob número 800, e que se trata do volume 2.

b. Material:

Os fólhos de papel em tom cru medem 296 x 201mm. O terceiro fólho apresenta um enorme *ex-libris* de D. D. Alvari de Nor^a, medindo 235 x 140mm. Esse fólho foi colado, sendo possível ver trechos em que se descolou do fólho anterior.

c. Paginação:

O códice apresenta 133 fólhos, funcionando o primeiro e o último como folhas de guarda. Pela descrição do Catálogo de Hiersemann de 1906, ele apresentaria 264 páginas, o que corresponderia a 132 fólhos e indicaria o acréscimo de um fólho. Na verdade, o responsável pela descrição do Catálogo da Biblioteca de Nepomuceno, do qual o Catálogo de Hiersemann copiou as informações sobre o códice, ateu-se ao número final indicado pela paginação, a saber 261, e somou a ele as três páginas utilizadas para o índice, que não foram numerados, perfazendo 264. No entanto, ele não percebeu que houve um erro na paginação, que pula do 89r para o 100v. Portanto, o número correto de páginas é 251, somando as três do índice obtemos 254, que resultam em 127 fólhos. Somem-se a esses fólhos outros dois em branco iniciais, dos quais o primeiro funciona como folha de guarda, o fólho que contém o *ex-libris* de D. Álvaro de Noronha, a folha de rosto e dois fólhos finais em branco, dos quais o último funciona como folha de guarda, e obtemos 133 fólhos.

d. Empaginação.

O texto foi escrito em uma coluna, com 28 linhas e mancha de 225 x 165 mm. Há, em média, 50 letras ou espaços por linha. Há reclamo em todas as páginas.

e. Escrita.

O texto foi escrito por única mão, em letra cursiva inclinada para a direita e bastante legível. O copista emprega muitas abreviaturas, como dez.º = desejo, am.º = amigo, pr.º = primo, d.º = dito, cam.º = caminho. A tinta empregada apresenta uma coloração que varia entre o marrom e o cinza. Percebe-se em vários trechos que a tinta se desprende do papel e se acumulou em forma de pó nas bordas internas dos cadernos.

f. Encadernação.

A capa de cartão revestido em couro, atualmente desgastado nas bordas, mede 309 x 215 mm. A lombada apresenta seis nervos, entre os quais há decorações douradas, com exceção da casa entre o primeiro e o segundo nervos que apresenta um selo de fundo vermelho com a inscrição CHRONICA DO EMPERAD. PRIMALIAO TOM.2. Na última casa há um selo com o número 2195, já citado.

No verso da capa, há um carimbo vermelho escrito “Manuscript”. A lápis, sob esse carimbo, aparece a cota do códice: HC/380/800/1. Há ainda umas inscrições a lápis riscadas com um traço mais forte. Aparentemente lê-se Pr. It 82. O 8 não se fecha, assemelhando-se também a um V, o que poderia indicar “volume 2”.

g. Estado de conservação.

O estado de conservação é bastante bom.

2. Descrição interna

Chronica
de
Primaleão Emperador de
Grecia
Terceira Parte

Página 1:

Cap.º 1.º
De huma Aventura que aconteceo/
a D. Duardos com hum cavalleiro/
estranho./

Página 291:

(...) e dire-/
mos tãbem o agazalhado, que aquellas horas tiveraõ as princezas, o que/
tudo agora tornamos a orgaõ por darmos fim a esta terceira parte./
Fim

3.2.10- Descrição do códice ANTT 1773

1. Descrição externa

a. Códice

O códice ANTT 1773 pertence à coleção dos Manuscritos da Livraria do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Trata-se de um códice composto, pois dois manuscritos distintos foram encadernados conjuntamente, a saber, a primeira e a terceira partes da *Crônica de Dom Duardos*, sendo que o estado de conservação de ambas é bastante diferente.

b. Material

Trata-se de um códice de papel em tom cru. A segunda parte apresenta uma única filigrana, formada por três círculos dispostos verticalmente, encimados por uma coroa, sendo que dentro do círculo superior há uma cruz, no central está escrito “6 A A” e no inferior parece a letra B.

c. Foliotação

A numeração do códice, foliotado de 1 a 299, na margem superior direita, foi colocada a lápis por outra mão, com uma escrita aparentemente bem mais moderna. O primeiro livro ocupa os fólios 1r a 154v e o segundo livro, que contém a terceira parte da *Crônica de Dom Duardos*, vai do fólido até o fólido 299v. Entre os fólidos 298 e 299 foi arrancado um fólido, do qual sobrou apenas um pedaço na margem interna. Seguem-se 16 fólidos em branco. Fórmula: 317 fólidos, fls [1-2] + 1-299 + [1-16]

d. Estrutura dos cadernos

A segunda parte do códice começa com um caderno de 12 bifólios, cujo primeiro fólio se perdeu. Apresenta outros três cadernos de 12 bifólios completos, deduzíveis apenas pela posição das filigranas, pois não é possível ver os fios do cosimento. O caderno seguinte apresenta irregularidades difíceis de serem explicadas. A julgar pela posição das filigranas seria necessário supor a existência de um quatérnio, seguido de um trínio, cujo terceiro fólio foi cortado, sem perda de texto e, por fim um quínio. Aparece a seguir um caderno de dez bifólios e o códice terminaria com um caderno de quatorze bifólios

e. Empaginação

A primeira parte do códice está escrita em uma única coluna, com mancha de 255 x 140 mm, apresentando entre 32 e 38 linhas por página e, em média, 49 letras ou espaços por linha. A segunda parte do códice também está escrita em uma única coluna, com mancha de 265 x 155 mm, apresentando de 29 a 32 linhas por página e, em média, 44 espaços ou letras por linha.

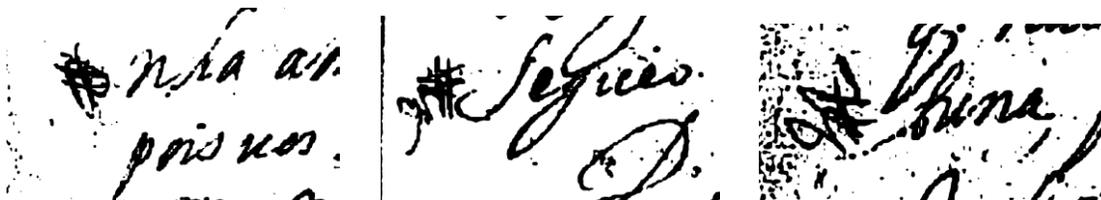
f. Escrita

A primeira parte do códice está datada (1668), trata-se, portanto, de letra cursiva do século XVII. Alguns detalhes da escrita, como as hastes do *p*, *f*, *q*, que apresentam um laço decorativo, e o curvamento para a esquerda do *b* e do *d*, somados ao fato de as letras estarem bastante apinhadas, tornam a leitura um pouco mais difícil. A tinta originalmente preta apresenta-se marrom, variando de intensidade.

A segunda parte do códice não foi escrita pela mesma mão, mas aparenta ser da mesma época. Em muitos trechos, a espessura do traçado fez acumular maior quantidade de tinta que forma borrões ao longo do texto. Há alguns trechos rasurados, como no fólio 164 verso, em que o copista riscou toda a frase “mas porem não pouco a sua custa”, já copiada três linhas antes, ou no fólio 269 reto, em que ele rasura a palavra “no”. Há ainda palavras escritas nas entrelinhas, como no fólio 225 verso aparece “servir”. O conjunto desses erros

faz supor tratar-se de uma cópia menos cuidadosa do que, por exemplo, a do manuscrito ANTT 1201.

Os sete primeiros fólios da segunda parte apresentam ainda algumas marcas cujo sentido não pudemos decifrar. Elas aparecem na margem direita e assemelham-se a rabiscos do tamanho de duas letras. Em cada página, podem aparecer dois, três ou até quatro desses riscos, simetricamente dispostos na vertical.



g. Encadernação

A capa mede 305 x 205 mm e a lombada 14 mm. O material da capa é cartão revestido de couro.

Embora internamente só existam quatro nervos, por fora a lombada apresenta o relevo de seis, entre os quais há motivos florais dourados, exceto na segunda casa, onde o título aparece em letras douradas sobre um fundo vermelho e na terceira, onde se lê: TOM. 32. Não nos foi possível identificar a que coleção esse códice teria pertencido e da qual ele seria o trigésimo segundo tomo. No espaço inferior da lombada há um selo da Torre do Tombo, onde se lê a cota: ANTT | 1773 | Mss Livr^a

h. Estado de conservação

O estado de conservação é bom, mas há perfurações resultantes da ação de insetos, manchas, como nos fólios 160 a 163. A segunda parte encontra-se bem mais danificada, sobretudo os vinte primeiros fólios (155 a 175), cuja borda inferior externa aparece bastante corroída, embora não comprometa o texto.

2. Descrição interna

Fólio 1r:

Primeira parte da vida de Preme=
 lião emperador de Cons
 tantinopla e de
 outros Prince
 pes daque
 le tempo.

Capitollo primeiro, em queseda contada
 da vida que fazia o empe
 rador eos outros Prin
 cipes e como dali
 arte detrimi
 nou de trazer
 os donzeis
 que criaua
 a corte.

Fólio 154 v:

Fim da primeira *parte* da vida de Primaliam
 Este liuro he dasenhora D. Britis de Lima,
 Foi acabado em doze de julho de 1668.

Fólio 155 r:

Terçeira Parte da chro
 nica do Princepe Dom Duar-
 dos com posto pro Hem Rique
 frusto, etresladada por Gomes
 Ennes, dazurara Autores da
Primeira e 2ª partes

Fólio 156 r*Capitulo 1ª*

De huã aventura que ha
 comteçeo a D. Duardos, com
 hũ caua *leiro* estranho.

Fólio 298 v:

que estaõ com im comodidades doserenos na
 area eno proximo cap. veremos ogazalhado
que aquellas oras lhe fizeraõ

Fim

3.3- Critérios de edição:

Os códices utilizados para esta edição foram o ANTT 1201 e ANTT 1202, correspondentes à segunda e terceira partes respectivamente. Embora não tenhamos feito uma edição crítica, adotamos alguns princípios desse método. Fizemos a recensão de todos os manuscritos conhecidos e, durante nossa pesquisa, em 2009, localizamos mais dois na Hispanic Society of America, em Nova Iorque. Fizemos a colação integral dos manuscritos, exceto os dois da HSA, por representarem um caso de *codex descriptus*. Apresentamos uma proposta de estema, mas decidimos não oferecer uma edição crítica, porque o aparato crítico, ainda que negativo, sobrecarregaria demasiadamente a apresentação final do texto, sem acrescentar informações muito relevantes. Decidimos, por outro lado, informar ao leitor, através de notas de rodapé, todas as variantes que alterassem o sentido do texto. Não informamos, porém, as variantes de todos os manuscritos cotejados, mas apenas as de um manuscrito da segunda parte (BNP 659) e as de outro da terceira (ANTT 1763) que não pertenciam à família dos testemunhos de base.

A seguir detalharemos cada uma das etapas.

3.4- O trabalho de edição:

O trabalho de edição começou com a digitalização de cinco manuscritos da segunda parte e de três da terceira parte. Não foram reproduzidos os códices que encontramos na Biblioteca da Hispanic Society of America, porque a encadernação dificulta a abertura dos códices para fotografá-los; por isso, fizemos o cotejo *in loco* e rapidamente percebemos que são cópias dos códices ANTT 1201 e ANTT 1202.²⁵⁷

Em seguida foi feita a transcrição dos citados códices ANTT 1201 (segunda parte) e ANTT 1202 (terceira parte), cuja escrita é perfeitamente legível e a pontuação, apesar de excessiva, bastante coerente, além do fato de ambos terem sido escritos pelo mesmo copista,

²⁵⁷ O manuscrito ANTT 1202 salta o capítulo 24 e só o copia depois do capítulo 27. Este fato não se repete nos demais manuscritos cotejados, mas apenas no manuscrito da Hispanic Society of America. O erro comprova a existência de uma família, e a colação permite concluir que o manuscrito ANTT 1202 é antígrafo do manuscrito HC-300-800-2 da HSA.

que também escrevera o manuscrito BNP 12904, adotado por Fernandes para a edição da primeira parte.

Por fim, fizemos a colação dos textos e encontramos mais de cinco mil e quinhentas divergências entre os códices da segunda parte e quase mil e duzentas entre os códices da terceira parte. A diferença entre esses números (5.500 e 1.200) não resulta apenas da extensão de ambas as partes (86 capítulos na segunda e 35 na terceira), mas também do número de testemunhos existentes (seis manuscritos da segunda e quatro manuscritos da terceira). Há diferenças ocasionadas por omissão, adição, substituição e alteração de ordem. Os casos mais frequentes de adição estão relacionados ao uso ou não de artigos definidos. Casos comuns de substituição acontecem com os verbos, seja na mudança de tempo verbal, seja na conjugação. Os casos de alteração de ordem (mudança de posição) mais usuais são os dos pronomes átonos, variando entre próclise e ênclise. Apesar de grande parte dessas variantes serem repetitivas e muito pouco significativas, vale lembrar, como já ensinou Gianfranco Contini²⁵⁸, que as variantes descartadas pela ecdótica tradicional podem ser valiosas por explicitar recursos retóricos e linguísticos postos em uso pelo copista e podendo ser vistos como representativos do gosto de uma época.

Façamos, portanto, uma pequena análise das variantes encontradas entre dois manuscritos.

3.5- Colação dos códices ANTT 1201 e BDM II LXX:

Para a segunda parte da *Crônica de Dom Duardos*, escolhemos como testemunho de base o manuscrito ANTT 1201 e apresentamos, em notas de rodapé, as variantes significativas existentes entre ele e o códice BNP 659, por pertencer a outra família. Escolhemos um manuscrito de outra família, porque as variantes existentes dentro da própria família podem ser confrontadas com a lição apresentada pela outra família e, caso uma delas seja igual, a outra automaticamente será descartada,²⁵⁹ não sendo necessário, portanto, apresentá-la ao leitor, se nossa intenção é oferecer a lição mais próxima da autoral. Porém, neste momento,

²⁵⁸ “allo storico della lingua possono interessare... tutti i dati del percorso diacronico, e non unicamente quelli autentici”, G. CONTINI, “Rapporti fra la filologia (come critica testuale) e la linguistica romanza”. In: *Breviario di Ecdotica*, Torino, Einaudi, 1990, p. 150.

²⁵⁹ Exceto, é claro, se se tratar de erro poligenético.

nosso objetivo é analisar as próprias variantes para entender se são simples erros de cópia ou se alterações deliberadas do copista, e, sendo deliberadas, o que o teria motivado a alterar o texto. Para isso, nada melhor que cotejar uma cópia e seu antígrafo, pois sabemos exatamente qual era o texto de base e quais as variantes introduzidas.

Como detalharemos mais adiante, acreditamos que ANTT 1201 seja cópia de BDM II LXX, portanto ambos servem para nosso propósito. Foram selecionados, aleatoriamente, alguns capítulos, dos quais apresentamos todas as variantes entre os dois manuscritos, na forma de um quadro comparativo, separando os casos de omissão, adição, substituição e alteração de ordem.

Casos de substituição:

BDM II LXX	ANTT 1201
Substituição lexical:	
amo	senhor
area	terra
navio	sétia
gastado	quitado
contemplações	imaginações
ricas	preciosas
meteram	entrou
não ficava Flérida fora desta conta	não ficava Flérida isenta desta conta
após	depois
cuidava	entendia
homem	príncipe
a maneira	a feitio
folgar	estimar
lenterna	lucerna
ninguém outrem	ninguém mais
padecê-la	sofrê-la
bem	bom

tratais jazia enfadamento conta maneira ²⁶⁰ ter segredo estas branduras tudo o que via	favoreceis estava enfado refere memoria guardar segredo as branduras tudo quanto todavia
Substituição de um tempo verbal por outro:	
cultivara lhe ia parecendo que tomariam Se o fizerdes como vos dizer passou os dous dias é devida ²⁶¹ poder fiar ²⁶² tiver	cultivava lhe parecia tomaram Se o fizerdes como vos disser passados os dous dias se deve fiar há de ter
Substituição de uma flexão verbal por outra:	
apartardes fordes quererdes matareis estimulava	apartares fores quereres matares estimulavam
Substituição de uma preposição por outra:	
trabalhando de curar a cousa alguma nem ainda com Ardimão ²⁶³	trabalhando por curar em cousa alguma nem ainda em Ardimão ²⁶⁴

²⁶⁰ E ainda que desta memória nasce estoutra pena / E ainda que desta maneira nasce estoutra pena

²⁶¹ Mudança da voz passiva analítica para a sintética.

²⁶² Mudança devida ao modalizador.

²⁶³ pouco alvoroço se vio naquela companhia nem ainda com Ardimão

Substituição de um pronome por outro:	
lhes lhe aquilo liberdade dela daquela maneira aquilo	lhe lhes isto sua liberdade isto desta maneira
Substituição de uma conjunção por outra:	
mas que fosse!	mas se fosse!
Substituição de pronome por nome:	
a quem o replicou ele delas dele a filha delas o quis persuadir daquela ora ele aquilo do outro ele disse ele aquele cavaleiro	a quem a Beliazém replicou Albaizar das cousas santas do usso lhe destas suas cousas quis persuadir a Albaizar da obrigação Vasperaldo aquele presente do [Cavaleiro do] Sol Dramusiando disse Pleonido Primaleão
Substituição de uma oração por outra oração ou palavra:	
considerar e ouvir que assi se chamava ele que tinha Vasperaldo em sua casa o homem que dissemos	considerar o caso que este era seu nome em cuja casa estava Vasperaldo aquele homem
Substituição de oração reduzida por desenvolvida:	

²⁶⁴ pouco alvoroço se vio naquela companhia nem ainda em Ardimão

deixá-lo em mi sem ficar dizia que era havia que procurar remédios	se o deixara em mi porém não ficava dizer ser havia percurar para elas remédio
---	---

Há alguns casos interessantes de substituição. Pode-se dizer que é uma marca do copista do ANTT 1201 substituir *amo* por *senhor*, *ama* por *senhora*. Embora ele não faça a substituição em todos os casos, emprega-a muitas vezes. Isso repete-se não só nos manuscritos por ele copiados da *Crônica de Dom Duardos*, mas também no ANTT 1918, que contém a *Crônica do Imperador Beliandro*. A substituição de *navio* por *sétia* poderia indicar o emprego de um vocabulário mais preciso, porém, no contexto, parece um simples erro, porque *sétia* havia aparecido algumas linhas antes. A substituição de *lenterna* por *lucerna* pode indicar a opção por um léxico mais moderno ou mais erudito, já que, segundo Houaiss, *lenterna* está documentada na língua portuguesa desde o século XIII, enquanto *lucerna* está documentada a partir de 1563, época em que entraram na língua muitos latinismos. Bluteau, em 1716, ainda a registra como “palavra latina”. Também as substituições de *fora* por *isenta*, *conta* por *refere*, *ter* segredo por *guardar* segredo podem indicar a opção por um vocabulário um pouco menos coloquial, um pouco mais elaborado, pois *guardar* um segredo é mais rico de nuance que simplesmente *ter* um segredo. A substituição de *memória* por *maneira*, que não são sinônimas, deu-se provavelmente pela semelhança gráfica entre ambas, porém ocorre em um contexto que permite tal troca sem comprometer o sentido, pois a personagem lamentava não mais poder ver a amada com os olhos, embora pudesse contemplá-la com a alma e, “ainda que desta **maneira/memória** nasce estoutra pena”, melhor era ter podido vê-la alguma vez.

A preferência pela síncope do *d* na segunda pessoa do plural²⁶⁵ (*apartares*, *matares*, *quereres*, etc) é frequente no copista do ANTT 1201. Essa flexão, utilizada algumas vezes por Vieira, foi condenada no século XIX por Francisco José Freire²⁶⁶, que aconselha a “não tirar o *d* nas segundas pessoas do plural do futuro do conjuntivo”. Portanto, o copista do ANTT 1201 emprega uma flexão mais conservadora que a de seu antógrafo.

²⁶⁵ Trata-se realmente da segunda pessoa do plural: “merecendo-vos tão bem o não vos apartares de mi nunca”; “se matares a Vasperaldo antes de minha irmã falar convosco”.

²⁶⁶ FREIRE, Francisco José. *Reflexões sobre a lingua portuguesa*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1842, p. 32.

Trocar *considerar e ouvir* por *considerar o caso*, parece-nos uma tentativa de dar um complemento para o verbo. Já a substituição de *estimulava* por *estimulavam* ocorre porque o antígrafo omitira a preposição *com* na frase “o rigor de sua senhora, que [com] contínuos e tácitos brados o estimulavam sempre à observação de seus perceitos”, fazendo com que *brados* aparentasse ser sujeito da oração e levando o copista a fazer a concordância no plural. No entanto, havendo a preposição *com*, o sujeito é o pronome relativo *que*, cujo antecedente é singular, e *brados* funciona apenas como adjunto adverbial. Esse exemplo, como tantos outros, demonstra que estamos diante de um copista cuidadoso com a correção gramatical, embora algumas opções possam ser criticadas, mas cuidadoso sobretudo com a compreensão do texto por parte do leitor, como mostram claramente as reiteradas substituições de pronomes por nomes e também, como veremos a seguir, os casos de adição de palavras ou expressões elucidativas.

Casos de adição:

Adição de palavras	
Carmélia de Carmélia meio	senhora Carmélia da senhora Carmélia quasi meio
Adição de artigo	
amor de terra razões outros	o amor da terra as razões os outros
Adição de pronome átono	
ficou podera não foi	o ficou o pudera não o foi
Adição de preposição	
detreminasse acompanhá-los	detreminasse a acompanhá-los
Adição de palavra ou expressão elucidativa	

naufrágio	naufrágio que devia ter padecido
outro	outro dia
sua	sua casa
salvo	salvo, lhe perguntaram as princesas
que	que dali
disse-lhe	disse-lhe Vasperaldo
o filho	vosso filho
agasalhasse	agasalhasse ela
acordando-o ele	acordando-o
estava	Vasperaldo estava
deixar	deixar cá vir
não	com este cuidado não
e de Pleonido	já vos não lembra Pleonido
estando	se isso é estando
nenhua	nenhua sorte
que podia fazer cousa alguma	que podia eu fazer cousa algũa com que vos obrigar

A maioria dos casos de adição de palavras ou expressões elucidativas têm exatamente a função de facilitar a compreensão do leitor, mas há alguns que, na verdade, são reconstruções do copista do ANTT 1201 para compensar omissões do BDM II LXX. O código BNP 659 traz a seguinte lição: “Elas chegando a ele (...) e perguntando-lhe como se perdera e como se não consolava de se ver salvo”. Já BDM II LXX traz apenas “Elas chegando a ele (...) e como se não consolava de se ver salvo”, o que obrigou o copista do ANTT 1201 a acrescentar o verbo *dicendi* que faltava.

Também os casos de adição de pronomes átonos são motivados por omissões do antígrafo, mas há algumas adições que parecem demonstrar o desejo do copista do ANTT 1201 de distinguir com uma forma de tratamento mais respeitosa algumas personagens, como ao se referir à “senhora Carmélia”.

Casos de omissão:

Omissão de palavras:	
Targiana cujos mas enfim nesta vossa casa aquelas suas parece sobretudo deixar sair daquela maneira recado vosso tinha consigo não lhe e ora assim	Targiana mas nesta casa aquelas parece deixar cá vir sair recado tinha lhe e assim
Omissão de artigo	
ambas nossas	ambas as nossas
Omissão de intensificador	
tão pobre veneráveis muito me alegre muito grandes graças dizei-lhe mais ²⁶⁷	pobre veneráveis me alegre graças dizei
Omissão de pronome átono:	
respondeo-lhe a há fosse o foi se lhe lhe Agrimo não	respondeo há se fosse foi se Agrimo não

²⁶⁷ Omissão de pronome átono e de intensificador.

dizei-lhe mais vamo-nos	dizei vamos
Omissão de conjunção	
ordenava que o levassem	ordenava o levassem
Omissão de preposição	
vos havieis de arrojár trás a fortuna	vos havieis arrojár trás a fortuna

Alguns casos de omissão se devem à eliminação de redundâncias, como “Nem ela posto que de todo o não entendera, [não] lhe deu ocasião para ele o poder fazer”. Estranha é a omissão frequente de intensificadores, como se o copista buscasse maior sobriedade. Também se pode perceber que *ir-se* está perdendo lugar para *ir*. Por fim, nos casos de omissões percebe-se o cuidado do copista do ANTT 1201, como ao omitir o pronome átono na frase “e as duas que por nenhũ caso negaria, e assi [o] foi, dizendo que era ãa e outra”. Segundo a lição de BNP 659, a frase intercalada seria “e assi o fez”, porém BDM II LXX copiou “e assi o foi”. Nesse contexto, não se justifica muito a presença de *o*, por isso omitido pelo copista do ANTT 1201. O mesmo aconteceu com “Nós imos à corte de Targiana, cujos somos”, apresentada por BNP 659, mas copiada por BDM II LXX como “Nós imos à corte de Targiana, cujos”, o que obrigou o copista do ANTT 1201 a omitir o pronome relativo *cujos*.

Casos de mudança de posição:

Mudança de posição:	
tememos mais com outros intentos também	mais tememos também com outros intentos
Mudança de posição de pronome átono:	
quando o ali deixaram que me Pavorante fez Lançando (...), deixaram-no Levantando-se (...), disseram-lhe Albaizar sorrindo-se disse-lhe não vissem, vio-os	quando ali o deixaram que Pavorante me fez Lançando (...), o deixaram Levantando-se (...), lhe disseram Albaizar sorrindo lhe disse não vissem, os vio

E contudo me dizei agora me vós tratais que lhe a princesa fizera o que se maes devia fazer	E contudo dizei-me agora vós me favoreceis que a princesa lhe fizera o que maes se devia fazer
--	---

Os casos de mudança de posição parecem, em sua maioria, motivados por uma distração no momento da cópia, mas não interferem no sentido do texto. Há, porém, um tipo de mudança de posição que também não interfere, mas que parece motivado por mudança linguística. Trata-se da mudança de posição dos clíticos. O copista do ANTT 1201 demonstra clara preferência pela próclise, mesmo quando o pronome átono inicia a oração, sendo a única exceção o emprego com verbo no modo imperativo. Já o copista do BDM II LXX oscila entre ênclise e próclise, registrando vários casos de apossínclese, como “que lhe a princesa fizera” ou “o que se maes devia fazer”. Segundo Galves, Britto e Sousa²⁶⁸, por volta de meados do século XVIII a próclise perde lugar para a ênclise nos textos portugueses. Como acreditamos que ambos os manuscritos tenham sido escritos por volta dessa época, podemos dizer que o copista do ANTT 1201 era mais conservador que o copista de seu antógrafo.

Pelo que foi exposto, nota-se que o copista do ANTT 1201 é bastante cuidadoso, pois muitas intervenções buscam corrigir lições com erros gramaticais ou lições com um significado não muito claro, de tal forma que, apesar de ser cópia, apresenta várias lições melhores que as de seu antógrafo.

Resta-nos agora apresentar uma síntese da colação dos demais manuscritos, cujas variantes, em sua maioria repetitivas e pouco significativas, bastam, entretanto, para esboçar um estema para cada parte, como veremos a seguir.

3.6- A Segunda Parte da Crônica de Dom Duardos:

Vejamos a relação dos códices atualmente conhecidos que narram a segunda parte e a letra que usaremos ao nos referirmos a cada um deles:

²⁶⁸ GALVES, Charlotte, BRITTO, Helena & SOUSA, M. Clara Paixão de. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4-1, 2005.

- A-** ANTT: Manuscritos da Livraria, 1201;
B- BNP: cód. 659 (H-10-46);
C- BNP 6829 (U-2-101);
D- Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa: Seção de Reservados, BDM II, LXX;
E- ANTT: Manuscritos da Livraria, 410;
F- HSA (Hispanic Society of America, Nova Iorque): HC/380/800/1.

A colação dos manuscritos mostra a existência do grupo A, D, F. Já o manuscrito C parece oscilar entre esse grupo e B, E. Vejamos alguns exemplos:

- 1- A, D, F: cópias / B, C, E: espias
- 2- A, D, F: culpando / B, C, E: julgando
- 3- A, D, F: olhos / B, C, E: alheos
- 4- A, C, D, F: ocasionada / B, E: ou quasi nada
- 5- A, C, D, F: indignação / B, E: adivinhação
- 6- A, C, D, F: valerosos / B, E: malévolos
- 7- A, C, D, F: se despedio e entrou na câmara / B, E: se despio e entrou na cama
- 8- A, F: ficaram espantados e / C, D: ficaram quando Albaizar e espantada Alchediana / B, E: ficaram corrido Albaizar e espantada Alchediana
- 9- A, C, D, F: que se não sentisse abraçar o primeiro de ãa força grande / B, E: que se não sentisse abraçar e oprimir de ãa força grande

Dentro da família A, D, F nota-se maior semelhança entre A, F, como se pode ver a seguir:

- 10- A, F: despojaria / B, C, D, E: despejaria
- 11- A, F: considerar o caso / B, C, D, E: considerar e ouvir
- 12- A, F: senhor / B, C, D, E: amo
- 13- A, F: aquele homem / B, C, D, E: o homem que dissemos
- 14- A, F: a sétia / B, C, D, E: o navio

Muitas vezes, como nos exemplos seguintes, F apresenta lições exclusivas, nunca acontecendo o contrário, o que nos leva a propor que A seja seu antígrafo:

15- A, B, C, D, E: de vida / F: dívida

16- A, B, C, D, E: pouca esperança / F: poucas esperanças

17- A, C, D: por de nós / B, E: pondo-nos / F: de pôr-nos

18- A, C, D: os tormentos / B, E: todos os tormentos / F: o tormento

Analisemos agora a relação existente entre A, D. Acreditamos que D seja o antígrafo de A. Sustenta nossa hipótese o fato de A (e sua cópia F) apresentar lições exclusivas, raramente acontecendo o contrário. Nos casos em que D apresenta lição exclusiva ou igual à de outro, porém aparentemente errada, há um elemento importante a ser considerado. O copista de A parece ser muito cuidadoso e, frequentemente, ao se deparar com um erro ou com um texto obscuro, ele tende a fazer alguma emenda. Vejamos alguns exemplos:

19- A, F: era semelhante / B, C, E: lera / D: era

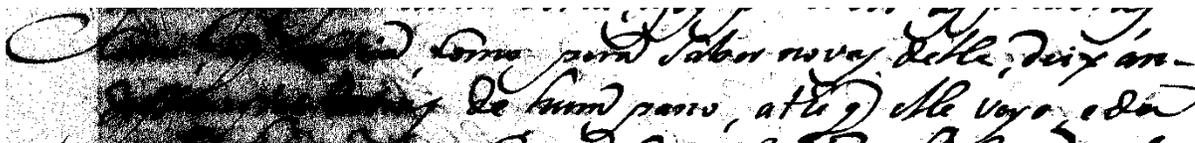
20- A, F: onde se cultivam / B, D, E: onde vem cultivar / C: ou devem cultivar

No exemplo 19, a lição correta é a transmitida por B, C, E, como se vê ao inseri-la no contexto em que aparece: “Não lhe esqueceo naquele passo a historia da Penha Pobre de Amadis de Gaula, que algũas vezes lera”. O copista de A não teve acesso a essa lição, mas percebeu o sentido incompleto da frase “que algũas vezes era”, transmitida por D, e por isso acrescentou “semelhante”, uma palavra adequada ao contexto e capaz de completar a frase.

Algo parecido aconteceu no exemplo 20, cuja melhor lição parece ser a do manuscrito C, como se percebe no contexto de que foi tirada: “deve saber que as almas dos príncepes não são de melhor sangue que as de seus vassalos, se bem é verdade que as cultivam ou devem cultivar melhor”. Mais uma vez A não teve acesso à melhor lição e, mais uma vez, fez uma pequena intervenção (cultivam onde se cultivam melhor, ou seja, são educados pelos melhores mestres) capaz de dar mais sentido à frase “é verdade que as cultivam onde vem cultivar melhor”. Porém, o que nos interessa mostrar neste momento é que as lições de A só se explicam se seu antígrafo for D ou uma cópia idêntica a esta. Se não, como explicar a lição

“era semelhante” se o antígrafo trouxesse “lera”? Vejamos mais um exemplo, mostrando que, se o antígrafo de A não fosse D, deveria ser outro idêntico também na disposição das palavras no manuscrito:

- 21- A, F: dele veio / B, E: dele, deixou-se estar detrás de um pano até que ele veio / C, D: dele, deixando-se estar detrás de um pano, até que ele veio



No exemplo 21, A pula um trecho, que facilmente seria explicado por *homoioteleuton*, dada a posição que ocupam “delle” e “elle” no manuscrito D.

Convém enfatizar que apresentamos apenas alguns exemplos ilustrativos de cada situação, mas poderíamos arrolar muitos outros que apontam sempre na mesma direção, de D ser antígrafo de A. Há uma única ocorrência que se opõe a essa hipótese, mas que nos leva a não descartar a possibilidade de terem ambos um antígrafo comum:

- 22- A: e do que Vasperaldo passou no lugar aonde estava com o proprio Albaizar /
 D: e do que Vasperaldo passou naquele lugar com o proprio Albaizar /
 B, C: e do que Vasperaldo passou naquele lugar em que estava com o proprio Albaizar

É necessário, agora, determinar a que grupo se vincula o manuscrito C. Há uma ocorrência que nos leva a associá-lo à família D, A, F. Trata-se de um trecho de extensão aproximada de um fólio, pertencente ao capítulo 18, que foi inserido no capítulo 17 nos manuscritos C, D.

O manuscrito C não traz qualquer indicação de que houvesse problema; já o manuscrito D traz marcas que indicam exatamente o ponto onde começa e termina o erro, como se pode ver pelas imagens abaixo:

por diante refolvendo-se em fias agradeceo se lhe fosse
 celey e contosq asavallung q configorinha a liva

Fólio 45r

no Crow Conodirat de l'offrecimento, e dice ao velho
 q mandata my tras lhe por onde avia desobix, se elle

Fólio 45v

Note-se que na margem o copista (ou uma outra mão) insere uma espécie de acento circunflexo e o repete no ponto em que começa e termina o problema, ou seja, entre “agradeceo” e “se lhe” no fólio 45r, e entre “offrecimento” e “dice ao velho” no fólio 45v, embora neste caso a posição correta fosse antes de “offrecimento” e não depois.

* Se lhe fosse certo trabalho
 ando enfundada vidade q graviano in dia loma

Fólio 48v

Para indicar o ponto em que o texto já copiado deveria ter sido transcrito, o copista coloca um asterisco na margem e novamente o sinal em forma de acento circunflexo entre “se lhe fosse” e “certo trabalho”.

Ora, como acreditamos que os exemplos 1, 2 e 3 já sejam suficientes para descartar a hipótese de D ser o antígrafo de C e como o erro que acabamos de apresentar vincula os dois manuscritos, propomos a existência de um subarquétipo que já apresentava o erro citado e que foi o antígrafo de C, D.

Convém esclarecer que o manuscrito A não inseriu o trecho do capítulo 18 no 17, mas isso não derruba nossa hipótese de D ser seu antígrafo, já que nesse manuscrito aparecem as marcas indicando onde começa e onde termina a inserção e também onde deveria ser inserido. Como já dissemos, o copista de A é bastante atencioso, por isso levou em conta as marcas que indicavam o problema. Há que se ressaltar, porém, que ele não fez a correção com absoluta

perfeição, pois se o tivesse feito, o texto ficaria idêntico a B e também a D, excluído o trecho enxertado:

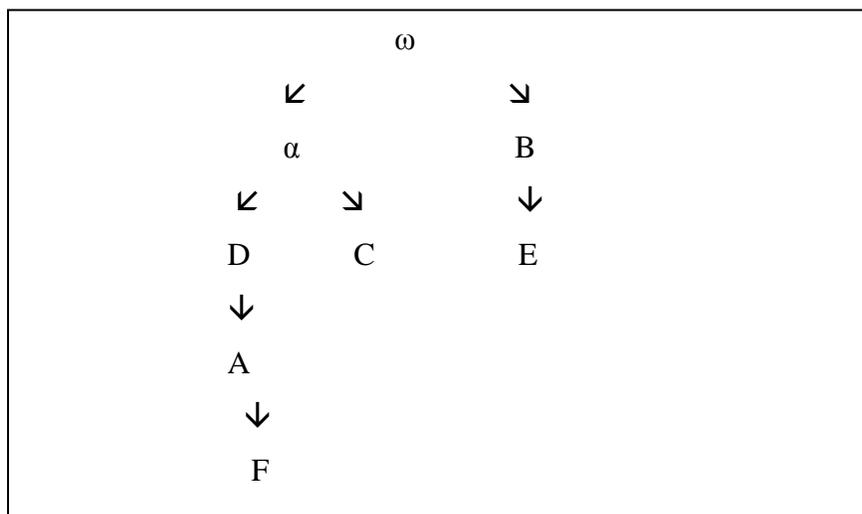
- 23- A: agradeceo ao velho a boa vontade, e aceitou-lhe a oferta. Foi para cima e vio somente ao velho, e a algũas pessoas de serviço que lhe vieram abrir ã postigo /
 B: agradeceo o oferecimento e dixee ao velho que mandasse mostrar-lhe por onde havia de sobir. Fez ele logo o sinal à gente de dentro e depressa se abrio um postigo /
 C: agradeceu *se lhe fosse. elles* (...) o oferecimento e disse ao velho /
 D: agradeceu *^ se lhe fosse a eles (...) ofrecimento ^* e disse ao velho

Note-se que o fato de A ter modificado um pouco o texto confirma a hipótese de que ele não teve acesso à lição correta, e sim, muito provavelmente, à lição de D, que, apesar de errada, apresenta indicações que permitem a reconstrução do texto.

Os dois manuscritos restantes constituem uma família, conforme se viu por exemplos anteriores, cujo antígrafo é B, como se pode verificar pelos exemplos seguintes:

- 24- A, C, D: atravessavam. Continuavam-se / B: atravessavam continua / E: atravessava
 25- A, B, C, D, F: hei de casar com Primaleão e hei de casar logo /
 E: hei de casar com Primaleão
 26- A, B, D, F: não se entendem bem / C: não se entende bem / E: não se sentem bem

Com base na colação realizada, da qual expusemos alguns exemplos, propomos o seguinte estema para a segunda parte da Crônica de D. Duardos:



A posição ocupada por A no estema proposto acima não nos deixa em situação confortável para justificar o fato de o havermos escolhido como manuscrito de base para nossa edição. Começamos, então, excluindo os códices que se encontram em posições mais elevadas do estema. O primeiro manuscrito a ser descartado é C, pois apresenta inúmeras supressões; inclusive, no último capítulo, falta um trecho correspondente a quase um fôlio. Além disso, apresenta muitas lições claramente erradas, como:

27- A, B, D, E, F: sofocavam / C: os aficavam

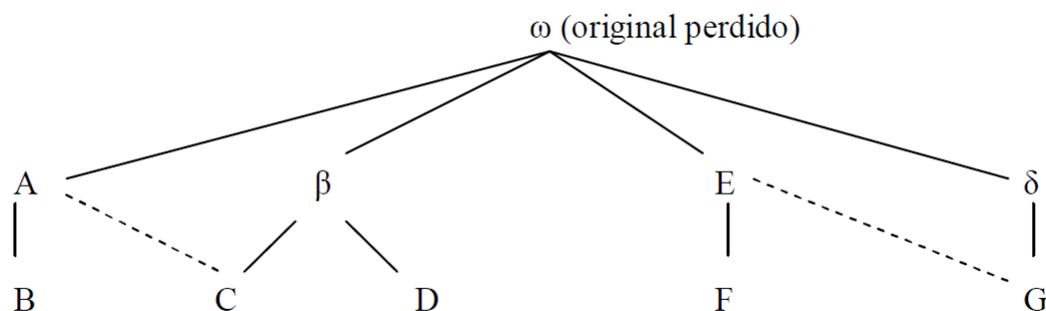
28- A, D, F: monstruosa / C: em ticsosa? (?) / B, E: montuosa

Também descartamos D, apesar de ser o antígrafo de A, pois como fomos demonstrando ao longo desta exposição, apresenta várias lições erradas, muitas das quais, de alguma forma, corrigidas por A. O resultado é que, ainda que A normalmente não consiga reconstruir a forma original, apresenta um texto mais coerente que D.

Com relação ao manuscrito B, é preciso esclarecer que não descartamos a hipótese de que haja algum subarquétipo entre B e ω , embora faltem elementos que nos permitam prová-lo. De qualquer forma, ainda que B esteja um nível abaixo no estema, parece-nos o melhor testemunho da segunda parte. Entretanto, essa cópia também apresenta problemas, pois o copista salta alguns trechos e várias vezes repete as palavras ou erra ao copiar.

Já que todos os testemunhos da segunda parte apresentam problemas, convém considerar a situação nas outras duas partes. Enfatizando, o copista de A também copiou a primeira e a terceira partes, que formam um conjunto uniforme, com a mesma *mise-en-page*. Ora, foi o manuscrito BNP 12904 que Fernandes escolheu como base para sua edição, apoiado no estema²⁶⁹ que ele propôs para essa parte e que reproduzimos abaixo:

²⁶⁹ A: BNP 12904; B: BNP 620; C: BNP 658; D: BNP 6828; E: ANTT 1773; F: BNP 483; G: BNP 619.



No estema acima, o manuscrito BNP 12904 é representado pela letra A, que juntamente com E ocupam as posições mais elevadas. Também na terceira parte, como veremos a seguir, A divide as posições mais altas. Portanto, dado que temos um conjunto homogêneo formado pelos códices BNP 12904, ANTT 1201 e ANTT 1202, todos escritos pelo mesmo copista; dado, ainda, que tanto na primeira quanto na terceira partes os testemunhos desse conjunto podem ser considerados os melhores; e dado, por fim, que na segunda parte, em que o códice ANTT 1201 não ocupa uma posição elevada, os outros manuscritos apresentam alguns problemas, acreditamos ser aceitável a opção de tomá-lo como testemunho de base.

3.7- A Terceira Parte da Crônica de Dom Duardos:

Da terceira parte são conhecidos atualmente apenas os quatro manuscritos abaixo, identificados pelas letras que usaremos ao nos referirmos a eles:

A: ANTT 1202;

C: BNP 6830;

F: HC-300-800-2;

H: ANTT 1773.

A colação desses manuscritos mostra claramente a existência de duas famílias: A, F e C, H. No caso de A, F, como já dissemos, ambos pulam o capítulo 24 e só o inserem depois do capítulo 27. Além disso, há várias lições exclusivas. Vejamos alguns exemplos:

29- A, F: reparam / C, H: atentam

30- A, F: Se isso é ofensa vossa, será porque sois mimoso / C, H: Se isso é ofensa vossa, sois mimoso

31- A, F: Por que não folgaram muito? Que melhor ocasião podiam ter, que ver morto / C, H: Por que não folgaram de ver morto

32- A, F: Braceliano / C, H: Leopoldo

33- A, F: amores / C, H: temores

Nos exemplos encontrados, muito frequentemente a família A, F apresenta lições mais longas que C, H. Isso pode indicar supressão de termos em C, H ou adição em A, F. Parece-nos mais provável que se trate de acréscimos de A, F, pois normalmente são casos em que A, F explicam melhor, detalham mais, como se quisessem facilitar a compreensão. Nessa mesma linha, são frequentes, nessa família, as substituições de pronome por nome, como nos exemplos abaixo:

34- A, F: acharam a Alibeque / C, H: o acharam

35- A, F: Florislao / C, H: ele

36- A, F: o pai / C, H: ele

Quanto à relação entre A, F, acreditamos que se repete o que já foi observado na segunda parte, ou seja, que F seja cópia de A, pois nunca ocorre de A apresentar uma lição exclusiva, sendo frequente os casos em que F o faz, como atestam os exemplos abaixo:

37- A, C, H: e não só de ã mouro, senão / F: senão

38- A, C, H: dem / F: têm

39- A, C, H: compor / F: cumprir

40- A, C, H: penetrante / F: patente e penetrante

41- A, C, H: segunda ferida / F: segunda

No caso de C, H, há muitos casos de lição exclusiva de C, mas também encontramos lições exclusivas de H, o que nos leva a descartar a hipótese de um ser antígrafo de outro. Vejamos alguns exemplos:

42- A, F, H: acomodado / C: desenfadado

43- A, F, H: contudo depressa / C: contudo

44- A, F, H: quebrados / C: acabados

45- A, F, H: pórticos / C: portais

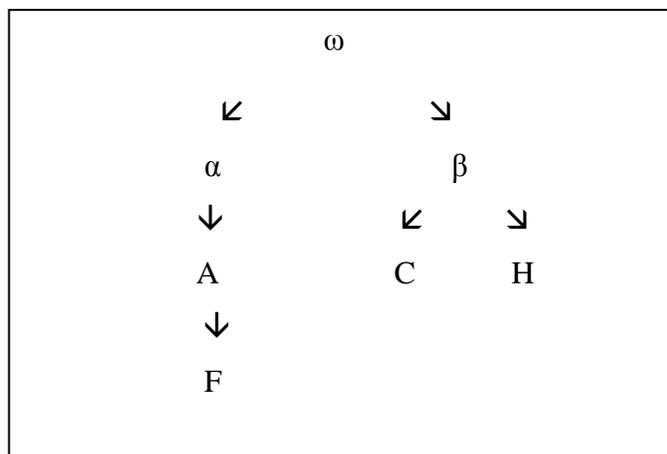
46- A, C, F: pessoa / H: pena

Propomos, por fim, a existência de um subarquétipo β , antígrafo de C, H, em virtude de casos como o do exemplo seguinte:

47- A: obrigação / C, H: ocupação, digo, obrigação

Só se explicaria o fato de ambos os copistas terem feito a mesma correção no mesmo ponto, se C fosse antígrafo de H ou vice-versa, hipótese que descartamos; ou, ainda, se ambos tivessem um antígrafo comum, hipótese que defendemos.

Com base no exposto, propomos o seguinte estema para a terceira parte:



3.8- Critérios de transcrição:

Como ensina o professor Aires A. Nascimento, “a intervenção do editor é complementar da do autor e supõe tratamento do texto em forma de adequação à sua recuperação pela leitura a que se destina”²⁷⁰, portanto, o editor deve fazer o tratamento do texto sempre atento a dois polos: o texto que o autor escreveu e o leitor a quem se dirige, embora, citando o professor Ivo Castro²⁷¹, seja importante “que não perca de vista que há leitores a servir, mas os identifique como leitores exigentes e que não gostam de ser tratados com condescendência.”

Como o objetivo último deste trabalho é dar a conhecer um livro de cavalarias inédito, a fim de que os estudiosos da Literatura possam avaliar melhor a importância desse gênero, pareceu-nos conveniente, para não distrair o leitor, modernizar a grafia, respeitando, porém, a língua falada na época em que o texto foi escrito. Assim sendo, as atualizações limitar-se-ão aos elementos gráficos que não representem realizações fonéticas. Adotou-se o Acordo Ortográfico vigente e, nos casos em que duas formas sejam aceitas, optou-se pela forma usual no Brasil, exceto nos casos em que essa opção pudesse representar desrespeito a uma realização fonética, como em *comumente*, preterida em favor de *comummente*.

Com base nesses critérios, adotamos as normas de transcrição que exporemos a seguir.

3.9- Normas de transcrição:

A. Vocalismo

1- deslocar o acento indicativo de nasalização de:

uã: alguã → algũa

aõ: imaginaçãõ → imaginação

oeš: informaçoesh → informações

uš: alguš → algūs

²⁷⁰ NASCIMENTO, Aires A. *O “scriptorium” medieval, instituição matriz do livro ocidental*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1999.

²⁷¹ CASTRO, Ivo. “Josefes caminha sobre as águas” in *eHumanista*: Volume 8, 2007

- 2- eliminar o acento indicativo de nasalização de:
 unš: alguns → alguns
 enš: homenš → homens

- 3- regularizar o ditongo nasal final de acordo com a grafia atual:
 ão por *am*: tinham → tinham
am por ão: quam → quão
ans por *ãs*: maçans → maçãs

- 4- manter a oscilação da grafia na construção *ham de / hão de* por poder não corresponder a ditongo nasal no Português Europeu clássico.

- 5- substituir *y* por *i*:
 may → mai
 raynha → rainha

- 6- manter todos os casos de oscilação relacionados com vocalismo átono:
 mulheres / molheres

B. Consonantismo

- 1- suprimir as consoantes duplas não pronunciadas:
 bb: abbade → abade
 cc: accidente → acidente
 ff: efeitos → efeitos
 ll: castello → castelo
 mm: communicar → comunicar
 nn: innocente → inocente
 pp: oppinião → opinião
 tt: settas → setas

2- suprimir as letras não pronunciadas de:

bt: subtilezas → sutilezas

cç: atracção → atração

ct: affecto → afeto

gn: ignimigo → inimigo

mn: somno → sono

pç: descripção → descrição

ps: psalmista → salmista

pt: escripto → escrito

gu: entregua → entrega

3- manter os casos de oscilação entre *sc/c* e entre *ch/x*, que podem representar variação entre fricativa palatoalveolar surda [ʃ] e fricativa alveolar surda [s]:

nacer, nacer

trouche, trouxe

4- suprimir o *h* inicial não etimológico: huã → ãa

5- acrescentar o *h* etimológico: avia → havia

6- atualizar os dígrafos *ch*, *ph* e *th* com valor de [k], [f] e [t], respectivamente:

charidade → caridade; Archediana → Arquediana

philosophia → filosofia

athe → até

7- substituir *qu* por *c* nos casos de oclusiva velar surda seguida de *a* ou *o*:

fraquos → fracos

barqua → barca

8- manter *c* em:

calidade, calificados

9- modernizar a grafia das sibilantes:

princeza → princesa

exelente → excelente

preseverança → presseverança

10- empregar *g* e *j* de acordo com as regras ortográficas atuais.:

larangeiras → laranjeiras

magestade → majestade

C. Outras intervenções

1- desenvolver as abreviações;

2- hifenizar os clíticos:

encontralla → encontrá-la

perderce → perder-se

3- ligar e separar vocábulos de acordo a grafia atual:

comque → com que

na quelle → naquele

4- empregar apóstrofo para separar as contrações de:

preposição e substantivo: nalma → n'alma

preposição e advérbio: dalem → d'além

5- empregar apóstrofo para indicar aférese dos vocábulos *agora*, *ali*, *aqui* e *até*:

athegora → até 'gora

athe qui → até 'qui

athe li → até 'li

the → 'té

- 6- acentuar de acordo com as regras ortográficas vigentes;
- 7- manter a paragrafação do próprio manuscrito, incluindo, entretanto, parágrafo iniciado por travessão nos casos de discurso direto e parágrafo para representar grandes espaços em branco deixados pelo copista;
- 8- manter, preferencialmente, a pontuação do próprio manuscrito, intervindo apenas em casos cuja pontuação original dificulte a compreensão ou seja excessiva, como as vírgulas antes de *com*;
- 9- capitalizar de acordo com as regras ortográficas atuais;
- 10- indicar, entre colchetes, a mudança de fólhos. Nos casos em que ela acontece no meio da palavra, não dividi-la, mas anotar o novo fólho após a mesma.²⁷²

²⁷² Em anexo transcrevemos todos esses casos.

Lista com a grafia original.**CC**

accidentes
accidente
occiozidade

CE

concequencias
aconcelhasse
conceguisse
concentisse
chegace
crecessem
decerse
dicesse
segucem

CI

ancia
ancias
anciozo
bolcinha
Cicilia
cimitarra
citio
cituado
cizo
conciderar
concideração
concideraçoes
conciderassemos
comciderassemos
concidere
conciderado
conciderando-ce
conciderava
concideráraõ
concideréis
conciderou
conciencia
conciencias
concigo
comcigo
concinta
concintaõ

concintas
conciste
concistia
controvercia
decia
deffencivos
descingida
extacis
falcificador
mancidaõ
paracismo
ressucitara
verecimel

GE

alfange
alforge
algeraria
engeita
engeitou
fogeriaõ
gageiro
grangear
grangea
grangeada
grangeado
grangeara
grangearia
grangeava
grangeou
lageado
larangeiras
Magestade
mangedoura
nogenta
Pagem
rabugento
sogeitar
sogeita
sogeitas
sogeito
sogeitos
trage
trages

varge
vargea

GI

giolhos

Omissão de h

ouvesse
omiziar

Inclusão de h

hia
Hespanha
he
hidevos
sohia
sahissem
sahisse
hombros
hombro
thezouros
thomassem

JE

ventaje

M

emfim
nimguem

PH

Caliphas
Emphilia
Orpheo
Orphillia
Philozofos
Philozophia(s)
triumphos
tropheos

S

acressentar
acressentou
acressenta

antifasses	sessou	apresenteis
apassentando	sesudo	auzentar
assender	sezuda	auzencia
assendesse (acender)	setia	auzencias
asseitar	tevese	auzentasse
asseitado	veses	auzente
asseitando-vos	rais	avise
asseitara	eficas	avizemos
asseitardes		caze
asseito	SA	despuzeraõ
asseitoulhe	lansasse	Deozes
assenos		Deuzes
assertou	SI	dezejo
assertada	essensia	dezejara
assertar		dezejava
comeseis	SC	dezejar
cresser	sciencia	dezejos
cressendo		dezejei
cresseo	SSI	dezejassem
cresseraõ	assima	dezeja
desser	passiencia	dezejando
desseraõ-ce		dezejozo
dessendo	SS por Ç	dezejoza
desfesse	justissa	dezejarẽ
dicesse	servisso	dezembaraçados
dicessem	abrassandose	dezembaraçado
ensetadas		dezembarcar
fanfarrisse	TT	dezembarcado
fanfarrisses	sette	dezembarcando
fanforrisse		dezembarcados
fonfarrisse	X	dezembarcarem
fas	sexo (seixo)	dezembarcaraõ
fes		dezemparou
fizese	Y	dezemparado
meresse	sey	dezemparada
nasse		dezemparadas
padessera	ZA	dezemparo
padesseo	cazar	dezempenho
parese	cazamento	dezempenhar
paressendo	dezastres	dezencantados
pareseo	pezando	dezencantamento
possesaõ		dezencantasse
prevalessarem	ZE	dezencazado
proseguindo	abzencia	dezenfadar
sella	apozento	dezenfado
serraçaõ	apozentos	dezenfadallos
serto	apresentar	dezenfadamentos

dezenfadadamente	miseravel	cortezia
dezenfadava	mizericordia	demaziada
dezenfiava	mizericordias	demazia
dezenfreado	peze	demaziado
dezenenganar	Portuguezes	demazias
dezenenganado	prezente	demaziadamente
dezenengano	prezentes	depozito
dezenenganou	prezença	depozitaria
dezenenganavaõ	prezentou	depozitario
dezenenganando	prezencia	depozitoria
dezenenganaraõ	presente	descortezia
dezenanganava	prezestir	despozição
dezenenganos	puzeraõ	dispozição
dezenquietado	puzera	desprepozitos
dezenvoltura	puzesse	dezigual
dezerto	puzestes	dispoziçõeš
dezesperado	quizessem	Dramoziana
dezemparados	quizesse	Dramoziano
dezesperasse	quizera	Dramuziano
dezesperar	quizer	Druzia
dezesperaçaõ	quizereis	Durzia
dezesperada	quizeres	fantezia
dezesperassem	quizeraõ	fantezias
dezesperando	quizerem	formozissima
dezesperava	quizerdes	generozidade
dezesperaçoẽš	quizerem	hipocrezia
dezesperou	quizestes	indispozição
dezestimas	quizermos	Luzitania
dezesstimar	representar	monstruozidade
dezesstimaiz	representavaõ	muzicos
dezesstimava	representando	muzica
dezesstime	representara	occaziãõ
dezesstimaçaõ	representaraõ	occazionar
dezesstradamente	representou	occazionaraõ
dispuzera	representaçoẽš	occazioẽš
dispuzessem	rezestir	occazionada
dispuzesse	rezestiraõ	occiozidade
escuzeis	rezestiaõ	prepozito
francezes	rezestisse	prepozitos
izente	vizeira	prezidia
izenta	ZI	prezide
izençaõ	cazinhas	prezioneiros
mezes	compoziçoẽš	prezistisse
miseravel	coriozidade	quazi
mizeria	curiozidade	requizitos
mizeraveis	curiozidades	rezidia
mizeravilissimo		rezistencia

rezistir
 rezista
 resistiria
 resistio
 resistida
 sumptuozidade
 vizitar
 vezitallo
 vezitas
 vezitava
 vizitas
 vizitando
 vizitalla
 vizitala
 vezitado
 vizitavaõ
 viziveis

ZO

aciozo
 airozo
 amargozo
 anciozo
 animozo(s)
 briozos
 cizo
 cobiçozos
 costozo
 curiozos
 desditozo
 desgostozo
 dezejozo
 difficultozo
 ditozo(s)
 duvidozo
 enganozos
 envejozo
 escrupulozos
 famozo(s)
 fermozo(s)
 forçozo(s)
 forçozos
 furiozo(s)
 generozo(s)
 gozos
 graciozo
 invejozo(s)

invejozo
 lastomozos
 maviozo
 mentirozo
 mimozo
 monstruozo
 ociozo
 percizo
 perigozo(s)
 pezarozo
 philozophia
 poderozo(s)
 preguiçozo
 proveitozo
 queixozo
 querelozo
 raivozo(s)
 receozos
 redondozo
 relligiozo
 saudozo
 sumptuozo(s)
 temerozo(s)
 vagarozo
 valerozo(s)

Grafias duplas:

parecia / paressia
 officios / officio
 cressia / crescia
 crescido
 cresciaõ
 nascidas
 nascia
 nasciaõ
 nascido / naciaõ / nasse
 assima / acima
 traje / trage
 pairesse / parecisse
 verecimel / veresimil
 Deos / Deus

Hifen

abrassandose
 achouse
 acolherse
 acompanharse

acressentandoce
 afligiase
 aproveitandose
 arrojarse
 assegurarce
 assegurandomos
 asseitoulhe
 asseitando-vos
 assentoulhe
 assentouce
 assentandoce
 assentaio
 atribuiasse
 callandose
 curesse
 dainola
 dandose
 deffenderse
 desmeresse
 despediose
 desfesse
 dessendoce
 disselhe
 dizendolhe
 divertiasse
 empenharvosei
 encheose
 encomendarselhe
 enfadarse
 inquietarse
 espediraõse
 farseha
 fesse
 festejarse
 fingindose
 foise
 haverse
 hiase
 indosse
 indose
 irse
 levantarse
 levandoa
 meteose
 mudarse
 offerecerse
 partirse

partiose
 passandose
 perderse
 porse
 posse
 pouparseha
 prometerce
 queixarse
 quisse
 recolherse
 regularseha
 renderse
 rindose
 riose
 saberse
 sahiöse

seguila
 sejavos
 selhe
 selo
 sello
 seloeis
 sentou-ce
 sentouce
 sentandoce
 sentarce
 sentindo-ce
 servirse
 servirvos
 servindolhe
 serviace
 settim

sobiose
 temerse
 temeuse
 tendose
 tinhasse
 terse
 tratarse
 verse
 vendosse
 viasse
 vo lo

Acentuação

serà
 nòs

Lista com a divisão das palavras

Segunda parte:

abonan-[3r]çado	naquel-[46v]le	ani-[130r]mo
dezenzana-[4r]do	se-[47r]guice	conhe-[133v]cendo
ficas-[8v]se	fe-[49r]rido	ne-[135v]cessario
es-[9r]escriptas	me-[49v]lhor	fa-[136r]zendo
che-[9v]gou	for-[52r]çoza	sa-[138r]biaõ
incul-[11r]cais	pendura-[56v]das	con-[138v]tentamentos
le-[12v]vado	Gi-[59r]gantes	di-[140r]zendolhe
detreminaraõ-[14v]ce	Flori-[59v]ano	com-[147r]prido
detremina-[15r]çaõ	arma-[61r]do	contra-[150v]rio
esque-[16v]cido	a-[64v]cordo	descomposta-[153v]mente
so-[20r]brinha	por-[65r]que	Dra-[157v]moziando
a-[21v]inda	jul-[72r]garem	Dra-[158r]moziando
se-[22v]jaõ	manei-[77r]ra	repara-[165v]rem
respei-[26r]tos	avi-[79v]zado	pre-[168r]guiçozo
bas-[29v]tantemente	par-[81v]tido	resti-[170r]tuida
Relli-[31r]giaõ	aconte-[83r]cido	Duar-[171r]dos
po-[31v]der	me-[88v]lhor	tam-[173r]bem
occupaçõ-[32r]eş	lu-[90r]gar	pensa-[173v]mentos
im-[32v]portasse	a-[97v]manhecer	arman-[174r]doce
Vaspe-[33r]raldo	rode-[98v]ada	pri-[177r]mor
geral-[33v]mente	ti-[106r]nha	sou-[179v]bera
Bor-[34v]celeta	Allibo-[107r]azem	ver-[181r]deiro
olhan-[35v]do	a-[112r]quillo	vi-[193v]nha
in-[38r]teligivel	per-[113r]suadiraõce	a-[194v]inda
me-[41v]lhor	gra-[115v]ças	bra-[200r]vamente
dif-[43v]fensas	na-[118v]quella	Dra-[202v]ziando
da-[45r]quillo	Alli-[121r]boazem	mi-[203r]nha
indi-[46r]reitou	aven-[123v]turamos	bas-[204v]tando

espe-[206v]ro	tre-[236v]mendo	ma-[263r]teria
prodigali-[209r]dade	gol-[239v]pes	amo-[263v]res
falla-[210v]raõ	cuida-[240v]va	teste-[268v]munha
aquel-[223v]las	ca-[241v]valleiro	Fi-[269r]dellia
res-[224r]pondeo	dezaven-[244v]tura	a-[270v]mores
encan-[224v]tada	come-[248v]raõ	es-[272r]cudo
en-[225v]fadado	levantã-[251r]doce	so-[275r]biria
Em-[226v]perador	con-[252r]vinha	enten-[279v]dimento
dei-[228r]xasse	Don-[252v]zella	esprei-[286r]touce
ou-[230v]tra	com-[257v]cigo	du-[287r]ravaõ
con-[231r]certado	ten-[259v]des	agaza-[290v]lhou
arvo-[236r]res	encan-[261v]tamento	co-[291v]nhecido

Terceira Parte:

cortes[5]mente	avi-[105]zado	Car-[257]mellia
cau-[7]za	pouza-[111]da	entra-[259]do
des-[9]armado	particula-[137]ridade	Oc-[263]caziaõ
aven-[13]turar	Pleoni[149]do	caval-[263]leiro
tho-[19]masse	Final[151]mente	caval-[269]leiros
conveni[35]ente	ma-[153]tasse	to-[274]masse
Nas[53]trobio	vere-[155]simil	concide-[283]rallas
ba[67]tel	pa-[159]lavras	penetran-[287]te
dis[69]curso	com[196]vosco	fa-[313]zendo
fa[73]çanha	Flo-[171]rislao	effica-[317]cia
ne[83]nhũa	determi-[181]narce	sin-[319]gellas
da[87]quele	pa-[193]lavras	Empera-[329]dor
bar-[95]ca	aga-[197]zalhado	co-[337]mo
rezul-[97]tado	Da-[201]liarte	de-[341]raõ
esta-[101]va	da[211]quelle	Con-[345]fiança

BIBLIOGRAFIA

Fontes manuscritas:

Archivio Concistoriale, Arquivo Secreto do Vaticano, Processus Consistoriales 2, ff. 755v-756r.

Biblioteca da Ajuda 51-V-47 – Livro do Padre Francisco da Cruz, que pertenceu à livraria da Condessa do Redondo, D. Margarida de Vilhena.

Biblioteca da Ajuda 44-XIV-5 (nº 25) f. 26v – 28r. Aforamento da lezíria Moraceira.

Cancionero. Recopilado por D. Manuel de Faria. Dedicado al conde de Haro en 1666. – S. XVII. BNM Mss 3992. Biblioteca Nacional de Espanha.

Chancelaria da Ordem de Cristo, ANTT, Livro 32, f. 40r - 40v

Chancelaria da Ordem de Cristo, ANTT, Livro 36, f. 45v

Chancelaria da Ordem de Cristo, ANTT, livro 8, f. 267v

Chancelaria de Filipe III, ANTT, livro 28, f. 203v – 204r

Chronica da 2ª parte do Principe Dom Duardos - Cód. BNP 659 - Biblioteca Nacional de Lisboa.

Chronica de Primaleão Emperador de Grecia Em que se da conta das façanhas monstruozas, que obrou o Principe Dom Duardos, e os mais cavalleiros do seu tempo. Composta por Guilherme Frusto, e tresladada por Simisberto Pachorro estando encantado no Cume da Penha Rigoroza da Serra da Lua pello odio do Sabio Bragamante. Segunda parte. Cód. HC 380/800/1 – Hispanic Society of America

Chronica de Primaleão Emperador de Grecia Terceira Parte. Cód ANTT 1202 (Manuscritos da Livraria) - Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Chronica de Primaleão Emperador de Grecia. Segunda Parte. Em que se da conta das façanhas, que obrou o Principe D. Duardos e os mais cavalleiros de seu tempo. Composta por Guilherme Frusto e tresladada por Simisberto Pachorro, estando encantado no Cume da Penha Riguroza da Serra da Lua, pello odio do sabio Bragamante. ANTT 1201 (Manuscritos da Livraria) - Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Chronica de Primaleão Emperador de Grecia. Terceira Parte. Cód. HC 380/800/2 – Hispanic Society of America.

Chronica do Principe Dom Duardos - Cód. ANTT 410 (Manuscritos da Livraria) - Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Cronica do Principe Dom Duardos - Cód. BDM II LXX - seção de reservados da Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa.

Obras poeticas de diferentes personas. En portugués y en castellano. BNM Mss 4152.

Papeis e cartas particulares de D.º G.º Coutt.º a diuerças pessoas & em diferentes tempos. Offrecidas por elle ao Sr. D.º R.º da Cunha Meretissimo Bispo do Porto. Manuscrito K-V-7 (nº 810), do Arquivo da Casa Cadaval (Teresa Schönborn)

Registo Geral de Mercês, Ordens Militares, ANTT, livro 1, f. 76v-77r

Registo Geral de Mercês, Ordens Militares, ANTT, livro1, f. 57v-58r

Segunda parte da cronica do princepe Dom Duardos composta por Henrrique Frusto e tresladada por Gomes Enes Dazurara autores da primeira parte. Cód. BNP 6829 - Biblioteca Nacional de Lisboa.

Terceira Parte da Chronica do Principe Dom Duardos composta por Henrrique Frusto e tresladada por Gomes Ennes dazurara, autores da 1ª e 2ª Parte. Cód. BNP 6830 - Biblioteca Nacional de Lisboa.

Terceira Parte da Chronica do Principe Dom Duardos composta por Henrrique Frusto, e tresladada por Gomes Ennes, Dazurara Autores da primeira e 2ª partes. Cód. ANTT 1773 (Manuscritos da Livraria) - Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Tombo das Comendas, ANTT / M.C.O. TC 381

Tribunal do Santo Ofício Conselho Geral Habilitações, ANTT, Maço 19 / doc 408 – Dom Luis Barata de Lima.

Fontes impressas:

BARROS, João de. *Crônica do Imperador Clarimundo, donde os reis de Portugal descendem.* Lisboa, Germão Galharde, 1522.

BERNARDES, Diogo. *O Lyma.* Lisboa, Simão Lopez Mercador de Livros, 1596, p.146-150.

_____. *Rimas varias, Flores do Lima.* Lisboa, Manuel de Lyra, 1597.

- CAMÕES, Luís de. *Rhythmas: divididas em cinco partes de Luis de Camões*. Lisboa: Manoel de Lyra, à custa de Estêvão Lopez, 1595.
- Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias. Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990-1993. Volumes I a IV.
- CORREA, Luís Franco. *Cancioneiro de Luís Franco Correa – 1557-1589*. Edição facsimilada. Lisboa, Comissão Executiva do IV Centenário da publicação de “Os lusíadas”, 1972.
- COUTINHO, Dom Gonçalo. *Discurso da jornada de D. Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1629.
- FERNANDES, Diogo. *Terceira parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra na qua lse tratam as grandes cauallarias de seu filho o Principe Dom Duardos segundo, & dos mais Principes, & caualleiros que na Ilha deleytosa se criarão. e Quarta parte da Chronica de Palmeirim de Ingalatera; onde se contão os feitos do valeroso Principe o segundo Dõ Duaros seu filho; & dos famosos Principes; Vasperaldo, Primalião, & Laudimante, & de outros grandes caualleiros de seu tempo*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1604
- GÓNGORA, Luis. *Obras poéticas de Luis de Góngora*. New York: The Hispanic Society of America, Tomo I, 1921, p. 204-206.
- Historia da muy notauel perda do Galeão grande sam João. Em q se contam os innumeraueis trabalhos e grandes desauenturas q aconteceram ao Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda. E o lamentauel fim q elle e sua molher e filhos e toda a mais gente ouuerão. O qual se perdeo no anno de M. D. LIJ. a vinte e quatro de Junho, na terra do Natal em xxxj. graos*
- LOBATO, Baltasar Gonçalves. *Quinta e sexta parte de Palmeirim de Inglaterra. Chronica do famoso Principe Dom Clarisol de Bretanha, filho do Principe dom Duardos de Bretanha, na qual se cõtão suas grandes cauallarias, & dos principes Lindamor, Clarifebo, & Beliandro de Grecia, filhos de Vasperaldo, Laudimãte, & Primalião, & de outros muitos principes, & caualleiros famosos de seu tempo*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1602
- MIRANDA, Francisco Sá. de *As obras do doutor Francisco de Saa de Miranda*. Lisboa: A custa de Antonio Leite, 1677.

MUNDAY, Anthony. *The third and last part of Palmerin of England. Enterlaced with the loves and fortunes of many gallant Knights and Ladies: A historie ful of most choise and sweet varietie. Written in Spanish, Italian, and French, and translated into English bu A. M. one of the Messengers of her Maiestie Chamber.* London, Printed by I. R. for William Leake, at the signe of the Greyhound in Paules Church-yard, 1602.

Palmerín de Olívía. Edição de Giuseppe di Stefano. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2004.

Platir. Ed. de Maria Carmen Marín Pina. Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1997 (Libros de Rocinante, 1)

ROSEO, Mambrino. *Libro de i valorosi cavalieri Palmerino d'Inghilterra, e Floriano su fratello. Dove si trattano insiemi le valorose imprese de Primaleone secondo, e di molti altri giovani cavalieri, con molte strane aventure, e mirabili successi e stratageme nom mai piu intese.* Novamente tradotto di Spagnuolo in Italiano. Con privilegio. In Venetia, apresso Francesco Portonaris da Trino, 1559.

VEGA CARPIO, Lope Felix de. *Colección de las obras sueltas, assi en prosa, como en verso.* Madrid: Imprenta de Don Antonio de Sancha, tomo XVII, 1728, p.403.

Estudos gerais:

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA. *Boletim da segunda classe. Actas e pareceres. Estudos, documentos e notas.* Volume V. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1912, p. 65-68.

AGUILAR PERDOMO, María del Rosario. Las doncellas seductoras en los libros de caballerías españoles. In: *Studia Hispanica Medievalia VI – Actas de las VII Jornadas Internacionales de Literatura Española Medieval.* Letras. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Católica Argentina. n° 48-49 (julio 2003-junio 2004).

. De algunas ordalías amorosas en los libros de caballerías: la aventura de las tres coronas en el *Florambel de Lucea*. In: CARRIZO RUEDA, Sofía M.; LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. *Libros de caballerías. El Quijote. Investigaciones y relaciones.* Letras. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Católica Argentina. Número extraordinario 50-51, julio 2004-junio 2005.

- ALMEIDA, Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e. *Livros portugueses de cavalarias, do Renascimento ao Maneirismo*. Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1998.
- ALPALHÃO, Margarida Maria de Jesus Santos. *O amor nos livros de cavalarias – O Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes: edição e estudo*. Tese de doutoramento. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2008.
- ALVAR, Carlos. El ideal caballeresco de Cervantes y su reflejo en *El Quijote*. In: CARRIZO RUEDA, Sofía M.; LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. *Libros de caballerías. El Quijote. Investigaciones y relaciones. Letras*. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Católica Argentina. Número extraordinário 50-51, julio 2004-junio 2005.
- _____. Raíces medievales de los libros de caballerías. In: *Edad de Oro*. Madrid, v. XXI, 2002, p. 61-84.
- _____. El Quijote en el mundo. Traducciones de los siglos XVII y XVIII. In: *Don Quijote en el campus: tesoros complutenses*. Biblioteca Histórica “Marqués de Valdecilla”. TORRES SANTO DOMINGO, Marta (Org.). Madrid: Universidad Complutense, 2005, p.
- ÁLVAREZ CIFUENTES, Pedro. La Crónica do Imperador Belialandro: una novela inédita. In: *Actas do XIV Congreso de la AHLM*. Murcia: Universidad de Murcia, 2012 (no prelo)
- AMARAL JR., Rubem. *Emblemática lusitana e os emblemas de Vasco Mousinho de Castelbranco*. Introdução, transcrição e arranjo gráfico de Rubem Amaral Jr. Lisboa, Centro de Historia da Universidade de Lisboa, 2005, p.19-20.
- ANDRADE, Maria Cecília Jurado de. Paleografia. In: Eni de Mesquita Samara (Org.). *Paleografia, documentação e metodologia histórica*. São Paulo: Humanitas, 2010.
- Antología de libros de caballerías castellanos*. Coordinación de José Manuel Lucía Megías. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2001
- ARAÚJO, Maria Augusta. “Gravadores estrangeiros na corte de D. João V” In: *Actas do III Congresso Internacional da APHA*, 2006. <www.apha.pt/boletim/boletim4/artigos/AugustaAraujo.pdf>
- ARES MONTES, José. *Góngora y la poesía portuguesa del siglo XVII*. Madrid: Editorial Gredos, 1956.

- ASKINS, Arthur L.-F. The Cancionero "Manuel de Faria" and Ms. 4152 of the BNM. Arthur L.-F. *Luso-Brazilian Review*, Vol. 6, No. 2 (Winter, 1969), pp. 22-43
- AVALLE, D'Arco Silvio. *Principi di Critica Testuale*, Padova: Antenore, 1978.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *Introdução à lírica de Camões*. Lisboa, Biblioteca Breve, v. 122, 1990, p. 101.
- BAUMGARTNER, Emmanuèle. *L'arbre et le pain. Essai sur la Queste del Saint Graal*, Paris: S.E.D.E.S., 1981.
- BEAZLEY, Charles Raymond & PRESTAGE, Edgar. *The chronicle of the discovery and conquest of Guinea*. New York: Burt Franklin, 1896, pp. LXIII a LXVII.
- BLECUA, Alberto. *Manual de Crítica Textual*, Madrid, Castalia, 1983.
- BOGNOLO, ANNA. *Vida y obra de Mambrino Roseo da Fabriano, autor de libros de caballerías*. *eHumanista*: Volume 16, 2010, p. 77-98.
- _____. Il "Progetto Mambrino". Per un'esplorazione delle traduzioni e continuazioni italiane dei *libros de caballerías*. In: *Rivista di Filologia e Letterature Ispaniche*. n° VI, 2003, p.191-196.
- _____. Las novelas de caballerías (1995-99). In: *Actas del V Congreso Internacional de la Asociación Internacional Siglo de Oro (AISO)*. STROSETZKI, Christoph (Coord.). Madrid / Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2001, pp. 215-238.
- Boletim da Segunda Classe. Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. V. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1911, p. 66-68.
- BONILLA Y SAN MARTÍN, Adolfo (1908). *Libros de Caballerías. Segunda Parte. Ciclo de los Palmerines Extravagantes*, Nueva Biblioteca de Autores Españoles, 11, Madrid: Bailly/ Baillièere e hijos, Editores. Reimpresso sob a direção de José Fuente del Pilar, en Madrid, Miraguano, 1979.
- BORREGO GUTIÉRREZ, Esther. "Libros de caballerías y fiestas cortesanas para el recién coronado Felipe IV". In: *Dramaturgia festiva y cultura nobiliaria en el Siglo de Oro*. GARCÍA GARCÍA, Bernardo J.; LOBATO, María Luisa (eds.). Madrid / Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2007, p. 347-383
- BOXER, C. R. An introduction to the *História trágico-marítima*. In: *Miscelânea de estudos em honra do Professor Hernani Cidade*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 1957, p. 48-99.

- BOUZA, Fernando. *Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, S.A., 2001.
- _____. *Hétérographes. Formes de d'écrit au Siècle d'Or espagnol*. Madrid: Casa de Velázquez, 2010.
- BRAGA, Theophilo. *Historia da Litteratura Portugueza. Historia das novelas portuguezas de cavalleria. Formação do Amadis de Gaula*. Porto: Imprensa Portugueza, 1873
- _____. *História da Poesia Portugueza (Escola Italiana) História de Camões. Parte II*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1874, p. 286-295.
- BRANDENBERGER, Tobias. Libros de caballerías y ficción sentimental: el taller de Feliciano de Silva. In: *Revista de Literatura Medieval*, vol XV, 1 (enero-julio, 2003). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2003, p. 55-80
- BURY, Emmanuel; MORA, Francine (Org.). *Du roman courtois au roman baroque*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- CACHO BLECUA, Juan Manuel. Introducción, in: RODRÍGUEZ DE MOTALVO, Garci. *Amadís de Gaula*. 2. ed., Madrid: Cátedra, 1991, vol. 1, p. 19-216.
- _____. El *Quijote* y los libros de caballerías. In: *Don Quijote en el campus: tesoros complutenses*. Biblioteca Histórica "Marqués de Valdecilla". TORRES SANTO DOMINGO, Marta (Org.). Madrid: Universidad Complutense, 2005, pp. 93-119.
- _____. (Org.). *De la literatura caballeresca al Quijote*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007.
- CALIENDO, Luis Claudio Kinker. *Orelhas de elefante, olhos de coruja, dentes de javali: maravilhoso e descritivo e descritivo em Yvain ou le Chevalier au Lion*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FFLCH da Universidade de São Paulo, 2009.
- CARRASCO URGOITI, María Soledad; LÓPEZ ESTRADA, Francisco; CARRASCO, Félix. *La novela española en el siglo XVI*. Madrid: Iberoamericana ; Frankfurt am Main: Vervuert, 2001, p. 75.
- CARREIRA, Antonio. *Luis de Góngora: Epistolario completo*. Concordancias de Antonio Lara. Lausana, Sociedad Suiza de Estudios Hispánicos (Hispanica Helvetica 11), 1999.
- CARRILLO CALDERERO, Alicia. *Compendio de los muqarnas: génesis y evolución (siglos XI-XV)*. Córdoba, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba. 2009

- CASTRO, Ivo José de. Matéria de Bretanha. In: *História e Antologia da Literatura Portuguesa. Séculos XIII-XIV*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1997, p. 16-20.
- _____. Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da Post-Vulgata. In: *Boletim de Filologia (Miscelânea Rodrigues Lapa)*, XXVIII, 1983, p.81-98.
- _____. *Livro de José de Arimateia (Estudo e Edição do COD. ANTT 643)*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa, 1984.
- _____. Filologia. In: *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, 2, Lisboa: Verbo, 1995.
- _____. Sobre a edição do Livro de José de Arimateia. L. Curado Neves, M. Madureira, & T. Amado eds. *Matéria de Bretanha em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 2002, p. 59-68.
- CHIESA, Paolo. *Elementi di Critica Testuale*, Bologna: Pàtron, 2002.
- CHORA, Ana Margarida. *Lancelot*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. *Do Barroco. Ensaios*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1974.
- CURTO, Diogo Ramada. Littératures de large circulation au Portugal (XVI^e-XVIII^e siècles). In: *Colportage et lecture populaire imprimés de large circulation en Europe XVI-XIXe siècles*. CHARTIER, Roger; LÜSEBRINK, Hans-Jürgen (Org.). Paris: Imec Éditions / Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1996.
- CUVELIER, J. e JADIN, L. *L'ancien Congo dans les archives romaines (1518 - 1640)*. Bruxelles: Academie royale des sciences coloniales, 1954, p.8-14, 415-417.
- DEMATTE, Claudia. Instancias autoriales en los prólogos de los libros de caballerías. In: *Actas del V Congreso Internacional de la Asociación Internacional Siglo de Oro (AISO)*. STROSETZKI, Christoph (Coord.). Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, 2001, p. 415-421.
- GARCÍA GARCÍA, Bernardo J. y María Luisa LOBATO, coords. *Dramaturgia festiva y cultura nobiliaria en el Siglo de Oro*. Madrid / Frankfurt am Main, Iberoamericana / Vervuert, 2007.
- EISENBERG, Daniel. Un barbarismo: libros de caballería. In: *Thesaurus*, v. 30, 1975, p. 340-41.

- _____. *Estructura y técnicas de la novela sentimental y caballeresca*. By Armando Durán. Gredos, Madrid, 1973. 182 pages. In: *Hispanic Review*, v. 43, 1975, p. 425–29.
- _____. Walker, Robert M. *Tradition and Technique in El Libro del Cavallero Zifar*. In: *Hispania* (la norteamericana, no la española), v. 59, 1976, p. 543–44.
- _____. More on libros de caballería y libros de caballerías. In: *La Corónica*, 5.2, 1977, p. 116-18.
- _____. *Romances of Chivalry in the Spanish Golden Age*. Newark, Delaware: Juan de la Cuesta-Hispanic Monographs, 1982.
- _____. The chivalric university. In: *Journal of Hispanic Philology*, v. 6, 1982, p. 177–78.
- _____. Two Letters to Editors: On Footnotes, On Chivalry. *Journal of Hispanic Philology*, v. 10, 1986, p. 199-201.
- _____. El problema del acceso a los libros de caballerías. In: *Insula*, nº 50 (5-7), Aug.-Sep., 1995, pp. 584-585.
- _____. Inexactitudes y misterios bibliográficos: las primeras ediciones de *Primaleón*. In: *Scriptura*, Lérida, Spain, v. 13, 1997, p. 173-78.
- _____. Estado actual del estudio de los libros de caballerías castellanos. Comunicação no *IV Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*, Lepanto (Náfpaktos, Grecia), 5 de octubre, 2000. Palma, Universitat de les Illes Balears, 2001.
- EISENBERG, Daniel; MARÍN PINA, Maria Carmen. *Bibliografía de los libros de caballerías castellanos*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2000.
- FARAL, Edmond. *Sources latines des contes et romans courtois du moyen âge*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1913.
- FENLON, Iain. *Early Music History. Studies in Medieval and Early Modern Music Volume 18*. Cambridge: University of Cambridge, 2009, p. 83-86.
- FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. *Crônica de D. Duardos (Primeira parte) - Cód. BNP 12904 - Edição e estudo*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa da FFLCH da Universidade de São Paulo, 2006.

- _____. Tradição Manuscrita da *Crônica de D. Duardos I*. In: *Filologia e Linguística Portuguesa* (Universidade de São Paulo), v. 10-11, 2008, p. 365-407.
- _____. As Continuações Manuscritas do *Palmeirim de Inglaterra*. In: *Actas del XIII Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Valladolid, 15 a 19 septiembre 2009)*. Valladolid: Universidad, 2010, p. 749-760.
- _____. Heranças Cavaleirescas: o *Palmeirim de Inglaterra* e seus Antecedentes. In: *Atas do Congresso sobre Matéria Cavaleiresca*. São Paulo: Ateliê, 2012, (no prelo).
- FIGUEIREDO, Fidelino. *Historia da litteratura classica: 2ª epocha – 1580-1756*. Lisboa: A. M. Teixeira, 1922.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *A novelística portuguesa do século XVI*. Trad. Carlos Moura. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.
- FRUTUOSO, Gaspar. *Saudades da terra: livro III* (Palavras prévias de João Bernardo de Oliveira Rodrigues; Notícia biográfica por João de Simas) Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.
- GAILLARD, Claude. *Le Portugal sous Philippe III d'Espagne*. Grenoble, Université des Langues et Lettres, 1982, *apud* GAILLARD, Claude. Un inventario de las poesías atribuidas al conde de Salinas. In *Criticón*, número 41, 1988.
- _____. Un inventario de las poesías atribuidas al conde de Salinas. In *Criticón*, número 41, 1988.
- GALVES, Charlotte, Helena BRITTO & M. Clara Paixão de SOUSA. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4-1, 2005.
- GUMPERT MELGOSA, Carlos. La *Historia del emperador Carlomagno* como fuente de Cervantes. In: *Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica*, nº 7 – 73-81. Madrid, Editora Universidad Complutense Madrid, 1987, p. 73.
- Historia Annual, chronologica, e politica do mundo, e especialmente da Europa, etc. Parte sexta*. Impressa na oficina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Majestade, ano 1720.

Index das notas de varios tabelliães de Lisboa, entre os annos de 1580 e 1747: subsidios para a investigação historica em Portugal. Biblioteca Nacional de Lisboa. Lisboa : B.N.L., 1930.

Journal Étranger. Paris, chez Michel Lambert, Libraire, Juin, 1757, p . 76.

KRUEGER, Roberta L. (Org.). *The Cambridge Companion to medieval romance.* Cambridge : Cambridge University Press, 2000.

LANCIANI, Giulia. La matrice letteraria dei resoconti portoghesi di naufragio dei secoli XVI-XVII. In : *Romanica Vulgaria. Quaderni (1).* Roma: Japadre Editore, 1979, p. 51-65

LE GOFF, Jacques. *Héros & merveilles du Moyen Âge,* Paris, Seuil, 2005.

LEITE, António Pedro de Sousa. O retrato de Camões da colecção do professor Gonçalves Rodrigues e o problema de D. Gonçalo Coutinho. In: *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo.* nº 33/34 – IV Série – março/junho de 1970, Lisboa, p. 77-85.

LORENZO GRADÍN, P./ SOUTO CABO, J. A. (Eds) *Livro de Tristan e Livro de Merlin.* Estudio, edición, notas e glossario, Santiago de Compostela, Centro Ramón Piñeiro, 2001.

LOSADA GOYA, José Manuel. *Bibliographie critique de la littérature espagnole en France au XVII^e siècle.* Genève, Librairie Droz S.A., 1999, p. 28.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. “Libros de caballerías manuscritos”, in *Voz y Letra*, VII/II, 1996, p. 61-125.

_____. Libros de caballerías impresos, libros de caballerías manuscritos (algunas observaciones sobre la recepción del género editorial caballeresco). In: BELTRÁN, Rafael (Ed.), *Literatura de caballerías y origen de la novela.* Valencia: Universitat de València, 1998, pp. 318-321.

_____. (Coordenador) *Antología de libros de caballerías castellanos.* Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2001.

_____. Sobre torres levantadas, palacios destruidos, insulas encantadas y doncellas seducidas. De los gigantes de los libros de caballerías ao *Quijote.* In: *Fantasia y literatura en la Edad Media y los Siglos de Oro.* SALVADOR MIGUEL, Nicasio; LÓPEZ-RÍOS, Santiago; BORREGO GUTIÉRREZ, Esther. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vevuert, 2004, p. 235-258.

- _____. Los libros de caballerías y la imprenta. In: *Amadís de Gaula, 1508: quinientos años de libros de caballerías*, Lucía Megías, José Manuel (coord.). Madrid: BNE-SECC, 2008.
- _____. *Aquí se imprimen libros: la imprenta en la época del Quijote*. Madrid, Ollero & Ramos / Ayuntamiento de Madrid, 2005.
- LUND, Christopher C. *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista e historias e ditos galantes que sucederaõ e se disseraõ no Paço. Contendo matéria bibliográfica inédita de Luís de Camões e outros escritores do século XVI*. Leitura do texto, introdução, notas e índices por Christopher C. Lund. Coimbra, Livraria Almedina, 1980.
- MARÍN PINA, María Carmen. Los libros de caballerías castellanos. In: *Amadís de Gaula, 1508: quinientos años de libros de caballerías*, Lucía Megías, José Manuel (coord.). Madrid: BNE-SECC, 2008.
- _____. La historia y los primeros libros de caballerías españoles. In: PAREDES, Juan (Ed.). *Medioevo y literatura. Actas del V Congresso de la AHLM*. Granada: Universidad de Granada, v. III, 1995, p. 183-192.
- _____. *Páginas de sueños. Estudios sobre los libros de caballerías castellanos*. Zaragoza, Institución “Fernando el Católico”, 2011.
- _____. Aproximación al tema de la *virgo bellatrix* en los libros de caballerías españoles. In: *Criticón*, v. 45, 1989, p. 81-94.
- _____. El tópico de la falsa traducción en los libros de caballerías españoles. In: *Actas del III Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Salamanca, Tomo I, 1994.
- _____. Nuevos datos sobre Francisco Vásquez y Feliciano de Silva, autores de libros de caballerías. In: *Journal of Hispanic Philology*. v. XV, nº 2, winter 1991, p. 117-130.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Presença, v. II, 13ª ed., 1998, p. 172-175.
- MATIAS, Elze Maria Vonk. *As academias literárias portuguesas dos séc. XVII e XVIII*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, 1988.

- MELLO, Francisco Manuel de. *Apólogos dialogaes*. Lisboa: Biblioteca de Clássicos Portugueses, V. II, 1900, p. 128-130.
- MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e. *O Papel como elemento de identificação*, Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926
- MOISÉS, Massaud. "A novela de cavalaria no Quinhentismo Português", in *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, nº 218, São Paulo, 1957.
- _____. A novela de cavalaria portuguesa (Acheva bibliográfica), in *Revista de História*, São Paulo, vol. XIV, ano VII, nº 29, Janeiro-Março 1957, p. 47-52.
- MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. *Clarimundo e a épica de João de Barros*. Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982.
- MUHANA, Adma. *A epopéia em prosa seiscentista: uma definição de gênero*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- NASCIMENTO, Aires A. *O "scriptorium" medieval, instituição matriz do livro ocidental*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1999.
- NEPOMUCENO, Luís André. *A musa desnuda e o poeta tímido: o petrarquismo na arcádia brasileira*. São Paulo: Annablume; Patos de Minas/MG: Unipam, 2002, p. 125.
- NUNES, E. Borges. *Abreviaturas paleográficas portuguesas*. Lisboa, Faculdade de Letras, 1981.
- NUNES, Irene Freire (ed.) *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- OLIVEIRA, António de. *Poder e Oposição Política em Portugal no Período Filipino (1580-1640)*. Lisboa: Difel, 1991, p. 234.
- _____. "Oposição política em Portugal nas vésperas da Restauração". In: *Cuadernos de Historia Moderna. La crisis hispánica de 1640*. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, número 11, número monográfico I, 1991.
- ORDUNA, Germán. *Fundamentos de Crítica Textual*, Madrid: Arco, 2005.
- ORDUNA, Lilia Elda Ferrario de. *Nuevos estudios sobre literatura caballeresca*. Barcelona / Kassel: Edition Reichenberger, 2006.
- _____. Constantes y desvios del paradigma genérico: la literatura caballeresca castellana a mediados del siglo XVI. In: *Actas del V Congreso*

- Internacional de la Asociación Internacional Siglo de Oro (AISO)*. STROSETZKI, Christoph (Coord.). Madrid / Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2001, pp. 540-551.
- OSÓRIO, Jorge Alves. “Um género menosprezado: a narrativa de cavalaria do século XVI” in *Revista Máthesis*, nº 10, Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 9-34.
- _____. Do Cancioneiro “ordenado e emendado” por Garcia de Resende. In: *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XXII, Porto, 2005, p. 303.
- PAGGI, Carlo Antonio. *Lusiada Italiana*. Lisboa, Henrico Valente de Oliveira, 1659.
- PAIXÃO, Rosário Santana. *Aventura e identidade: História fingida das origens e fundação de Portugal*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1996.
- PALLOTTA, Augustus. “Venetian printers and spanish literature in sixteenth-century Italy” in *Comparative Literature*. Duke University Press, University of Oregon. Vol. 43, nº 1 (Winter, 1991), p. 20-42.
- PALMA-FERREIRA, João. *Novelistas e contistas portuguesas dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.
- _____. *Novelistas e contistas portuguesas do século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- _____. “Narrativa de ficção em Portugal do século XVI ao Barroco”, in *Temas de Literatura portuguesa*. Lisboa, Editorial Verbo, 1983.
- PATCHELL, Mary. *The Palmerin romances in elizabethan prose fiction*. New York: Columbia University Press, 1947.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. "Proto-história dos Palmeirins: a corte de Constantinopla do Cligès ao Palmerín de Olívia”, in: *A lição do texto: filologia e literatura*. Lisboa: Edições 70, 1979, p. 167-206.
- PROKOP, Josef. *Los diferentes conceptos de caballería en el Amadís de Gaula y Las Sergas de Esplandián*. In: [<http://romanistica.ff.cuni.cz/premio/sergas.htm>], 4, 2002. Acessado em 20/11/2011.
- RAMOS-COELHO, José. *O primeiro marquez de Niza. Noticias*. Lisboa: Typ. Calçada do Cabra, 7, 1903.

- RICARD, Robert. *Mazagan et le Maroc sous le règne du Sultan Moulay Zidan (1608-1672). D'après le "Discurso" de Gonçalo Coutinho, gouverneur de Mazagan (1629)*. Paris: Paul Geuthner, 1956.
- RIQUER, Martí de. Una mirada sobre los libros de caballerías. In: *Amadís de Gaula, 1508: quinientos años de libros de caballerías*, Lucía Megías, José Manuel (coord.). Madrid: BNE-SECC, 2008.
- REBELO, Gaspar Pires de. *Infórtúnios trágicos da constante Florinda*. Organização, notas e posfácio de Adma Muhana. São Paulo: Globo, 2006.
- ROUBAUT-BENICHO, Sylvia. *Le roman de chevalerie en Espagne, entre Arthur et Don Quichotte*. Paris: Honoré Champion, 2000.
- ROMERO, Nanci. O fragmento de Évora da *Crônica do Imperador Beliadro*. In: *VII Jornada Nacional de Filologia*. Niteroi: Universidade Federal Fluminense, 2011. http://www.filologia.org.br/vii_jnf/resumos/o_fragmento_de_evora_NANCI.pdf
- _____. *Crônica do Imperador Beliadro de Grécia ou História Grega do Imperador Beliadro: uma revisão dos manuscritos*. In: *Atas do Congresso sobre Matéria Cavaleiresca*. São Paulo: Ateliê, 2012, (no prelo).
- _____. *Crônica do Imperador Beliadro de Grécia ou História Grega do Imperador Beliadro: uma proposta de estema*. In: *Actas do XIV Congreso de la AHLM*. Murcia: Universidad de Murcia, 2012, (no prelo).
- RUAS, João (Org.). *Manuscritos da Biblioteca de D. Manuel II*. Casa de Massarelos, Caxias, Fundação da Casa de Bragança, 2006.
- LÓPEZ-SALAZAR CODES, Ana Isabel. O Santo Ofício no tempo dos Filipes: transformações institucionais e relações de poder. Disponível em: http://www.uc.pt/chsc/rhsc/rhsc_9/ailsc
- SALES DASÍ, Emilio José. *La aventura caballeresca: epopeya y maravillas*. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2004.
- _____. Los libros de caballerías por dentro. In: *Amadís de Gaula, 1508: quinientos años de libros de caballerías*, Lucía Megías, José Manuel (coord.). Madrid: BNE-SECC, 2008, p.197-242
- SPINA, Segismundo e CROLL, Morris W. *Introdução ao maneirismo e à prosa barroca*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

- SPINA, Segismundo. *A poesia de Gregório de Matos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p.150.
- SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio: Lucerna, 2004.
- STUSSI, Alfredo. *Introduzione agli studi di Filologia Italiana*. Bologna: Il Mulino, 2007
- TAVORA, Jeronymo Tavares Mascarenhas. *Folhetos de ambas Lisboas*. Reservado 113 V da Biblioteca Nacional de Portugal.
- THOMAS, Henry. *Las novelas de caballerias españolas y portuguesas*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952.
- TRINDADE, Luiz. *Catalogo da livraria do fallecido distinto bibliographo e bibliophilo José Maria Nepomuceno. Catalogo nº 46, Leilão nº 24, sob a direcção de Francisco Arthur da Silva*. Lisboa, Empreza Editora de Francisco Arthur da Silva, 1897.
- VALDALISO CASANOVA, Covadonga. Da cronística medieval como obra literária y la literatura medieval como fuente histórica. In: *Actas do Colóquio – Literatura e História*. Lisboa, Universidade Aberta, 2002, p.115-125.
- VALERO MORENO, Juan Miguel. Escribir, leer, poseer libros de caballerías: en torno a *Claribalte*. In : *Romance Philology*. Bélgica, Volume 58, nº 2, 2005
- VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio. *Estudio y edición crítica del Leomundo de Grécia, de Tristão Gomes de Castro*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2007. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Filología Románica, Filología Eslava y Lingüística General da Universidad Complutense de Madrid.
- _____. Palmerín de Inglaterra. In: *Gran Enciclopedia Cervantina*, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2005.
- _____. Os livros de cavalarias renascentistas nas Histórias da Literatura Portuguesa. In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Nº 3, Porto, Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 233-247.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Da litteratura dos livros de cavallarias*. Viena : Imprensa do Filho de Carlos Gerold, 1872.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis. *Romances velhos em Portugal*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1980, p. 236-237.

- ZINK, Michel. *Poésie et conversion au Moyen Âge*. Paris, Presses Universitaires de France, 2003.
- ZUMTHOR, Paul. "Du roman à la nouvelle", in *Essai de Poétique Médiévale*. Paris, Seuil, 1972, p. 339-404.

Obras de referência

- BARBOSA MACHADO, Diogo e Bento José de Sousa Farinha. *Summario da Bibliotheca Lusitana*. Tomo II. Lisboa: Officina de Antonio Gomes, 1786, p. 176
- BARRETO, João Franco. *Bibliotheca Lusitana*. Cópia xerográfica do manuscrito da Casa de Cadaval, existente na sala de reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, fl. 531r a 532r.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.
- BRIQUET, Charles Moïse. *Les Filigranes: Dictionnaire Historique des Marques du Papier dès Leur Apparition vers 1282 jusqu'en 1600*. Ed. Allan Stevenson. 4 vols. Amsterdam: Paper Publications Soc., 1968.
- Catalogo dos preciosos manuscriptos da bibliotheca da casa dos marquezes de Castello Melhor*. Lisboa: Typographia Universal, 1878.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira, 1ª edição, Rio de Janeiro, 1988.
- GAYO, Felgueiras. *Nobiliário de famílias de Portugal*. Agostinho de Azevedo Meirelles, Domingos de Araújo Affonso. 17 volumes. Braga: Pax, 1938-1941.
- HIERSEMANN, Karl Wilhelm. *Katalog 330. Manuscripte des Mittelalters und späterer Zeit Einzel-Miniaturen. Reproduktionen*. Leipzig: Karl W. Hiersemann Buchhändler und Antiquar, 1906.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz*. Na Typographia de Silva, 1832.
- SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito*

acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo III. Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p. 155.

SOUSA, D. António Caetano de. *História genealógica da casa real portuguesa*. Nova edição revista por ALMEIDA, M. Lopes de; PEGADO, César. Coimbra: Atlântida, 1953.

TAVANI, Giuseppe. Edição Crítica. In: *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

Anexos

Poemas em louvor a Dom Gonçalo Coutinho.

In: CAMÕES, Luís de. *Rhythmas: divididas em cinco partes de Luis de Camões*. Lisboa: Manoel de Lyra, à custa de Estêvão Lopez, 1595.

Ad Dominum Gondisaluum Coutignum, f. 4v

*Nominibus gentis, donis, Coutigne, Minervae,
Nobilitatis honos, Pieridumque decus.
Victa situ in tenebris Camonii Musa jacebat,
quo [quod] nihil in toto grandius orbe sonat.
Per te squalentem cultum deponit et audet
obsita Lysiacae plectra ferire Lyrae.
Ac velut Orphaeo revocasti munere [numere] amicum,
Orphaeus existet nominis ille tui.
Sic vos alterno vivetis munere, et Orpheus
alter erit Musae, nominis alter erit.*

De Luís Franco

Soneto, f. 5

*Sopra la polve, e l'ossa regnar morte
potrá, e nei mortali aver l'impero,
e sepellir il nome al nuovo Homero,
e negarli il sepolcro l'empia sorte*

*Però la fama del morir piú forte
lo rese chiaro all'uno e altro hemisfero,
U' regna Febo, e ove il popol piu fiero
Habita Hircânia, Cítia, e Caspie porte.*

*Di Gonzalo merce gentil Coutigno,
Per muse illustre, e arme, e avi illustri,
Ch'al Camões nella morte fu Mecena.*

*Per cui Fenice egli rinasce, e un cigno,
per cui vivrá nel mondo mille lustri
La sua dolce, e altissona camena.*

Carta de Diogo Bernardes a Dom Gonçalo Coutinho

In: BERNARDES, Diogo. *O Lyra*. Lisboa, Simão Lopez Mercador de Livros, 1596.

Carta XXVII

A Dom Gonçalo Coutinho, estando em ãa sua quinta, que chamam dos Vaqueiros.

Senhor, se pretendera acreditar-me,
 Invocara favor de Calíope
 Neste familiar e amigo carne.
 Mas pouco me dá já que muitos tope
 Que digam qu'inda menos sei de rima
 Do que de Grego sabe um etíope.
 Nunca d'escuros versos fiz estima,
 Sempre (porque m'entendam) falo claro
 Preze-se quem quiser de ser enima.
 Queria, a poucas voltas dar no faro,
 Da sentença que jaz no verso inclusa
 Qu'ó muito rastejar custa-me caro.
 Aquela é mais fermosa e rica Musa
 Que sempre nas figuras e palavras
 Conforme ao sojeito e uso, usa.
 Está tão mal a um pastor de cabras
 Tratar d'estrologia e medecina,
 Como a um grande rei de gado e lavras.
 Eu sei algũs que mostrar doutrina
 Sem goardarem decoro, se desviam
 De quanto a experiênciã e arte ensina.
 Estes e os que de si tanto se fiam
 Que não admitem bom juízo alheo
 O castigo de Mársias mereciam.
 Os versos destes taes sorve o Leteo,
 Ou vêm a embrulhar drogas de tenda
 Como também dos meus inda receo.
 Quem se teme de si, quem sofre emenda
 Não tem de que temer, nem dá motivo
 Que nele ache a malícia que reprecenda.
 Deixa depois de morto, nome vivo,
 E orna seus escritos de brandura
 Com ser contra si mesmo duro e esquivo
 O tempo o mau descobre, o bom apura,
 Õas cousas reprova, outras inventa,
 O que vai devagar mais se segura.
 Quem tanto dos seus versos se contenta
 Que cuida que não há qu'emendar neles
 Afronta, a suas faltas, acrescenta.
 A porta punha o celebrado Apeles
 Do seu ingenho raro, os partos belos
 Não fiando de si a emenda deles.
 Eu li já versos que pera entendê-los
 Compria ser Merlim, o nigromante
 Ou andar com Apolo aos cabelos.

*E outros tão pesados qu'Atalante
 Não poderá soste sós dous tercetos,
 E com três não dará passo adiante.*

*Eu, senhor, já podera ter bisnetos
 Depois que comecei a fazer trovas,
 E inda bem não caio nos sonetos.*

*E vejo muitos qu'inda as penas novas
 Com que saem do ninho, não mudaram
 E querem de poetas fazer provas.*

*Por isso nas empresas que tomaram
 Tão fraca e friamente procederam
 Qu'em vez d'honra ganhar se desonraram.*

*Se também estes anos responderam
 Com nossos necessários mantimentos
 Como em dar poetas floreceram.*

*Eu me rira de ter requerimentos
 Que fazem ser um homem chocarreiro
 E causam outros mil abatimentos.*

*Um asno carregado de dinheiro
 Trepá por onde quer, acaba tudo,
 E não acaba pouco o lisonjeiro.*

*O pobre virtuoso e o sesudo
 Perca (do que merece) a saudade,
 E tome a paciência por escudo.*

*Ah, quem me dera agora a liberdade
 Que tive noutro tempo, noutro estado,
 Pera poder falar mais à vontade.*

*Mas pera quê? Já estou certificado
 Que certos desenganos pouco prestam
 Com quem não quiser ser desenganado.*

*Reprensões e verdades que molestam
 Basta serem tocadas de passage
 Por qu'inda muito assi nos manifestam.*

*Por tanto mudo aqui a lingoage
 A vida que escolhestes aldeã
 Que faz a esta de cá muita ventage.*

*Aí mais cedo vedes a manhã
 Que bela em Oriente se levanta
 Vestida d'ouro e azul, de neve e gram.*

*Aí o roussinol mais doce canta,
 E as mais aves livres de senhores
 Mais ledas voam, d'ũa, em outra planta.*

*Aí s'alegra a vista com as flores
 Que tem a verde relva matizada
 De novas, naturaes alegres cores.*

*Aí no ramo a fruta pendurada
 O gosto vos desperta e vos convida*

Não colhida sem tempo, nem comprada.
Aí honra não há que vos empida
Sair de casa só desafeitado,
Nem moço que murmure e sempre pida.
Aí cada manhã não sois filhado
Do mercador, do xastre e calceteiro
Que na cama vos tinham emprazado.
Aí cada somana o sapateiro
A vossa própria pele não esfola
A troco da de bode ou de carneiro.
Aí não encontrais com mariola
Que depois que vos moe, vos diz, goarda,
Nem anda o pé por lamas em qu'atola.
Aí basta vestir de roupa parda
E servir de rocim galego ou macho,
Ora posto de sela, ora d'albarda.
Aí não rabeaes aos do despacho
Que vos levam trás si, sem vos dar vento;
E nisto também eu a mi me tacho.
Aí (segundo meu entendimento)
De mais alegre vida vos lograis
Que quantos dela têm contentamento.
Aí quando quereis caçar, caçais
Pega com gavião, com galgo lebre,
A poucos passos que pelo campo dais.
Aí pouco vos dá que as pazes quebre
O califa d'Egito e o Saladino,
Nem que o Preste João moura de febre.
E menos que Reinaldos Paladino
Vá por amor d'Angélica la bella
A Serra d'Ossa, a se meter biguino.
Aí sem passar mar, nem mudar sela
Vereis pintado o mundo, ou por escrito
Em Plínio, Tolomeu, Pompônio Mela.
Aí não vos abrange o entredito
Que pôs Rabi Azar em Babilônia
Porque largou Granada el Rei Chiquito.
Aí viveis enfim sem cerimônia
E ledes (sem estorvo) um dia todo
Sem vos ser necessária Selidônia.
Cartas, e dados vão-se pôr de lodo,
Ou vão-se aposentar cos do contrato.
Que trazem o dinheiro em casa a rodo.
Aí não da ribeira, mas do mato
Vos trazem perdigões e laparinhos,
O cabrito de mama, o tenro pato.
Trazem-vos desparrela passarinhos

*E rolas amarelas de gordura
 O criados de casa e os vezinhos.
 Faltam-vos 'i perus, pola ventura?
 Bem sabem nesta casa como sabem
 Onde a lembrança em vez de gosto dura.
 O azeite por mais que vo-lo gabem
 Declaro, e de louro e de gostoso
 Muito mores louvores nele cabem.
 Também 'i tendes trigo espantoso
 Segundo ouço dizer, que de certeza
 Não sei se faz pão feo, se fermoso.
 Foi liberal em tudo a natureza
 Co essa vossa quinta dos Vaqueiros
 E deu-lhe inda convosco mor riqueza.
 Um gabo m'esquecia dos primeiros
 Que lhe podera dar, pera trofeo
 Dos mais louvores seus bem verdadeiro:
 E é que tal licor lhe deu Lio
 Que não somente alegre ã'alma aflita
 Mas anticipa o plácido Morfeo.
 Aí (que seja sempre, o ceo permita)
 Pera vos ocupardes no divino
 O monte, o vale, o bosque vos incita.
 Incita-vos o rio cristalino
 A planta, a flor, o bicho, o passarinho
 E a fonte, que murmura de contino.
 E tendes o Egito por vezinho
 Onde podeis gostar celeste sumo
 No pobre e penitente capuchinho.
 Finalmente, senhor, que me resumo
 Qu'outra vida não há que melhor seja
 Posto que a todas vou lançando o prumo.
 Quem a pode lograr que mais deseja?
 A que mando, a que mitra, a que coroa,
 A que cousa do mundo tem inveja?
 Do mal aí mais tarde a nova soa,
 Do bem, 'i vo-la manda o bom amigo
 Ou seja de Madrid ou de Lisboa.
 Õa e outra vez afirmo e digo
 Que na vida do campo corre a vida
 E a alma também menos perigo.
 Soberba não é vista, nem ouvida
 Entre simples e humildes lavradores,
 Nem falsa hipocresia conhecida.
 Não trazem entre si aduladores
 Que por proveito seu e alheio dano
 Sempre ao gosto falam dos senhores.*

*Aí não tem lugar o falso engano
 Em escrituras, tratos e distratos,
 Em ouro e prata, nem em seda e pano.
 Aí em vãos sobejos aparatos
 Não gastam o que tem e o que não tem,
 E apelar depois para Pilatos.
 Enfim, Senhor, vós escolhestes bem,
 Seja por ãa via ou por outra via
 Tal vida, por agora, vos convém.
 Concede-vos aí a noite e o dia
 Branda conversação, casta e suave
 Com vossa bela esposa em companhia.
 Ela do peito seu vos deu a chave,
 Vós lha destes também do peito vosso.
 E assi não tem amor de que s'agrave.
 Ah, senhor Dom Gonçalo, que não posso
 Tratar desta matéria como devo
 Tal ando eu, tal anda o tempo nosso.
 Este em qu'estes versos vos escrevo
 A negócios, qu'importam, fui roubando
 Por eles ser mais largo não m'atrevo,
 State sano, a Dio vi ricomando.*

Poemas de Diogo Bernardes (em itálico) e de Dom Gonçalo Coutinho

In: BERNARDES, Diogo. *Rimas varias, Flores do Lima*. Lisboa, Manuel de Lyra, 1597.

Sextina a um amigo

*Se pretendeu, senhor, do louro verde
 O prêmio alcançar da mão de Febo,
 No fresco Pindo celebrado monte,
 Não deixeis de seguir pelo caminho
 Que começastes, com louvor das Musas,
 Que tudo vence um valeroso peito.*

*Em ócio vil, um grande e forte peito
 Passar não deixa a sua idade verde:
 Querem trabalho e tempo as altas Musas,
 Não se descobre sempre a luz de Febo,
 Pouco a pouco se mostra o bom caminho
 Por antre as brenhas do cerrado monte.*

*Ora no fundo rio, ora no monte,
 Mil vezes acontece dar de peito
 O que cuida que vai por bom caminho,*

*Direito e chão pisando a relva verde:
Mas logo (a quem não volta) mostra Febo
Seguro passo, com favor das Musas.*

*Não entendam de vós a brandas Musas
Que tudo vos parece áspero monte,
Por onde vos obriga a subir Febo,
Não entre tal receo em vosso peito,
Qu' em frescos troncos acha-se erva verde,
Sombras e fontes no pior caminho.*

*Ponde os olhos no fim deste caminho,
Vereis no cabo dele estar as Musas,
Junta da clara fonte em prado verde
Na mais alegre parte do seu monte,
Soltando doces versos do seu peito,
O som da lira suave Febo.*

*Segui, senhor, segui o brando Febo,
Pois sempre vos guiou por bom caminho,
Inspirando de novo em vosso peito
Segredos altos, que convêm às Musas,
Pera vos dar capela no seu monte,
Da sua (que foi Ninfa) planta verde.*

*Ora seco, ora verde, o seu caminho
Nos mostra Febo, cumpre firme peito
Pera das Musas cultivar o monte.*

Reposta pelas mesmas palavras.

Como posso eu deixar do louro verde,
O prêmio conseguir, ó novo Febo,
Se vós me dais a mão pera ir ao monte,
Do qual nunca acertar soube o caminho?
Como com guia tal, as brandas Musas
Me não descobrirão todo o seu peito?

Já crescer, senhor, vejo no meu peito
Com tal conselho ãa esperança verde
De poder alcançar das brandas Musas
E da mão fecundíssima de Febo
Favor, com que acertar possa o caminho
Do seu tão celebrado e rico monte.

Confesso qu'até 'gora tive um monte
 D'inconvenientes mil dentro do peito
 Que me dificultavam o caminho,
 Que tem no cabo aquela planta verde,
 Que se regou com lágrimas de Febo
 E qu'ornamento é rico das Musas.

Algum tempo tentei haver das Musas
 Licença pera ir ver o fresco monte,
 Onde os segredos seus tratam com Febo,
 Mas inda este desejo no meu peito,
 Senhor, estava quasi em erva verde,
 Quando o cortou o medo do caminho.

Pus os olhos em qual era o caminho
 E na conta que s'hoje faz das Musas,
 E co isto enfreei da idade verde
 O apetite, qu' é maior que um monte,
 Quando acerta a crescer dentro d'ũ peito
 Onde nunca chegou a luz de Febo.

Mas, pois, me tira o medo o louro Febo
 Neste vosso conselho, do caminho
 Qu'o sangue me esfriou dentro no peito
 Já por trabalho algũ, nunca das Musas
 Deixarei de seguir em vale ou monte,
 O exercício, em praia ou relva verde.

E ou verde ou estéril, o caminho
 Me mostre Febo, com seguro peito,
 Das Musas hei de ver (se posso) o monte.

Ao (do) mesmo amigo
Soneto

Armia do meu mal está se rindo,
 Tu Diogo também, segundo vejo,
 E eu estou chorando mais que o Tejo,
 Mais que Ganges, qu'Eufrates, Nilo e Indo

Estou contigo em parte desavindo,
 Pelo que m'escreveste tão sem pejo,
 Em que mostras cuidar que o meu desejo
 Fora d'Armia, mais me está pedindo.

Se tens do meu amor este conceito,
Erraste contra o amor mais firme e puro
Que no mundo se teve a criatura.

Rompe com seixo, amigo, esse teu peito,
Pede perdão da culpa, que eu te juro
Que pode Armia estar de mim segura.

Reposta do autor
Soneto CXXXV

*Como queres, amigo, viver rindo,
S'a tua Armia vir o qu'eu não vejo?
Qual pastor se criou junto do Tejo,
D'Anfriso, Alfeo e Tibre, escuso o Indo,*

*Que não chorasse, andando desavindo
Do seu amor? Que não tivesse pejo,
De nele se criar outro desejo
Que pena e não amor fosse sentindo?*

*Eu nunca de ti tive mau conceito,
Nem tu tens por que deixes de ser puro,
Amando o criador na criatura:*

*Armia reine só nesse teu peito,
Pois tu reinas no seu, porque te juro
Que fora disto não há cousa segura.*

Ao mesmo amigo
Soneto CXXXVI

*Entr'ondas de Neptuno que bramia,
Al aire d'alta niebla oscuro, y ciego,
Cantaste dulce amigo, ardiendo en fuego
Las soledades de tua cara Armia.*

*Como si recliná en sombra fría
Riberas del claro Tejo o de Mondego,
En ocio estuvieras con sosego,
Con hermanas de Febo en compañía.*

*Qual blanco cisne en aguas sosegadas,
O qual en tempestad dulce Sirena
Canto soltó jamas tan amoroso,*

*Dichosa Armia, de tu fuente vena
Y gloria de las Ninfas celebradas
En tierra sea, o sea en mar furioso.*

Reposta
Soneto

Ni ver tal a Neptuno que bramia,
Ni el aire ver d'oscura niebla ciego,
Ni tan espesos raios ver de fuego,
Que arderse el mismo cielo parecia,

De mi pecho quitar pudo la fria
Congoxa triste, y gran desasosiego,
Qu'el ausencia d'Armia (amigo Diego)
Con dura mano en el puesta tenia.

Desto otras tempestades levantadas,
Sintiendo en mi, de mas peligro y pena,
Canto nuevo empecé triste y lloroso,

De cisne no, tan poco di Sirena,
Mas d'entreñas ausentes y apartadas
De su bien, de su amor, de su reposo.

Do mesmo amigo
Soneto

Diogo, amigo meu, meu bom Diogo
Pois d'amor tens cantado variamente,
Ora em estado triste, or'em contente,
Qu'ũ conselho me queiras dar, te rogo.

Abraso-me d'amor em vivo fogo,
E aquilo que mais a alma triste sente,
É ver tão fria a causa do acidente,
Qu'está deste meu mal fazendo jogo.

Dei já de meu amor mil claras provas,
Com lágrimas cem mil tenho lavado
A culpa que me deu a minha Armia.

Estas da vida minha são as novas:
Aconselha-me tu, se neste estado
De meu remédio tenho melhoria.

Reposta do autor
Soneto CXXXVII

*Então deixarei eu de ser Diogo,
 Quando tu me não vires variamente
 Do teu mal triste e do teu bem contente,
 Por isso, amigo meu, escusa o rogo.*

*Tu deves (quanto a mim) sofrer o fogo,
 Que mais penetra n'alma que mais sente,
 Já que de ti nasceo esse acidente
 Qu'agora com rezão te faz mau jogo.*

*Essas lágrimas tuas, essas provas,
 Esse coração teu puro e lavado,
 Deves com tudo o mais à tua Armia.*

*Não cometas de novo culpas novas,
 Que pera se mudar teu triste estado,
 Não te posso mostrar mais certa via.*

Ao mesmo amigo
Soneto CXXXVIII

*Coutinho em tudo puro, em tudo brando,
 E nos amores teus mais brando e puro,
 Que com felice engenho, o pé seguro,
 Moves, pelo Parnaso caminhando:*

*Nos teus versos que li, e fui notando,
 Nenhum disforme achei, nenhũ escuro,
 Nenhum sobejo ou falto, frio ou duro,
 Mercê d'Apolo, que te vai guiando.*

*Por isso não desistas do caminho
 Em que te pôs amor, vontade ou sorte,
 Até passar o seu mais alto cume*

*Onde teu claro nome ao ceo vezinho,
 Não se tema do tempo nem da morte
 Que tudo (sem tal dom) gasta e consume.*

Ao mesmo amigo.
Soneto.

*Tantos dias tão maos, tantos chuveiros
 Des que daqui, senhor, vos ausentastes,*

*Desejo de saber se os passastes,
Na vossa dos Vaqueiros com vaqueiros.*

*Mas se por entre murtas e loureiros,
Só co as brandas Musas conversastes,
Dizei-me quantos versos lá deixastes,
Escritos nas cortiças dos salgueiros.*

*Que bem se deve crer que amor daria,
Matéria saudosa a vosso engenho,
Não vendo a vossa cara e bela Armia.*

*Olhai que pois também do campo venho,
Que na mesma moeda ind'algun dia
Irei pagando o que pedido tenho.*

Poemas de Dom Gonçalo Coutinho

In: CORREA, Luís Franco. *Cancioneiro de Luís Franco Correa – 1557-1589*. Edição facsimilada. Lisboa, Comissão Executiva do IV Centenário da publicação de “Os lusíadas”, 1972.

Armia mia, si te contar pudiese
el mal de que me veo rodeado,
descansaria yo y mi cuidado
y el esperança triste que fenece.

Mas que hara el anima que padece
y va perdiendo el ser que Dios le ha dado,
y fortuna y amor y mas mi hado,
de todos mis placeres la empoblece.

Si desto que aqui ves eres servida
y nadie sino tu puedes librarme,
porque no le hazes, di, fiera leona?

Ora acaba, cruel, mi triste vida,
que con yo morir y tu matarme,
no as de ganar victoria ni corona.

In: *Cancionero. Recopilado por D. Manuel de Faria. Dedicado al conde de Haro en 1666.* – S. XVII. BNM Mss 3992 e *Obras poeticas de diferentes personas. En portugués y en castellano.* BNM Mss 4152. Biblioteca Nacional de Espanha.

Dourava o Sol a nuvẽ, que o cobria
 Opposissão à vista ainda assi dura
 Ó grandes Sacramentos da ventura
 Columnas não não, templo alto do dia

Perdeo tudo o que crendo mereçia
 Na visão breve a minha mente escura
 Que já illustrada a vossa formosura
 Devido culto fica à idolatria

Entre ver, e não ver ó claro rayo
 A duvidosa luz mal divisada
 Levoume de hum crepusculo a outro logo

Causouse de hum desmayo, outro desmayo
 A simplex borboleta já abrazada
 Hidropica inda do furioso fogo.

Ode

In: *Crônica de Dom Duardos (II, 39)*

Forçada obediência
 Sonhe, invente, discorra o entendimento,
 que nunca poderá ter²⁷³ fundamento,
 Que abone a resistência,
 Que fazeis ao preceito e a aspereza,
 Que entoadas²⁷⁴ soe achar nossa fraqueza.

Obedecer é força,
 Mas não o é obedecer forçado,
 Que depois de vos terdes declarado
 Se obedeço por força,
 Mostro em vosso perceito tirania,
 E na minha obediência grossaria.

²⁷³ A: ter / B: achar

²⁷⁴ A: entoadas / B: em todas

Convém obedecermos,
 E pois convém, convém²⁷⁵ que obedeçamos,
 De modo que algũa cousa mereçamos,
 Pelo menos nos termos
 Confirmando²⁷⁶ a vontade com a vontade,
 A que não é bem mostrar contrariedade.

Mandaste-me,²⁷⁷ obedeço,
 Não quereis que vos veja, não vos vejo.²⁷⁸
 Mas se ficou comigo ainda²⁷⁹ o desejo,
 Que prêmio é o que mereço?
 Antes castigo sim, porque defeito
 É tudo o que respeita a meu respeito.

Ver-vos é glória minha,
 E não vos ver é glória e gosto vosso.
 Inteiramente bem cumprir não posso
 Com a obrigação, que tinha,
 Enquanto não tiver de todo posto
 O que era gosto meu no vosso gosto.

Enquanto a ter não chego
 Por deleitosa a pena de não ver-vos,
 Só pelo bem que tem de obedecer-vos,
 Contra vento navego,
 E não será possível que cheguemos
 A dobrar nunca o cabo dos extremos.

Perturbam-me os sentidos,
 Mas as potências d'alma me defendem.
 A²⁸⁰ mistérios de amor não os compreendem
 Corações abatidos.
 Regula-se a grandeza dos objetos
 Pela grandeza dos seu²⁸¹ efeitos.

Da terra se levantam
 Pela atração do sol corpos pesados,
 Depois noutra substância transformados
 Descem e não nos espantam,

²⁷⁵ A: convem convem / B: convem

²⁷⁶ A: confirmando / B: conformando

²⁷⁷ A: mandaste-me / B: mandastes-me

²⁷⁸ A: vos vejo / B: vejo

²⁷⁹ A: comigo ainda / B: ainda

²⁸⁰ A: a / B: os

²⁸¹ A: dos seu / B: às vezes dos

Antes bem vista a causa se faltara,
Aquele efeito então nos espantara.

No fluxo e no refluxo,
Destas ágoas, que crescem e que decrescem,
A força grande os homens reconhecem
Do poderoso influxo,
Com que a lua governa e senhorea
Estes úmidos corpos,²⁸² que menea.

Nas nossas cousas²⁸³ várias,
Se mostram as influências das estrelas
Não dependemos nós em tudo delas,
Porém se são contrárias,
É cousa perigosa, porque inclinam
De modo, que parece, que dominam.

Quem vê que a borboleta
Com gosto obedecendo à luz, que a²⁸⁴ chama,
A morte vem buscar na ardente chama!
A virtude secreta
Da natureza logo ali compreende
Mais misteriosa quanto mais ofende.

Com tanta pressa corre
Buscando a ágoa do mar a ágoa do rio,
Que não sei se é obediência,²⁸⁵ ou desafio,
Mas o certo é que morre
Por chegar a morrer com tanta pressa
Que gosto na obediência se conheça.

E pois criaturas rudas
Do natural impulso só levadas
Vêm²⁸⁶ contra si a obedecer, mandadas
Por ãas vozes mudas,
Que muito que quem mais de²⁸⁷ rezão sente
viva e morra com gosto obediente?

Se só por ser mandado
Vos devo obedecer, ao²⁸⁸ que vos devo,

²⁸² A: corpos / B: campos

²⁸³ A: cousas / B: sortes

²⁸⁴ A: à luz que a / B: a quem a

²⁸⁵ A: obediencia / B: obra

²⁸⁶ A: vem / B: vão

²⁸⁷ A: de / B: da

²⁸⁸ A: ao / B: o

Por me mandar, cuidá-lo não me atrevo,
 Porque tão obrigado
 Me sinto a este tamanho benefício
 Que inda devo mais gosto ao sacrifício.

Oh se alguém algũ hora
 Isto, que aqui escrevemos porventura
 Julgar por sonhos vãos, ou por pintura,
 Ignorará senhora
 De toda²⁸⁹ a causa sua, que a sabê-la,
 Diferentes efeitos crerá nela.²⁹⁰

Soneto

In: *Crônica de Dom Duardos* (III, 11)

Salteada Luciana, e defendida,
 Aqui jaz, por calar o que passara,
 seu defensor²⁹¹ morrera se falara
 E calando ao ofensor privou da vida

De amor foi toda a culpa conhecida,
 Se em seu silêncio da honra triunfara
 E ela porque vencida a honra ficara
 Pela honra quis também ficar vencida

Satisfez seu amor, mas foi de sorte
 Que à satisfação da honra achou ã meio,
 com que ficou igual de ambos a glória

Trofeo foi de sua honra a sua morte
 Seu silêncio de amor foi o trofeo,
 E escândalo do mundo a triste história

²⁸⁹ A: toda / B: todo

²⁹⁰ A: crerá nela / B: haverá dela

²⁹¹ A: defensor / C: ofensor